

PQ

9261

C238967

1874





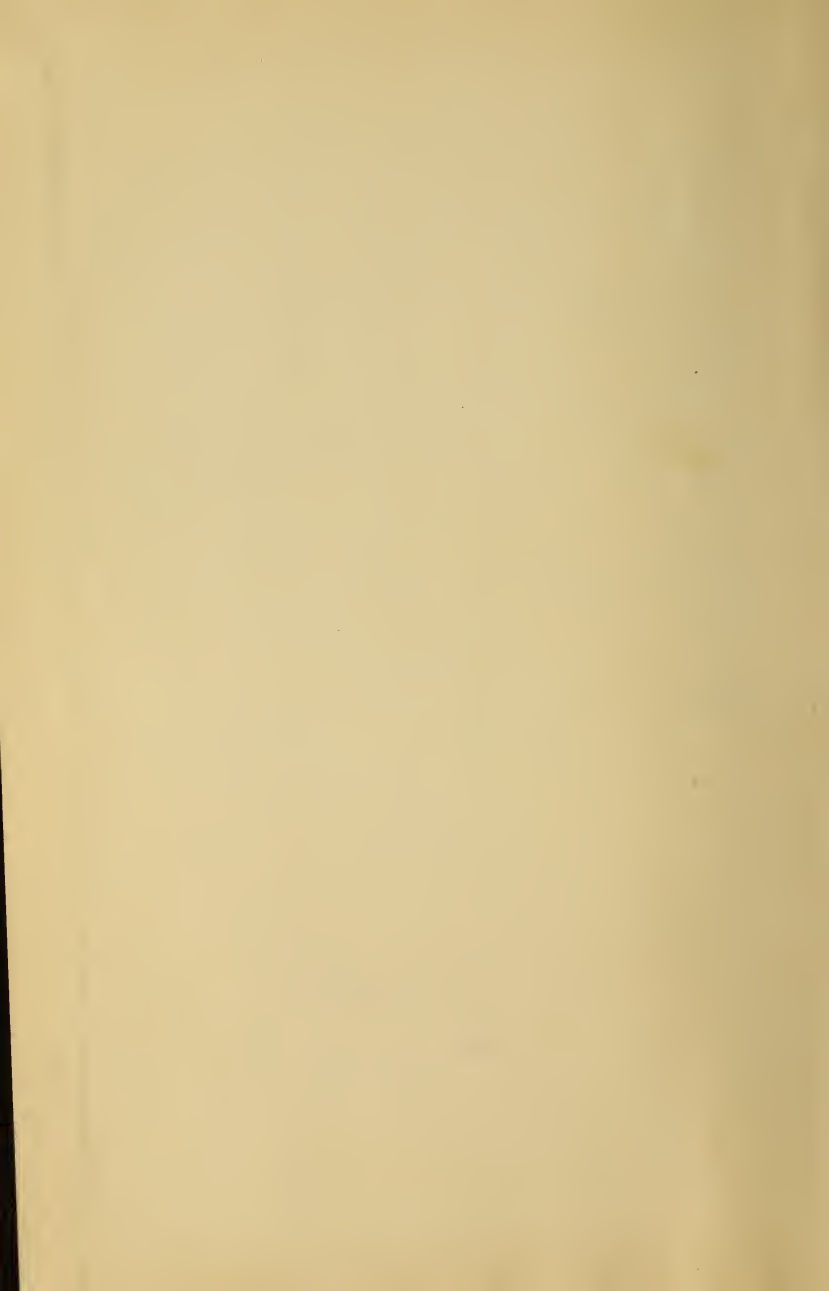
Class

PQ 9261

Book

C 2389 C. 7

1874



A LUZ DO PROGRESSO

BIBLIOTHECA ROMANTICA

ALFREDO CAMPOS

A CRUZ DE BRILHANTES

(CRÔNICA D ALDEIA)

ROMANCE ORIGINAL



PORTO

LIVRARIA PROGRESSO

DE ANTONIO DE SOUSA PINTO JUNIOR — EDITOR

119, Rua do Almada, 123

1874



3820

5688

A CRUZ DE BRILHANTES

32

20

2

*A propriedade d'este livro pertence, no Brazil, ao Ill.^{mo} Snr.
Augusto Cesar da Costa Guimarães, residente no Rio de Ja-
neiro.*

ALFREDO CAMPOS

Alfredo Campos
Compositor

A CRUZ DE BRILHANTES

(CHRONICA D'ALDEIA)

Alfredo Campos
Compositor

ROMANCE ORIGINAL

Alfredo Campos

—
José Antonio de Camalho Monteiro

Alfredo Campos

PORTO

LIVRARIA PROGRESSO

DE PINTO JUNIOR — EDITOR

119, Rua do Almada, 123

1874

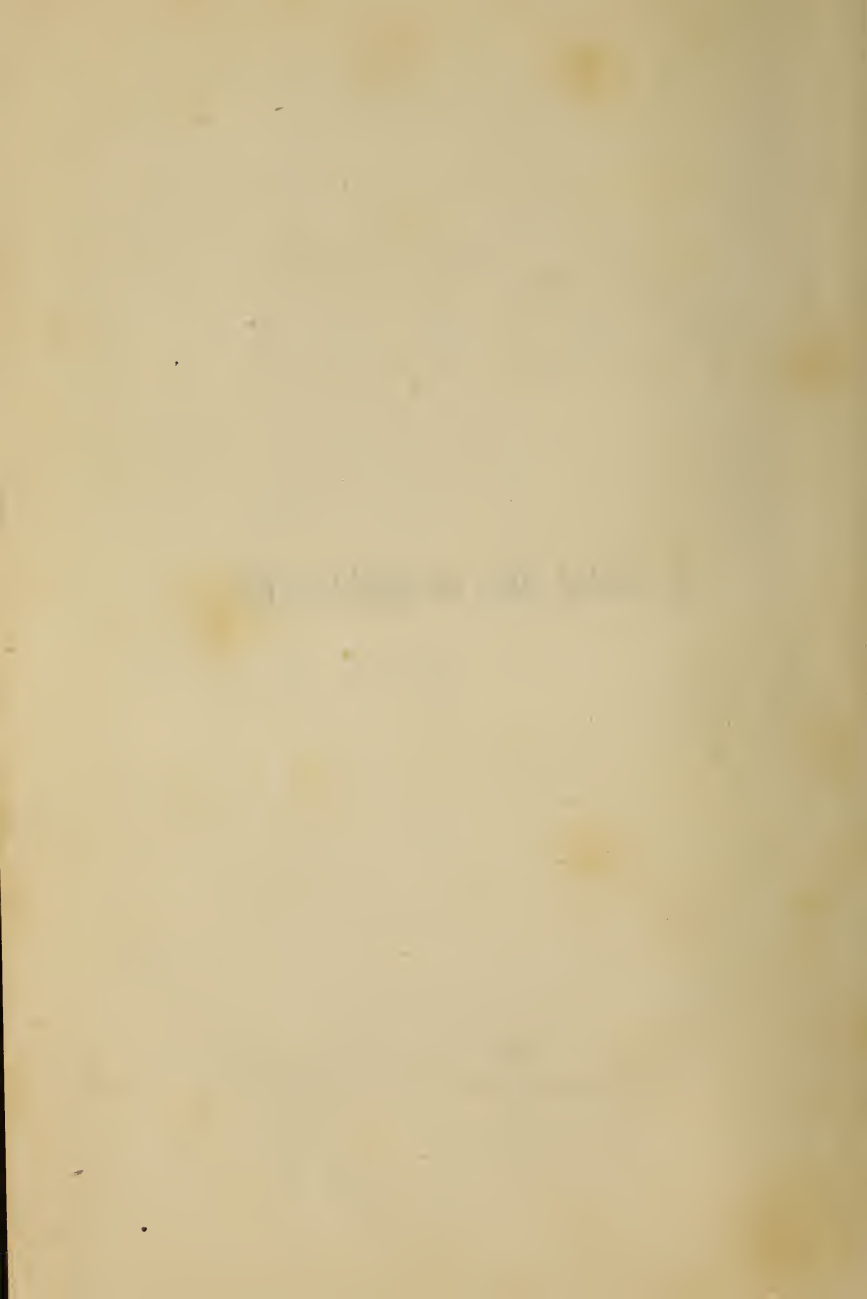
PQ 9261
C 2389 C7
1874

387270

128

AMK 3038

A CRUZ DE BRILHANTES



A SEU CUNHADO

ANTONIO CASIMIRO DA CRUZ TEIXEIRA

COMO A UM IRMÃO QUE MUITÍSSIMO SE ESTIMA
E AO QUAL SE DEVE MUITÍSSIMO

OFFERECE

O author.

MEU ANTONIO

É para ti esta pallida flôr do pequeno jardim da minha singela intelligencia, porque é de justiça, que, pelo menos, uma te pertença, das pouquissimas, que n'elle vão despontando, crescendo e desabrochando.

Cultivei-a esmeradamente no firme proposito de t'a offer-tar, e se não sahiu tão digna de ti, quanto eu desejava e quanto merecias, crê que não foi á mingoa de disvellos, de cuidados e de extremos. Foi porque o unico terreno, aonde a podia culti-var, completamente ingrato a melhoramentos, mais apropriado é para produzir urzes, do que para jardinagem e creação de flôres.

Ainda assim, se não tem a frescura dos lyrios, a pureza das açucenas, o perfume das violetas, o aveludado das came-lias, o encanto das saudades, o colorido mimoso dos amores-perfeitos, nem a elegancia das rosas da Alexandria, tem, ao menos, parece-me, e com isso devo contentar-me, o que quer que é de sympathica, porque desabrochou inteira, debaixo da esperança, realisada agora, de que tu a possuirias, boa ou má que ella fosse, por mais simples ou por mais encantadora que ella brotasse.

Não sei o que terá de valer aos teus olhos, nem o destino que estará reservado á pobresinha. Sei, sim, que me é dulcíssima consolação offerecer-t'a, porque d'este modo quero significar-te, e tanto quanto me é possível, a grande valia em que tenho os laços de parentesco, que ha annos nos ligam, e, ainda, o muito que, por numerosos motivos, me mereces em estima, em consideração, em reconhecimento, em affeição e sympathia.

E o que unicamente te rogo é que m'a não agradeças para me não envergonhares, e que a recebas, não como mimo de jardineiro, que não o é de certo, mas sim, e sómente, como lembrança d'irmão affectuoso, que tanto me vales.

Sempre

Teu cunhado devéras affeioadissimo,

Braga, 28 de Fevereiro
de 1874

Alfredo Campos.

Isto é uma criação, das infinitas, que se pódem
executar sobre o eterno thema do amor.

* * *

PROLOGO

I

A aldeia de Santo Estevam, como quasi todas as aldeias de pequena importancia, compunha-se, ha cerca de 25 annos, de pouco mais de duas duzias de casas de singella apparencia, enfileiradas d'um e de outro lado d'uma velha estrada d'ordem inferior e pouco transitada.

Era, no entretanto, alegre e airosa a povoação, poeticamente situada, e constantemente osculada pelos beijos amorosos d'um sussurrante ribeiro, que fertilisava os campos, que a circundavam.

Como occulta rosa em viçoso rosal, exhalava ella os perfumes d'uma vida tranquilla, apresentava todos os signaes d'uma existencia não agitada pelas paixões violentas e inquietadoras dos grandes centros populosos.

As casinhas, cuidadosamente caiadas, pareciam, na alvura de neve exterior, como que estarem fallando, apesar de todos os visos d'uma sympathica modestia, do aceio, da simplicidade e das doçuras do interior. Descubria-se á primeira vista que não chegava a Santo Estevam um echo, siquer, das dissensões, mais ou menos funestas, que lá por fóra, mais ou menos impetuosamente, abalavam a sociedade, e facilmente se advinhava por um não sei quê, que traiçoeiramente o estava dizendo, que os habitantes d'aquelle logar da nossa meio sombria, mas productiva provincia da Beira, mais viviam como uma unica familia, como irmãos, como amigos devéras e desinteressadamente affeiçoados, do que como membros de familias distinctas.

Succediam-se os dias no meio da placidez invejavel, d'aquelle doce e sereno viver do campo, sem que um acontecimento, funestamente grave, viesse interromper a suavidade da existencia pacifica d'aquelle Eden, d'aquelle mimoso mundo pequenino. A maior desgraça, que, de quando em quando, por inevitavel, havia a lamentar, era a morte d'algum dos habitantes da aldeia, que os outros ficavam chorando com verdadeira mágoa e não fingida saudade.

Vivia-se alli para o trabalho, e o trabalho fructificava prosperidades. Santo Estevam era pequena, mas abuntante; mais ignorada talvez do que merecia, mas feliz; pouco ambiciosa, mas abençoada por Deus.

A agricultura e a criação de gados, constituiam a sua principal fonte d'abundancia regular.

Nos braços de cada homem, que, por velhice ou enfermidade não fosse incapaz de trabalho, havia uma incansavel machina, labutando sempre para desentranhar do seio da terra os fructos, em que se desata, quando a fecundam e fertilisam as gotas do orvalho benefico d'um suor abençoado; existia, no coração de cada mulher uma esphera immensa de sublimes affeições; em cada mulher uma companheira dedicada de cada homem, um astro derramando esplendores de luz formosa no sanctuario inviolavel de cada lar; e havia em cada creancinha, um anjo meigo, que era fonte perenne d'íntimas alegrias, e finissimo espelho, onde se reproduziam os santos affectos da familia, onde vinham ainda reflectirse as doces recordações do passado, onde se desenhavam os encantos do presente e as ridentissimas esperanças do futuro.

Deus cobria com a sua benção aquelle meio ignorado cantinho do mundo, mas certo é que, em cada alma, em cada coração tinha Elle um altar, um sacrario, onde era venerado com amor, onde recebia um culto sincero e verdadeiro.

O povo de Santo Estevam era educado, então, debaixo dos salutaes principios da purissima religião do Martyr do Golgotha, por um pastor d'almas, que era o typo verdadeiro do padre christão, que bem comprehende e bem desempenha a augusta e difficil missão do sacerdocio, o qual pastor, nas longas práticas, com que amenisava as horas d'ocio dos seus freguezes, sabía radicar-lhes no seio a fé, a esperanza, a caridade, e todos

os bons principios e sentimentos d'uma grande religiosidade, que nunca transpunha os convenientes limites, para attingir o excesso, para degenerar em fanatismo.

Chamava-se Miguel Duarte da Silva o bom levita do Senhor.

Fôra nomeado parochio da pequena aldeia de Santo Estevam, no anno de 1848, e ninguem lhe conhecia a procedencia, ninguem lhe conhecia familia. Uma creada de pouco menos de meia idade, o acompanhou apenas, quando veio installar-se na povoação.

E ás vezes, quando algum dos seus parochianos, mais curioso e menos tímido, ousava inquiril-o sobre o assumpto, o sacerdote limitava-se a responder, com ar de gravidade, para obstar a que fosse mais longe a curiosidade do interrogante:

— A minha terra é agora aqui; a minha familia, sois vós, as minhas ovelhas, é a humanidade toda; a Deus e a ella voto a vida, a Deus e a ellas dedico os meus cuidados!

O povo respeitava o mysterio do bom do parochio, se havia mysterio n'esta sua reserva, e continuava a amal-o como a um bom pae, que tanto lhe valia elle, tão bondoso era, tão meigo, tão affavel, de bolça aberta sempre para accudir a qualquer necessidade, de palavras consoladoras para qualquer afflicção, medico interessado em remediar todos os males, e de coração sempre prompto para acolher todas as lagrimas, todas as mágoas, todos os desgostos!

II

Em 1850 tinha o padre Miguel Duarte da Silva 32 annos d'idade, mas mais parecia orçar, pelo menos, por uns 40, tal o representavam o seu aspecto, gravidade e nobreza de character.

Pouco rendosa a parochia de Santo Estevam, dava, comtudo, ao presbytero, os meios para viver dignamente, em relação com as exigencias da sua posição e ministerio, mas difficilmente lhe deixava economias para accudir aos pobres e desgraçados, como desejava, quando imploravam caridade, batendo-lhe á porta.

A igreja de Santo Estevam era pequena e singella, mas aceiada, elegante e formosa, e situada no extremo da rua, em que jaziam enfileiradas as modestas casinhas da povoação.

Construida na parte occidental da povoação, e d'uma architectura simples, mas bonita, tinha, d'um lado, o ribeiro dos *Alamos*, com o seu velho pontilhão de pedra, estreito e recurvado, e, do outro, a residencia, a poetica residencia do padre Duarte.

Consistia o ninho do presbytero em uma casa de um unico andar e aguas furtádas, mais que mediana em commodos, com duas janellas de peitoril e uma de

saccada, ao centro, no lado principal. Do lado esquerdo, unia-se aos predios contiguos e, do lado direito, a um vasto quintal, que era limitado, á direita, por uma das faces do amplo adro da igreja. Sobre o quintal, onde, entre uma variada cultura, sobresahiam dois velhos e esguios cyprestes, abria uma varanda, gradeada de madeira, que acompanhava o edificio em toda a profundidade.

Havia em cada canto da saccada do lado principal um caixão de madeira com roseiras do Japão, esmeradamente tratadas, e eram ellas que muitas vezes forneciam adornos para o altar-mór da igreja modesta. Duas cortinas d'alvissima cambraia interceptavam, para o interior, a vista nas duas janellas latteraes. Na varanda, voltada ao occidente, guarneçada em quasi todo o comprimento de uns bancos de madeira, repintados de verde, os pilares e os esteios, que sustentavam o tecto e o telhado, eram revestidos, uns, por umas videiras d'escollhida e genuina qualidade, os outros, por umas trepadeiras, que subindo do solo em apertados feixes, iam até ao telhado, dividindo-se ao longo dos beirões, como dominadoras do terreno, para a direita e para a esquerda, em tranças de pittoresco effeito.

A residencia era por dentro o que por fóra apparentava, modesta, simples, natural nos adornos e mobilia, mas tão acciada, tão fresca, tão airosa, tão bem aproveitada, quanto possivel. Nada havia alli, graças á cuidadosa Thereza, boa creada do padre, que não desabrochasse uns suaves perfumes da paz, da tranquillidade

de consciencia, que animava os dois entes, que lá se aninhavam.

O quarto do padre Duarte abria duas janellas e uma porta sobre a varanda lateral, voltada para a igreja. Tinha a mobilia indispensavel, e como quasi toda era de pau preto, aromatisava de leve, mas suavemente, o aposento.

Encostada a um dos panos da parede, e proximo a uma janella, da qual recebia luz, sobressahia pela elegancia e artisticos rendilhados, uma alta peça de madeira, de guardar livros, com sua escrevaninha na altura conveniente, atravez dos vidros superiores, da qual, facilmente se podiam vêr muitas obras de theologia, de moral, de religião, e as melhores dos nossos classicos, poetas e prosadores.

Depois das quotidianas obrigações, os livros eram, em geral, os amigos com que mais conversava o padre Duarte, e, de toda a casa, o seu aposento, aquelle, em que mais se demorava e permanecia, já entregue ás rezas e diarias devoções, já ao estudo dos grandes mestres e philosophos.

O padre Duarte era homem d'intelligencia mais que mediocre e rendedor de preito aos espiritos cultos, esclarecidos e finos.

E para prova de quanto detestava a cegueira da intelligencia; de quanto desejava vêr derramada a instrucção no seu rebanho, como fonte de onde jorraria a agua abençoada, que havia de apagar as labaredas do erro e das superstições, que incendiavam as classes menos abas-

tadas, deixando assim o terreno limpo e proprio para fructificar fartas colheitas de luz, debaixo da poderosa influencia do sol da instrucção, o padre Duarte fez de parte do seu presbyterio uma eschola de primeiras letras, fez-se elle proprio o professor, e ao chamamento da sua voz sympathica e respeitavel, accudiram logo velhos e novos, grandes e pequenos, tal era a magia do presbytero, a tomar cada um o competente logar no banquete espirital, que tão espontaneamente lhes facultava o bondoso parochio.

Ao cabo de alguns mezes depois, graças ao seu methodo e cuidado, poucos eram os fieis, que melhor ou peor não sabiam assignar o nome e ler, mais ou menos correntemente duas paginas no *Cathecismo da doutrina christã*.

Padre Duarte julgava-se, d'este modo, generosamente recompensado, duplamente gratificado, porque lhe era consolação íntima e premio valioso, a lembrança de que ia, por um lado, desbastando o matto virgem d'aquellas intelligencias incultas, e, por outro, affastando da taberna e das suas pessimas consequencias, uns poucos, que ainda a frequentavam, dos homens, cuja pastoreação lhe fôra confiada.

N'este abençoado trabalho, e ainda nas suas praticas religiosas e moraes, é que o respeitavel presbytero empregava parte dos dias santificados e as horas ferias nos dias de trabalho do seu rebanho feliz.

III

Estava quasi a terminar o anno de 1850, e ia tempestuosa a noite de 11 de Dezembro.

O padre Duarte ceíara, recolhera-se ao seu quarto, procedeu a algumas rezas e devoções, deitou-se depois e adormeceu, na tranquillidade da paz da sua impolluta consciencia, que bem contrastava com as tormentas, que lá por fóra começavam a abalar a natureza inteira.

Thereza recolhera-se tambem ao seu aposento e entregou-se ao regalado descanço, no meio da inteira satisfação, que innunda sempre as almas bondosas, quando têm a consciencia de que não faltaram a um unico dos seus deveres, pelo menos, voluntariamente.

Soaram 10 horas na pequena torre da igreja, e ainda se ouviam os echos das ultimas badaladas, que giravam rapidissimos nas azas do vento tempestuoso, quando um vulto, embuçado em um amplo capote negro, surgiu appressado ao pontilhão do ribeiro dos *Alamos*.

O céo estava carregado de nuvens sombrias e medonhas; começavam a cahir impellidas com violencia, algumas grossas bagas de chuva, que parecia gelada; o vento assobiava lugubrementemente, perpassando por entre os galhos nús e tristes das arvores, que semelhavam es-

queletos, e o frio como que penetrava atravez de tudo, tudo tentando enregelar e petreficar.

O vulto transpoz com visivel rapidez o pontilhão do ribeiro dos *Alamos*, seguiu, passou em frente da pequena igreja, como fugitivo phantasma de lenda pavorosa, olhando receioso para todos os lados, como que temendo que alguém o visse, proseguiu ainda, e sempre apressado e cauteloso, e parou á porta principal da casa do padre Duarte.

Tanto que alli foi chegado, como que levantou de baixo do capote, alguma coisa, que, por pesada, lhe estivesse fatigando os braços, lançou ainda uma ultima vez um olhar investigador á direita e á esquerda, levantou o capote de um dos lados, e bateu vigorosamente tres palmadas com a mão, na porta, a que se encostou talvez com o duplo fim de se occultar e de se resguardar do vento, que, cada vez era mais impetuoso, e da chuva, que principiava a cahir gelada e copiosa.

Decorreram dois minutos e de dentro nem o menor indicio de movimento. O desconhecido, impacientou-se, bateu novamente e com mais violencia.

Instantes depois abriam-se as portadas d'uma das janellas da frente, surgia, atravez das cortinas de cambraia, a claridade de uma luz, levantava-se em seguida a vidraça e uma voz perguntava do interior, com inflexões d'anciedade:

— Quem é?

Era a voz do padre Duarte.

— Um freguez, senhor, respondeu o incognito.

— Temos novidade? continuou o presbytero.

— E grande. Se sua senhoria se dignasse mandar abrir a porta . . .

— Lá vou n'um momento. Queira ter a bondade de esperar um instantinho.

O padre Duarte imaginou logo que tinha alguma das suas ovelhas em perigo e que vinham reclamar d'elle, os ultimos medicamentos — os medicamentos do espirito.

Desceu n'esta supposição a vidraça, fez desaparecer a claridade da luz no interior, apoz o que novamente se ergueu o silencio, quebrado apenas, pelos silvos agudos do vento e pelo ruido das cordas da chuva, que vinham fustigar o solo.

O desconhecido, quando presentiu que o presbytero descia as escadas, que vinham desembocar á porta da rua, desembuçou-se, pegou n'uma especie de fardo, que resguardava com cuidado, collocou-o na solleira de pedra, e dispôz-se a partir, quando o padre gritou de dentro:

— Já aqui vou!

— Eu espero, senhor, respondeu o incognito.

Mas embuçou-se de novo, partiu mais pressuroso do que viera, deixando no chão o embrulho a que lançou um triste olhar, um olhar que revelaria a qualquer luz um adeus muito sentido!

A este tempo já Thereza andava de pé, accordada, sem duvida, pelo barulho que fez o padre Duarte.

Este, tanto que foi chegado á porta, deu volta á chave, abriu-a um pouco para o lado interior, resguardou

a luz das lufadas do vento com uma das mãos, e olhou para fóra, dizendo :

— Prompto. Que temos a esta hora santinho?

Respondeu-lhe porém o vento e a chuva, e por mais que se affirmasse não viu, não via ninguém. Admirou-se d'isto o bom do presbytero, e avançou um passo para indagar, depois de ter ido collocar a luz no ultimo degrau das escadas. Porém ao adiantar-se aconteceu dar com o pé no embrulho que o desconhecido deixára, e ouviu, sahindo de dentro d'elle, fraco, abafado, impressionador, um gemido, que se repetiu algumas vezes. O padre abaixou-se. Chegava n'este momento a creada Thereza, tão repleta de susto, quão cheia de curiosidade.

— Que é, meu senhor? interrogou ella descendo o ultimo degrau.

— Um anjo, que provavelmente me vem do céu! respondeu o padre, que havia comprehendido tudo.

— Um anjo! exclamou Thereza, em visivel accento d'admiração.

— Um anjo, sim! Pega n'essa luz.

Thereza obdeceu. O padre Duarte levantou o fardosinho, sobraçou-o cautelloso, deitou a cabeça fóra da porta, como que indagando se alguem esperava, e depois de certificado, de que o desconhecido partira, voltou-se, dizendo á creada :

— Fecha a porta e não te demores. Façamos de nossa casa um ninho para esta pomba, e vamos vêr se a salvamos!

Thereza obedeceu machinalmente, com o espirito preso ao que via e ouvia.

O padre subiu apressado as escadas, levando consigo o fardo, como se levasse alli um grande thesouro. Os olhos relampejavam-lhe clarões d'alegria ao mesmo tempo que fuzilavam receios; o coração estremecia-lhe debaixo d'uns desconhecidos impulsos, e a alma parecia querer desdobrar-se-lhe para envolver o embrulho. Ver-se-hia claramente que o padre estava dizendo consigo:

— Obrigado, Senhor, porque mais uma vez me daes occasião de praticar uma acção boa!

Thereza não se fez esperar. Quando o presbytero, de pé, junto a uma meza da salla da frente, ia desdobrando os finissimos paninhos, que resguardavam o conteúdo do fardo, para melhor o analysar, se bem que o houvesse advinhado, já Thereza estava ao lado d'elle, de candieiro em punho, e na altura dos olhos, para mais facilmente vêr, exclamando, cheia de susto:

— Meu Deus! como me treme o coração!

O padre ao tirar os ultimos panos do embrulho, que era um açafate, cuidadosamente forrado por dentro e por fóra, encontrou deitadinha uma recém-nascida creança do sexo feminino, sentiu a vista meio turvada por duas lagrimas, que lhe subiram aos olhos, e, exclamou, erguendo insensivelmente as mãos em ar de supplica:

— Como hasde ser formosa, pomba, que tão desgraçadamente começa a tua peregrinação da existencia!

— Oh! Santissima Virgem da Conceição! accudiu

Thereza, tambem commovida. Pois ha n'este mundo mães tão crueis, que tenham forças para abandonarem, assim, os filhinhos innocentes! E como é lindo este anjinho!...

— Calla-te, Thereza! impôz o padre. Só Deus sabe os mysterios que vão por esse mundo, e os motivos que fizeram engeitada esta creancinha! Vamos, vamos cuidar d'ella que é o que nos cumpre agora. Eu sou n'este momento o pastor d'almas de Santo Estevam, e o pae e a mãe d'este anjinho, abandonado á porta do presbyterio!

IV

Na noite seguinte e á mesma hora, só um dos habitantes da pequena aldeia velava ainda.

Era o padre Duarte.

Em quanto Thereza dormia no seu quarto o somno pacifico dos que não temem nem devem, e, ao lado d'ella, deitada em fofa enxerga, no chão, uma robusta mulher amamentava a desconhecida creancinha, que, na noite anterior fôra depositada á porta do presbyterio; em quanto a chuva ia cahindo a torrentes e o vento ia gemendo lugubrememente, despindo as arvores das ultimas folhas que o outomno não levou, mais presas aos ramos, e por consequencia, á vida; em quanto a população da aldeia descansava apóz as lidas do dia, emba-

lada pelo concerto horrivel da tempestade, e a natureza se revolvia entre as tristezas d'um inverno rigoroso, estava o padre Duarte, no seu quarto, sentado junto á escrevaninha, com os cotovellos firmados n'ella, e a cabeça apoiada nas mãos, lançando alternadamente os olhos, n'uma clara expressão de investigação, ora para uma carta, que tinha aberta deante de si, ora para uma pequenina cruz de ouro e brilhantes que jazia em cima d'aquella.

A carta apparecêra, envolvida nas dobras d'uma roupinha da innocente, que constituia, agora, a familia do sacerdote, e a cruz de brilhantes trazia-a ella, pendente, no delicado pescocinho, por uma estreita fita de seda verde.

O padre Duarte não descansára, durante aquelle dia em quanto não viu de portas a dentro, uma ama para a pombinha abandonada, mas apenas a conseguiu, recolheu-se ao seu aposento, entregando-se ao cuidado de vêr, se, pouco ou muito, podia devassar o mysterio occulto na folha de papel, fechada e lacrada, que acompanhára a innocente creança.

A carta dizia assim, em lettra muito tremida, e, por vezes quasi illegivel:

« MEU PADRE.

« Vão tão longe e tão alto os echos, as tradições
« gloriosas das suas virtudes; são tantas as vozes a pro-

« clamarem, por toda a parte, os elevados sentimentos
« de caridade, que o adornam e distinguem; tantas as
« creaturas a abençoarem a sua bondade, a bemdizerem
« o seu coração, a sua alma e a sua vida, que não receio
« confiar á sua guarda e protecção, aos seus cuidados,
« amor e carinhos, a innocentinha que acaba de vêr
« agora a luz do dia. Baptise-a, senhor, dê-lhe o nome
« de Leonor, chame-lhe sua, e faça-a sua para que a
« estimem muito, eduque-a, dê-lhe instrucção como se
« fôra filha sua, que com outros paes não fica ella abai-
« xo de Deus e de Nossa Senhora.

« Escusado será recommendar-lhe que a ensine a
« orar pelos desgraçados, para que possa, d'esse modo,
« envolver nas suas supplicas, aquella que perde a vida
« para dar-lh'a, com as dôres de grandissimas saudades,
« entregue aos cuidados da sua caridade evangelica, se-
« nhor. Eu não, porque não posso, porque me sinto já
« com um pé na eternidade; mas talvez que um dia al-
« guem possa narrar-lhe as desventuras da infeliz, que
« de certo se não salvaria se não fosse mãe, e se não ti-
« vesse, para adoçar o desespero dos ultimos momentos,
« a confiança que lhe inspiram a sua virtude e religião,
« meu padre.

« Leva a innocentinha uma cruz de brilhantes ao
« pescoço. Se ella viver, e crescer, e se fizer mulher,
« e um dia, como será natural, lhe perguntar quem foi
« ou quem é seu pae, diga-lhe a verdade, diga-lhe que
« nunca o conheceu; e se depois o interrogar ainda, e
« quizer saber quem era sua mãe, oh! então, conte-lhe

« uma historia muito triste, uma historia qualquer, aon-
« de avultem muito as lagrimas, e diga-lhe que a des-
« venturosa morreu legando-lhe, como unica herança,
« os brilhantes d'essa cruz, symbolo das muitas lagri-
« mas, que ha chorado a infeliz, que está fazendo um
« derradeiro e supremo exforço para concluir estas li-
« nhas... Nada mais lhe peço, nada mais lhe supplico,
« oh! mas isto rogo-lh'o no leito de morte, ás portas da
« eternidade! O céo hade recompensal-o, senhor. Lem-
« bre-se que morro duas vezes, porque sou mãe! E ago-
« ra abençõe-me, meu padre, peço-lh'o pela pombinha
« que lhe confio, porque abençôa uma creatura, que tem
« menos de criminosa do que de desgraçada!...

« 8 horas da noite de 11 de Dezembro de 1850.

« L. »

O padre Duarte, inutilmente cansado de vêr, se, pouco ou muito, descobria o mysterio, que o collocava na posição de ter mais um ente ao seu lado, ao qual devia servir de pae e de mãe, e pela vida do qual era o unico responsavel agora, guardou á chave e bem guardadas, em uma gaveta da escrevaninha a carta e a pequenina cruz de ouro e brilhantes, que tinha deante de si, procedeu em seguida ás suas rezas e devoções, foi, cautellosamente, collar o ouvido ao orificio da fechadura do quarto, onde jazia a innocentinha, como para

certificar-se de que ella não chorava, voltou, e encerrou-se no leito, apagando a luz do seu candieiro d'azeite com um sopro.

Adormeceu como justo que era, e, pouco depois, como resultado das impressões e das ideias, em que se deitára, sonhava, dizendo a meia voz:

— Deus hade ajudar-me e Leonor será feliz!



I

A vida no presbyterio

Estamos no anno de 1867.

A aldeia de Santo Estevam ganhou um pouco das beneficinas influencias, moraes e materiaes, da civilisação, que vae chegando a toda a partê.

A vida continúa a deslizar placida e serena, no meio das alegrias, em que se desata a natureza, ainda não viciada. É doce a placidez da existencia n'aquelles valles, n'aquellas campinas e montanhas, e é providencial a pobreza farta, porque não rouba o tempo á contemplação das obras primas do Creador.

Os aldeões formam ainda uma como unica familia; o trabalho é a unica ambição, e a fonte perenne de dias abençoados e formosos. O lar domestico é sempre o santuario respeitado dos affectos santos e sublimes; o ni-

inho, aveludado de macias pennas, aonde gorgeia amores felizes a familia inteira; aonde se confundem em mavioso concerto, os gritos alegres das creancinhas loiras, com os canticos do amor do esposo e da esposa, que sonham felicidades, que trabalham em commum, sem se fatigarem.

Deus derrama a cornucopia das suas graças nas casinhas modestas e alvejantes da aldeia, porque em cada dia Elle é alli lembrado, supplicado e abençoado.

O ceu parece chover um orvalho benefico, nos vales, nos prados e nas encostas, para aonde se foi estendendo a cultura, porque a abundancia desabrocha flôres em cada cabana, por mais humilde e honesta, e porque os rebanhos e as manadas do gado crescem, multiplicam-se, prosperam e engordam, em cada aprisco, em cada redil.

O vicio fugiu de Santo Estevam, como inimigo completamente vencido, graças ao zêlo e aos cuidados do seu parochó, do seu bondoso pastor d'almas, e, á noite, em vez das questões particulares; aos domingos, em vez das orgias do jogo e do vinho, na taberna; em vez dos despeitos e das invejas, productores de mil males, cada um se entrega a mais proveitoso e ameno passatempo, cada um cura da sua familia; cada um ensina aos seus filhos, o que apprendêra do seu padre e do seu mestre. Ha, sem duvida, alli, o que quer que é d'uns vivos reflexos da existencia do Paraizo, nos seus dias de prosperidade.

Ninguem conhece as luctas e os odios, que agitam

os grandes centros populosos. Alli, todos se respeitam mutuamente, velhos e novos; cada um se regosija com as prosperidades alheias, tanto, como com as proprias, e lamenta-se a morte de algum conterraneo, como se lamenta a perda de um pae, d'uma mãe, d'uma esposa, d'um irmão, d'um parente, d'um amigo dedicado e querido.

Que placida vida a da aldeia de Santo Estevam! que dias tão suaves! que noites tão estrelladas! que perfumes tão embriagadores! e que sonhos tão esplendidos!

Alli, reflecte-se o céu na limpha de cada regato, que serpeia por entre os salgueiros e boninas do valle, ou na corrente do ribeiro, que vae osculando o sopé de cada montanha. As arvores florescem e fructificam na estação propria com pasmosa abundancia; as colheitas são sempre fartas; alegres as sementeiras, e abençoado e fertil o terreno!

Feliz existencia a dos aldeões de Santo Estevam!

O padre Miguel Duarte, què conta agora perto de cincoenta annos, é ainda o como chefe unico d'aquella tribu pacifica e trabalhadora, o pae carinhoso, o medico consolador, o bemfeitor constante, o mestre, o guia, o conselheiro, e muitas vezes, emfim, o juiz dos habitantes da aldeia. Lá anda, de dia a dia, distribuindo esmolhas á porta dos necessitados, derramando balsamo sobre o leito dos afflictos, repartindo o pão espiritual ás creancinhas, que o respeitam como se fôra seu pae amantissimo, e cumulando de sorrisos e palavras meigas e consoladoras a todos.

Traz no rosto os traços claros e vivos da intima tranquillidade da consciencia e do coração; nos olhos os reflexos luminosos das bençãos, que o céo e a terra chovem sobre os cabellos meio nevados da sua cabeça elegante e imponente.

É ditoso o padre e ditosa a vida no presbyterio.

Leonor cresceu debaixo dos beneficos bafejos do amor puro e santo do sacerdote, e, ao rosto d'um anjo, meigo e candido, aonde brilham dois olhos grandes, negros, formosos e fascinadores; a um corpo delicado, meio franzino, alto, elegante, de fórmãs perfeitas, junta uma alma de pomba, que nem sequer sabe o que é o mal, um coração, todo candura, aonde parece que, abençoadamente, foram lançadas as sementes fructificadoras dos santos sentimentos do presbytero, que ella chama *padrinho*.

Tem mais d'estes anjos, que se veem nos retabulos e esculpturas dos velhos mestres, das antigas cathedraes; tem mais d'uma fada seductora, das que tanto esmaltam as formosas e poeticas lendas do decantado Rheno, do que de uma creatura d'este mundo, que parecera nascer debaixo da influencia d'uma funesta estrella.

O padre Duarte fez desenvolver-lhe o corpo e cultivou-lhe o espirito, e, graças aos seus extremosos cuidados, Leonor sahio uma flor, mimosa de colorido e suave de perfumes. Até *cravo* toca, de que foi mestre o proprio padre Duarte, que é tambem um eximio tocador de órgão.

Leonor é a alegria do presbyterio e o enlevo inteiro do sacerdote.

Suave e formosa, é ella quem enche de jubilo o presbyterio, com os seus sorrisos angelicos, com as suas palavras meigas, com os seus folguedos innocentes, parecendo que tudo em volta d'ella se anima, se alegra, se enthusiasma, se enche de luz e de perfumes. Parece um espirito benefico. Tem o condão de dissipar todas as tristezas, e não ha nuvem de melancholia que resista ao sol dos seus formosos olhos.

É uma aurora permanente d'um d'estes dias esplendidos de Maio!

É a benção celeste que está sempre orvalhando docemente a alma e o coração do sacerdote, como que para agradecer-lhe os beneficios, que derrama por toda a aldeia.

Como o tempo deslisa sereno e tranquillo no ninho do presbyterio!

Passa o inverno com as neves nas montanhas; com o frio que tiritia em cada membro; com as chuvas, que inundam os valles e engrossam os ribeiros e os regatos e obstruem os caminhos; com as ventanias medonhas, que arrancam as arvores e as derradeiras folhinhas que o outomno não levou; com os seus dias sombrios e tristes, e as suas noites negras, eternas, aterradoras.

Debate-se lá fóra a natureza e parece que os elementos travaram encarniçada lucta, lucta de gigantes ferozes!

No presbyterio é a caridade quem vem lembrar o inverno, a caridade, que hade levar a esmolla aos necessitados, a esperança aos que desanimam e a consolação aos afflictos.

De dia, o padre Miguel Duarte entrega-se ás rezas e devoções e obrigações do seu ministerio de sacerdote e mestre-eschola; Leonor trabalha, canta e toca no seu *cravo*, na salla grande da frente, no descuido proprio da sua idade, e na alegria em que traz o coração, em quanto a velha Thereza labuta no serviço e arranjo da cosinha.

Á noite, reúnem-se os tres; Thereza fia na roca, redopiando o fuso entre os dedos, aonde passa o fio do linho humedecido pela saliva da bocca; Leonor, sentada n'um banquinho de madeira, concerta a roupa de seu padrinho, ou faz uns ramos de flores artificiaes para os altares da igreja, e o sacerdote lê algum dos seus aucthores favoritos, em prosa ou em verso. Ao centro um brazeiro de cobre, amplo, no estrado do qual se aninham sempre um gatto maltez, e um cão negro, grande, felpudo, eis um quadro intimo digno do pincel afamado d'um artista de merito dos da eschola flamenga.

Umaz vezes o padre Miguel lê alto algum livro menos scientifico e mais ameno, e as duas ouvem e trabalham, interrompendo-o, de quando em quando, ora uma, ora outra, para pedirem uma explicação, sobre qualquer passagem, sobre qualquer pònto da leitura, explicação que o sacerdote dá logo, sorvendo a sua pitada de rapé, procurando sempre o meio melhor e as palavras mais proprias para bem se fazer comprehender.

Outras vezes, conversam todos sobre os estragos do temporal, sobre os males a remediar, as esmollas a fazer, os arranjos da igreja, a probabilidade da fartura na colheita proxima, sobre os rendimentos da parochia, que vão sendo um pouco mais vantajosos, e sobre as mil coisas, em fim, em que póde conversar e discutir quem vive a doce e tranquillida vida das aldeias.

N'uma ou n'outra noite, Leonor vae sentar-se ao *cravo*, e executa com certo mimo umas melodias, que lembram as melodias de Schubert; o padre embebe-se n'ellas e parece sonhar com ellas, e Thereza, lá vae fiando sempre, sem nunca se esquecer de ser a primeira a applaudir a sua querida menina. Chega n'este meio tempo a hora da refeição nocturna, procede-se a ella, continua-se ainda a conversar, e, em quanto a tempestade vae lá por fóra como que revolvendo a natureza, vão as tres bondosas almas recolherem-se aos seus leitos, adormecendo como justas, depois das jámais esquecidas graças a Deus.

Passa o inverno, e surge a primavera, e apoz o verão. Os dias continuam a ser placidos e ditosos. O padre Miguel Duarte sáe em cada manhã ás suas excursões piedosas, animando uns ao trabalho, outros á resignação, e todos a bem-quererem-se.

Ao atravessar os campos, ao seguir pelos atalhos, ao subir qualquer encosta, todos o acolhem com alegria e respeito, de toda a parte saltam as demonstrações de quanto é estimado e querido.

—Bons dias, meu bemfeitor! dizem uns.

— Guarde-o Deus, meu pae! dizem outros.

— A sua benção! pedem as creancinhas, saltando de contentes.

— Viva o nosso santo cura! murmuram os velhos.

Volta apoz o seu passeio, almoça em seguida ao officio da missa, a que Leonor assiste sempre, cheia de religiosa unção, e vae depois receber a geração nova, na salla que converteu em eschola.

Leonor levanta-se alegre, prepara-se, vae regar as japoneiras da janella e as flôres predilectas do quintal, sóbe depois, trata da meza para o almoço do padrinho, alegre como qualquer ave, travessa como uma andorinha, cantarolando sempre, sempre em jubilos, e vae assistir á missa, quando a sineta a chama.

Thereza lá anda na cozinha, deitando a refeição ás gallinhas do quinteiro, tratando do almoço, affagando o *Tigre*, que a não deixa sem o competente pedaço de broa, e o maltez, que mia ás vezes como desesperado.

Depois do almoço, Leonor vem para a varanda, que fica voltada para a igreja; Thereza ou vae lavar, ou vae corar as suas meadas, até que chéguem as horas de tratar do jantar, e, em quanto o padre ensina as creancinhas, e as aves andam aos bandos, chilreando amores, d'arvore para arvore, ou architectando o ninho no orificio d'alguma parede, Leonor custura e canta, como que para casar a sua voz melodiosa, á voz dos passarinhos, e Thereza vae dando á lingua, com alguma visinha, que a vem ajudar ao coradouro ou á barrella.

Ao fim de cada tarde, quando o sol é menos arden-

te, o padre sahe com a *afilhada* ao lado, e vão ambos por esses campos fóra, saudando a uns, alegrando a outros, ella fazendo-lhe mil perguntas curiosas, elle respondendo-lhe affavel, mostrando-lhe as bellezas de cada paysagem, os encantos da natureza, impregnando-a dos perfumes da doce poesia da creação vicejante, instruindo-a sempre a proposito de qualquer coisa, ensinando-a a abençoar a Deus e ao céo, desenvolvendo-lhe, emfim, a alma e o coração, fazendo-lhe sentir as bellezas, que se vão succedendo sempre, ao passo que vão proseguindo no seu recreio.

Ás vezes aggregam-se-lhe duas ou tres creancinhas da aldeia, attrahidas pelos sorrisos e pelas angelicas caricias da formosa virgem, e o quadro toma então as dulcissimas e encantadoras cambiantes que naturalmente ressaltam d'aquella suave união da infancia, da mocidade e da virilidade.

Os que trabalham no campo deteêm-se ao verem passar o grupo formoso, e, de lónga ou de perto, enviam-lhe sempre uma amigavel saudação.

No monte e nas encostas, os pastores e as pastoras, alegram-se quando vêem o sacerdote e a *afilhada*. Aqui e acolá, durante a passagem, um corre a pedir conselhos, outro a mendigar consolos, e o padre em toda a parte vae derramando o coffre das graças e da bondade, que o caracterisam.

Animam-se, então, as flores, a atmospherá enche-se de doces perfumes, as aves cantam como que ao desafio, o sol parece despedir-se com saudade, ao descer por

traz da montanha que se eleva no horisonte, e as auras vespertinas passam ligeiras e rescendentes, trazendo nas suas azas invisiveis, os echos meio amortecidos das poeticas canções dos que andam trabalhando nos campos.

O padre Miguel Duarte faz sentir tudo isto a Leonor, que nada perde, a que nada escapa, que tudo admira, que tudo quer saber, e, muitas vezes, já as estrellas se accendem no céu azul, e a lua dardeja os seus raios de prata nos montes e campinas, quando recolhem a casa, aonde vão encontrar Thereza, sentada na varanda, de roca á cinta e maltez ao lado.

Tigre, o cão negro, felpudo e grande, é sempre a guarda avançada nas idas e vindas de cada passeio, ora ladrando, saltando e brincando, ora affagando Leonor, de quem é o predilecto.

Quando regressam sentam-se na varanda, contam a Thereza o que viram, o que disseram, o que ouviram, e lá vão depois para a salla continuar a leitura da noite antecedente, ou incetar leitura nova, n'aquella intimidade e doçura, que são a unica imagem mais approximada do céu na terra. Depois, em quanto o padre Duarte descança e saboreia a sua pitada, vae Leonor para o *cravo* executar alguma suavissima melodia das do seu mimoso repertorio. E com que sentimento que ella toca! Parece que se abre a distancia uma nesga do céu, e que veem de longe até alli, os echos dos concertos dos anjinhos!

Algumas vezes o passeio limita-se apenas ao passal, e Leonor vae, então, n'essas tardes, sentar-se ao fundo

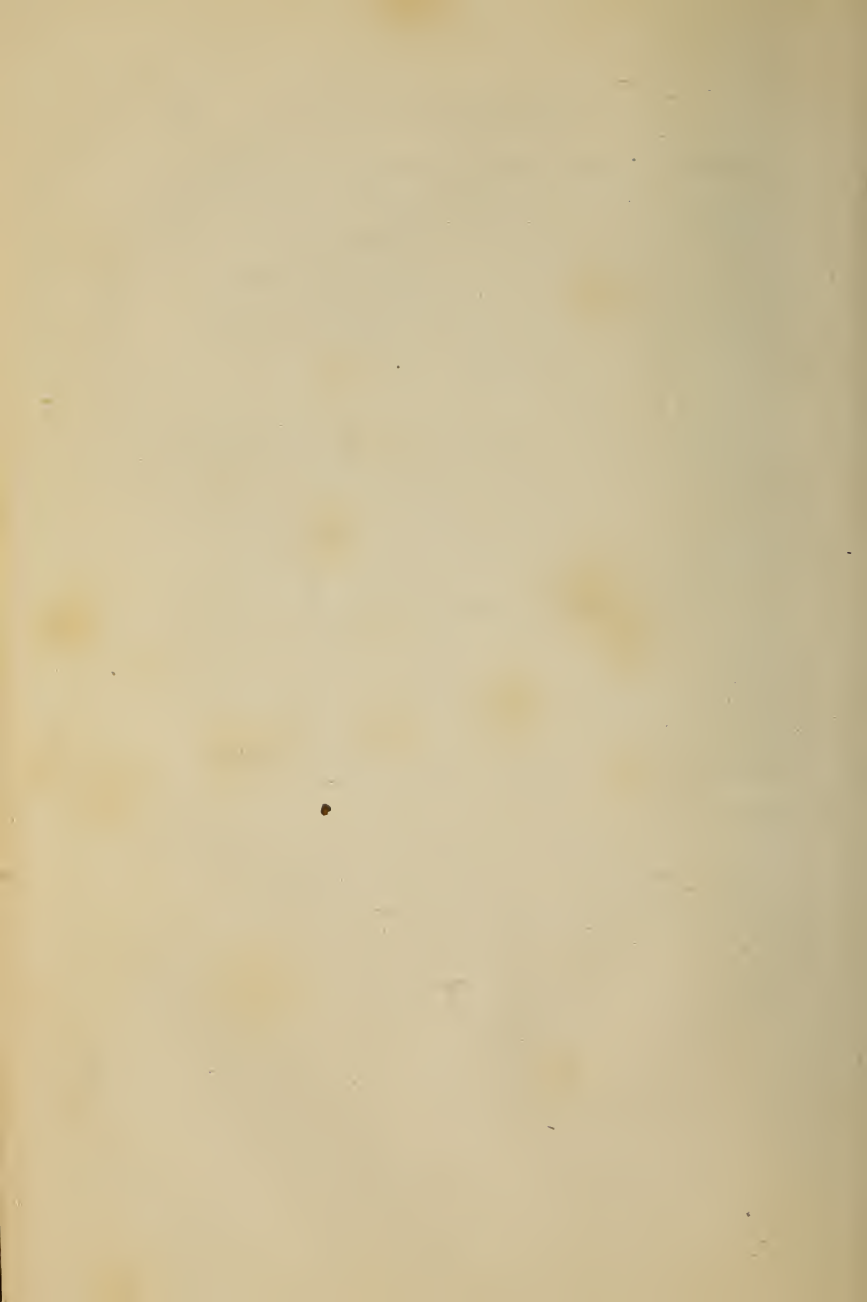
do vasto quintal, n'um tosco banco de pedra, debaixo d'um cedro secular, á margem do ribeiro dos *Alamos*, a ouvir cantar as avesinhas dos salgueiros, e alli se esquece de si, embebida não sei em que vagos pensamentos, em que ignotas cogitações, que lhe roubam ao rosto a intima alegria, sem lhe fazerem desmerecer o encanto, a formosura e os attractivos.

Pensará em sua mãe? . . .

N'esses momentos prega os olhos na agua da corrente, n'um ponto ao acaso, e, como ella, que vae deslizando hoje sem saber aonde estará amanhã, esquece-se, alli, do mundo, do presbyterio, do seu *padrinho* talvez, para sonhar, quem sabe? com o céo, com os anjos, e com as ignotas felicidades, em as quaes, tantas noites nos serões, e tantas tardes nos passeios, lhe falla o velho sacerdote.

Está alli n'um como intimo devaneio, de que quasi sempre a vem accorder o padre, ou o negro *Tigre*, que recolhe de ter acompanhado aquelle n'alguma excursão mais demorada.

Tal é a vida na aldeia; assim correm os dias no presbyterio, serenos sempre, sempre perfumados das dôces alegrias em que se desabotoam as castas e intimas affeições!



II

Um susto... agradavel

Era por uma formosa tarde de maio e seriam tres horas.

Leonor, o padre Duarte e a velha Thereza, estavam sentados na varanda do presbyterio, n'aquella doce intimidade d'uma vida sem nuvens.

O sol dardejava os seus raios esplendidos pelos valles, pelas campinas, pelos prados e encostas. As aves andavam desfiando as perolas finissimas dos seus cantares melodiosos; a atmosphaera impregnava-se dos perfumes suaves das flores que desabrochavam em toda a parte; sorria-se a creação e a natureza; os camponezes lá andavam na quotidiana lida, alegres, contentes, satisfeitos; levantavam-se de toda a parte as vozes invisiveis da primavera que se affestoava de grinaldas, e vi-

nham de longe nas azas da brisa embalsamada as notas dos trovadores aldeões, que trabalhavam animando o labor com o canto.

Não ha nada mais esplendido do que um dia de primavera em pleno campo!

Que ar puro! que sol tão fecundante! que flores tão singellas! que larga liberdade! que horisontes tão vastos! que paysagens tão ridentes! que ignotas delicias para o espirito, que se mergulha em silenciosa e suave contemplação!

Alli os pulmões rejuvenescem, o corpo vigorisa-se, a vista abrange d'um só jacto um sem numero de bellezas, que não ha, que nunca houve, que nunca poderá haver nas grandes cidades, o espirito dilata-se e embrenha-se por aquellas arvores e prados floridos, o coração arrouba-se em dulcissimos extasis, e a alma abre as suas azas, como borboleta branca, aos raios formosos d'aquelle bello sol, e lá vae, voejando doidinha pela amplidão, sorvendo a longos haustos as emanações balsamicas, e como que querendo attingir o azul limpido da abobada celeste.

Alli, o espirito comprehende melhor as bellezas da creação, porque tem mais aberto, deante de si, o grande livro d'ella, dá-se mais a contemplal-as, a estudal-as, a analysal-as, e descobre, sem exforços, o dedo sublime de Deus, no malmequer branco do prado, no rosmaninho perfumoso da encosta, na lymphá prateada do regato palreiro e no trinado melodioso do rouxinol que enfeitiça!

Alli, emfim, a gente despreocupa-se dos odios, das

paixões, das invejas partidarias, para se lembrar que vive, que gosa, que sente e se extasia!

Conversavam os tres na varanda: Leonor fazendo desabrochar, a pouco e pouco, umas flores mimosas e brancas, em um nevado lenço de cambraia finissima; Thereza dobando uma perfumosa meada de linho corado, n'uma dobadoura que geme n'um certo ponto de cada rotação, e o padre Duarte, sentado n'um dos compridos bancos de madeira, com os pés ao sol e um volume de Bossuet na mão. *Tigre* e o maltez dormiam juntos, como que fraternalmente.

— Não pense n'isso, meu *padrinho*, dizia Leonor, olhando para o padre, que parecia meditar. Deus ha-de fazer tudo pelo melhor, verá.

— Não posso esquecel-o, Leonor, respondia o presbytero com accento de tristeza. No estado em que eu o vi, em que o deixei esta manhã, pouco póde durar de certo. Pedro era o typo da honradez e não havia pobreza tão grande, nem tão honesta como a sua. Não sei o que ha-de ser das filhas, quando Deus lhe levar a alma. Tenho pena d'elle, Leonor; era um velho digno da minha estima. . . queria-lhe como a um irmão.

— O senhor cura bem vê que elle é já muito velhinho, accudia Thereza.

— As almas bondosas nunca envelhecem, são como o sol, replicava o padre Duarte. Velhinho! Era por isso mesmo que eu o respeitava e estimava, e que toda a aldeia o-olhava com a veneração, que se deve sempre aos cabellos de neve e á experiencia dos annos.

— E não ha esperanças nenhuma, meu *padrinho*, nenhuma?

— Creio que não, minha Leonor. Alli só Deus podia operar um milagre. Eu lamento muito a perda do homem e do amigo, mas lamento mais a falta do pae. Bem sabes que ficam para ahi, quasi em completo abandono e inteira miseria as duas filhas, que são duas bondosas raparigas. Conhece Deus o que ellas hão trabalhado e soffrido desde que Pedro adoeceu! Que hão-de ellas fazer sem meios? Quem ha-de guial-as? Quem hade amparal-as no momento em que o pae lhes faltar? Quem ha-de livral-as dos precipios do mundo, quasi sempre cobertos de flores á superficie?

— Coitadas! são boas filhas e Deus será por ellas! exclamou Thereza.

— Véem para nossa casa, meu *padrinho*! acudiu Leonor.

— Para nossa casa, filha! Oxalá que eu pudésse! Mas tu bem sabes que nem tenho rendimento para as sustentar, nem trabalho para empregal-as. Sobram-me os bons desejos, é boa a minha vontade, mas a pobreza dos meus recursos não me deixa ir longe. Demais, filha, é tempo de ir pensando no teu futuro; preciso de fazer economias, para que não fiques como as duas donzellas, quando Deus fôr servido chamar-me.

— Não pense n'isso, que ainda está muito novo, senhor cura, atalhou Thereza.

— Deus e Nossa Senhora hão-de proteger-me, meu *padrinho*.

Ouviram-se n'este momento uns gritos afflictivos, e os tres levantaram-se subitamente, como impellidos pela mesma força.

Quasi no mesmo instante, entrava na varanda uma donzella aldeã, que teria, quando muito, uns desoito annos d'idade, alta, de formas regulares, feições sympathicas, morena, d'olhos negros, cabellos em desalinho, lagrimas nos olhos, e trajes simples.

— Accuda-nos, senhor cura! gritou ao entrar na varanda e cahindo de joelhos aos pés do presbytero.

— Que é, minha Rosa? interrogou Leonor, approximando-se d'ella e levantando-a.

— Que ha, minha filha? perguntou o padre estremecendo e descorando.

— Morreu? atalhou Thereza quasi ao mesmo tempo.

— Oh! ainda não, mas está por instantes, soluçou Rosa, quasi suffocada. Já se despediu de nós... Vá lá, senhor cura, vá ajudal-o a fechar os olhos...

— Não chores, minha boa Rosa, não chores, que nós seremos teus amigos, dizia Leonor commovida, affagando as mãos da donzella.

— É meu pae, menina Leonor! soluçou de novo.

— Tens razão, filha, tens, mas Deus assim o determina, accudiu Thereza.

O padre Duarte sahiu tristonho da varanda, e dois minutos em seguida, já elle atravessava o adro da igreja, em direcção á casa do moribundo.

Rosa ao vê-lo exclamou logo:

— Oh! deixem-me ir tambem... o senhor cura já lá vae...

— Socega, Rosa, fica, pedia Leonor, quasi com as lagrimas nos olhos.

— Pega-te com o nosso Santo Estevam, disse Thereza.

A donzella, porém, não attendeu a nada, partiu apressadamente e em pouco tempo havia alcançado o digno sacerdote, que ia chorando umas lagrimas de compaixão, amargas e sentidas.

Leonor e Thereza guardaram silencio durante algum tempo; pareciam recolhidas em intimo meditar, em profundas cogitações.

E porque não?

Na aldeia, eram todos por um, e um por todos. Um dos membros da familia de Santo Estevam estava a exhalar o ultimo suspiro. Os outros lamentavam a desgraça, tanto maior, quanto ella ia pesar sobre duas raparigas, que ficavam ao desamparo n'este mundo! Já não tinham mãe, porque a haviam perdido, n'uma idade, em que ainda não lhe comprehendiam os carinhos e as doçuras; agora iam perder o pae, que apezar de decrepito, era o seu unico amparo, o seu unico protector.

Durou aquelle silencio alguns instantes. Só o maltez resonava, estendido ao sol, ao lado do *Tigre*, e a dobadoura de Thereza continuava a gemer n'um ponto de cada volta.

Depois, como assaltadas pela mesma ideia, Leonor accudiu :

— Pobre Rosa !

— Pobre Maria ! exclamou a velha, quasi ao mesmo tempo.

— Deus tome á sua conta a alma de Pedro ! murmurou Leonor.

E levantou-se, poisou o bordado, em que estava trabalhando, no açafatinho de vimes finos, que tinha aos pés, collocou tudo sobre um dos bancos de madeira, tomou um volume de sermões de Vieira, que o presbytero deixára ao pé do volume de Bossuet, e dispôz-se a sahir, dizendo :

— Vou até ao cedro do ribeiro, Thereza.

— Já, minha menina ?

— Já, sim ; estou muito triste. Vou lêr um bocado, em quanto espero que o padrinho volte.

— E quando voltará Leonor ! que golpe que elle vae soffrer tambem, coitado !

— Não imaginas como me affligem os desgostos da Rosa e da Mariquinhas !

— Coitadas ! são tão boas raparigas . . .

— Até logo.

— Vá com Deus, minha menina.

— *Tigre !* chamou Leonor.

O cão accordou e pôz-se d'um pulo em pé, meneando a cauda e olhando meigamente para a formosa menina.

Não ha animal mais meigo, nem mais dedicado do que o cão. O cão é docil, humilde, fiel e reconhecido.

— Vamos, *Tigre*, disse Leonor, anediando-lhe a cabeça.

E sahiu.

O mollosso seguiu-a contente, e com modos de quem estava já habituado a acompanhar-a nas suas excursões e passeios.

O cedro do ribeiro, de que Leonor fallára, ficava ao fundo do vasto quintal do presbyterio. Era uma arvore secular de ramagem verde escura, cuja copa formava um docel, debaixo do qual se abrigava, uma tosca meza de pedra, em volta da qual havia dois bancos da mesma materia, toscos tambem, e parte do muro da propriedade, que, a pequena profundidade, era beijado pela lympha pouco torrencial do ribeiro dos *Alamos*.

Era uma especie de retiro, aonde, nas tardes calmosas do estio, ia tomar o fresco a familia do presbyterio.

Leonor desceu vagarosa e pensativa, por entre as alêas d'alecrim perfumoso do quintal, precedida do *Tigre*, e foi sentar-se sobre o muro, debaixo da copa do cedro, a olhar melancholicamente parâ a agua da corrente, que ia deslizando murmuradora.

Na margem opposta, havia, em grande extensão, uma muralha de silvedos e madre silvas floridas. As aves saltitavam de um para outro ramo, cantando contentes e felizes, chilreando em torno aos ninhos queridos. A atmosphaera estava impregnada dos aromas, em que se desata a primavera, sobretudo, no campo. Era uma tarde formosa.

Leonor parecia n'aquelle momento uma d'estas creações magicas do cinzel d'algum artista italiano.

Com o cão ao lado, os olhos pregados na corrente, o livro na mão e o rosto n'uma expressão melancolica, mas celeste, ninguem, ao vê-la assim, deixaria de sentir-se attrahido a ella.

Em que scismaria a formosa virgem? Que pensamentos a estariam dominando n'aquelle momento? Porque regiões lhe andaria voejando o espirito?

Os campos mais proximos estavam desertos; só as folhas das arvores faziam algum ruido, docemente impellidas pelo sopro d'uma aura suavissima, que trazia de longe os echos d'essa voz mysteriosa, que anima sempre a natureza e a criação.

Leonor, depois d'algum tempo de silenciosa meditação, abriu ao acaso o volume de Vieira, lançou o olhar á pagina que tinha aberta deante de si e começou a lêr a meia voz, na sua voz afinada, doce, melodiosa e meiga.

O celebre jesuita se alli surgisse n'aquelle momento teria, sem duvida, um grande jubilo. Um anjo o estava lendo.

De subito, ouviu-se, do outro lado do ribeiro, a detonação de um tiro, Leonor soltou um grito de susto, deixou rolar o livro, que foi cahir á agua, e quasi no mesmo momento veio rolar-lhe aos pés uma ave, que se debatia para voar, impossibilitada pelo ferimento em uma aza. *Tigre* levantou-se immediatamente e começou a ladrar. Do outro lado rompia a sebe de silvas um perdigueiro branco, offegante de canção, e, quasi ao mes-

mo tempo, surgia tambem a cabeça d'um moço elegante, sympathico e bem trajado.

— Aboca, Navarro! gritava elle.

Leonor estava dominada pelo susto que recebêra, não só pelo estampido do tiro inesperado, mas, sobretudo, porque havia sentido na copa do cedro alguns bagos de chumbo, expellidos pelo fuzil.

O perdigueiro branco atravessou o ribeiro, saltando-o por sobre umas alpondras naturaes que havia em toda a sua largura, procurou a parte menos elevada do baixo muro do quintal do presbyterio, e subiu, correndo, a ir abocanhar a pequenina ave, que ainda luctava no chão, em quanto que o *Tigre*, de pé, sobre a parede, ladrava com certa ferocidade, e como que defendendo Leonor, ao mancebo, que, descendo do outro lado do ribeiro, seguia o caminho do seu cão de caça.

Tudo isto se deu em menos tempo do que o preciso para o narrarmos.

O mancebo quando chegou ao meio do ribeiro e fitou melhor a receiosa menina, que estava agora mais espantada que assustada, perguntou com voz insinuante:

— Dá licença que siga o meu cão?

— Faz favor, mas não cáia ao ribeiro, respondeu Leonor, novamente cheia de receio.

— Pareceu-me que lhe cahiu aqui alguma coisa. É certo? perguntou elle meigamente.

— Um livro; está aqui em baixo, entre estas duas pedras.

— Vou salvá-o e restituir-lh'ó.

E atravessou a corrente, saltando aqui e acolá, apanhou o livro, subiu o muro do quintal e dirigiu-se a Leonor.

— Aqui, *Tigre!* bradou a formosa menina, vendo que o felpudo cão arremettia para elle.

— Aqui está o livro, molhado, é verdade, mas inteiro e são. Perdôe, minha senhora, esta ousadia d'estouvado, e o susto que lhe causei.

— Oh! senhor... murmurou Leonor corando.

— Mas, continuou o mancebo, de certo me faz a justiça de suppôr, que a não vi, quando de traz d'aquelle silvedo disparei a minha espingarda. Feri-a, minha senhora?

— Feriu apenas este passarinho, que me está causando pena.

— Mas assustou-se muito, não é verdade?

— Bastante, respondeu Leonor, tranquillizando-se já; mas vejo agora que foi um susto... agradável.

III

A morte de Pedro

O padre Miguel Duarte, que deixára Leonor e Thereza na varanda do presbyterio, para ir accudir ao velho Pedro, a rogo de Rosinha, foi acompanhado d'esta, que, como vimos lhe sahiu ao encontro, no meio do adro da igreja, no momento, em que elle o atravessava rapido, com o coração magoado e os olhos razos d'agua.

Houve então um alarme na aldeia. A triste nova espalhou-se com a rapidez da luz.

— Coitadinho do velho Pedro! era um santinho! dizia, com voz commovida, uma mulher, de pé, na soleira da sua porta, depois de ter visto passar o sacerdote e Rosinha.

— Pobre Rosita! exclamava a vizinha!

— E a Mariquinhas! Quem tomará agora conta d'ellas? interrogava outra mais adiante.

— Aquillo é que morreu o velhinho! dizia-se do outro lado da rua.

— Ou está para isso, talvez!

— O que foi? perguntavam os que chegavam.

— O que é? interrogava-se em toda a parte.

E a triste nova lá ia de bocca em bocca, percorrendo todas as casas, visitando todos os lares, commovendo todos os corações.

N'uma aldeia até as coisas mais insignificantes servem d'assumpto a largas conversações, e de thema para variados commentarios.

O casamento de qualquer pessoa, a apparição d'um desconhecido, um dia de sol no inverno, um tiro a deshoras, o nascimento d'uma creança, um enterro, um baptisado, tudo emfim, distráe e é motivo para largas considerações, tudo.

Imagine-se o effeito que produziu em Santo Estevam a noticia de que o velho Pedro ou morrera ou estava para morrer! Foi geral a commoção e grande o sentimento!

A casinha do moribundo era situada no extremo da aldeia, no sopé d'uma pequena encosta, talhada em pequenos socalcos cultivados, que constituíam toda a herança, todo o patrimonio e toda a renda da pobre familia!

O padre Duarte e Rosinha chegaram depressa. Poderá! Se lhes dava azas a anciedade! Mas parecia que as tristezas do interior se reflectiam no exterior. Nem uma ave a chilrear!

Triste espectáculo esperava os dois lá dentro!

A casinha alvejava por fóra, e no interior, a par da visível pobreza, havia todos os perfumes do aceio e da honestidade. Quatro degraus davam subida pela porta principal ao primeiro e ultimo andar, composto apenas de quatro aposentos: uma cosinha, um quarto de utensilios de lavoura, um outro, que era o do velho e o ultimo das duas donzellas.

O padre Duarte ao entrar ouviu já os soluços de Maria, a irmã de Rosinha. Dous camponezes, amigos do velho, estavam dentro, promptos, de boa vontade para qualquer serviço.

— Boas tardes, senhor cura! murmuraram com tristeza.

— Adeus, meus amigos! então? interrogou o presbytero.

Rosinha não quiz esperar; foi-se introduzindo no aposento do pae, tentando limpar as lagrimas para o não affligir, e sofrendo no peito a propria afflicção, tanto quanto podia!

— Está por um fio, senhor! respondeu ao padre um dos dois tristes camponezes.

— Deus lhe tome conta da alma! murmurou o sacerdote, com inflexões e gestos d'intima tristeza.

E dirigiu-se ao quarto do moribundo.

Havia alli a dubia luz da claridade do dia, mal coada pelo vidro esfumado do postigo de uma das duas janelas do aposento; a atmospheria era um pouco morna e talvez repugnante, e tinha o que quer que é do cheiro

das enfermarias dos hospitaes; um catre de madeira, carunchoso e velho, em um dos angulos, uma cadeira de sola, antiga, bastante deteriorada ao lado, e ao pé d'esta, uma meza de pinho ordinaria, no meio da qual se elevava um Christo crucificado, entre dous vasos grosseiros e ordinarios com flores murchas, aos lados dos quaes havia uma meia duzia de garrafas com remedios.

Parecia que o anjo da morte batia alli as suas azas negras!

Quando o padre entrou estavam as duas donzellas de joelhos; uma, Rosinha, em face do Christo Crucificado, com os olhos razos d'agua, o seio offegante e os labios exhalando uma prece ardente, sincera e verdadeira; a outra, Maria, ajoelhada quasi aos pés do leito do enfermo, com o rosto occulto na roupa da cama, como que para abafar os gemidos e os soluços, as lagrimas e os ais que lhe cortavam o coração!

Pobres creanças!

Choravam a sua orphandade e bem justas eram aquellas amargas lagrimas! Pobres folhinhas arrancadas ao ramo do olmo, que corrente as impelliria depois? que destino seria o seu? quem velaria por ellas? onde as levaria o aquilão? quem aqueceria agora aquelle ninho, gelado pelas neves da morte? quem indicaria ás duas pombas o ponto aonde dirigirem os seus vôos inexperientes?

A providencia, a providencia que é a mãe dos desditosos e mãe carinhosa que nunca desampara os filhos justos!

O padre Duarte, tanto que se achou dentro do limitado quarto do moribundo, lançou um rapido olhar de investigação em volta de si, e vendo Maria ajoelhada aos pés do leito de dôr de seu velho pae, tentando abafar os soluços arrancados ao coração pelas dôres dos afiados espinhos, abeirou-se d'ella, cheio de tristeza, anediu-lhe com ternura os cabellos castanhos e perguntou-lhe em voz baixa, mas carinhosa:

— Veio o cirurgião, filha?

— Veio, senhor cura! soluçou com difficuldade a pobre rapariga.

— Então? continuou o presbytero, mostrando-se dominado por um grandissimo interesse.

— Olhou-o, tomou-lhe o pulso... e... sahiu...

— Sem receitar? interrompeu o padre.

— Sem dar palavra, senhor!...

O padre Miguel fez um gesto de desanimo, mas tentou illudir a chorosa donzella.

— Coragem, filha, não chores!...

Não chores, dizia elle, quando era o primeiro a deixar rolar as lagrimas pelas faces, que a amargura estava cavando e impallidecendo!

O moribundo permanecia estendido no leito, respirava com difficuldade, e tinha os semi-abertos olhos fitos no tecto do aposento, mas de modo, que semelhavam crystaes, sem consciencia de si!

Havia-lhe crescido a barba, durante a penosa enfermidade, o rosto estava cavado e côr de cêra, e a cabeça um pouco calva, deixava, comtudo, vêr de cada lado,

umas madeixas de cabellos brancos, que apparentavam fios de prata á dubia claridade do sombrio aposento.

Que infinito respeito não infundia o ancião, sobretudo, debaixo do imperio da ideia de que tinha a vida prestes a extinguir-se, como lampada que já não tem oleo! Havia allí a superioridade dos annos, que se venera, que se deve venerar sempre, em ricos e em pobres; o dominio da experiencia, que nunca deixa de ser grande, e a santidade da dôr, que só os scepticos e os cynicos não comprehendem, mas desprezam!

Depois da curta phrase com que quiz animar Maria, o padre Miguel Duarte approximou-se da cabeceira do enfermo e contemplou-o silenciosamente, durante algum tempo. Foram alguns minutos apenas, mas que justas, que sábias, que santas reflexões, sobre o que é a vida e o que é a morte, que elle fez consigo proprio, n'aquelle curto intervallo de poucos momentos!

Pedro parecia mergulhado na somnolencia que o opio produz, quando tomado em dóse sufficiente. Nem o vulto que tinha deante de si o despertou da como que profunda lethargia!

O sacerdote curvou-se um pouco, para melhor se fazer ouvir, e dirigiu-se ao velho.

— Pedro... meu amigo... murmurou suavemente.

O ancião, como que despertando da somnolencia que o dominava, voltou um pouco a respeitosa cabeça, fitou o padre, e respondeu com voz abafada e difficultosa:

— Ah! é o senhor cura... Ainda bem que veio, meu amigo...

E tossiu rouca e profundamente.

— Os amigos nunca se abandonam, accudiu o padre.

— Agradecido... Nunca precisei tanto d'elles como agora...

— Aqui me tem, Pedro.

— Aonde estão as minhas filhas? perguntou o velho cada vez com voz mais amortecida.

— Aqui ao seu lado; aonde haviam de estar?

— Ai! senhor cura!... coitaditas! já não tinham mãe nem a conheceram... e vão agora ficar sem pae...

— Quem sabe, meu amigo? Deus é infinitamente misericordioso...

— Mas o mundo é tão cheio de barrancos e trabalhos...

— Qu'importa, se a Providencia o alastra sempre de flôres aos seus eleitos...

— Oh! no entretanto vão ficar desamparadas...

— A nossa aldeia não tem filhos engeitados, Pedro.

— Bem sei que todos são bons, mas... meu amigo e bemfeitor, poucos são os que podem...

— A boa vontade é tudo.

— É com ella que eu conto no momento em que vou partir... Morro... eu sei que vou morrer... porque sinto que se vae apertando muito este nó da garganta... Deus fez-me a graça de me deixar viver bastante e eu não teria pena nem medo da morte se não fossem ellas, as minhas filhas... Pobres e quasi que creanças, quem ha de protegel-as?...

— Deus!

— Oh! mas comtudo olhe por ellas, senhor cura, fique-lhe sendo pae agora... porque as infelizes não tem mais ninguem n'este mundo... Peço-lh'o eu... pede-lh'o este morto... Oh! a sua mão esmoller, que tantas vezes se estendeu para mim, e que está aberta sempre para os necessitados, que se abra agora para abençoar as duas orphãs... como eu as abençoô... Lego-lh'as, meu amigo, não tenho mais que deixar... o meu testamento é este...

O padre Duarte chorava ao ouvir o velho; era um nobre coração aquelle! tinha uma alma de santo!

As duas raparigas haviam-se juntado e comprimiam os ais, os soluços, e as lagrimas, estreitamente unidas uma á outra.

— Eu serei por ellas, Pedro, asseverou o padre occultando o pranto.

— Bem haja... morro assim contente... vou confiado na sua palavra... Dê-me a sua mão que quero beijal-a... chegue-se aqui mais perto, para inda uma vez o olhar bem...

O padre Duarte approximou-se mais, mas furtou a mão áquella prova de gratidão.

— Assim, continuou o moribundo, mas falta-me a sua mão, não m'a recuse... não m'a negue...

O sacerdote, para satisfazer os desejos ao ancião, deu-lhe a mão, que elle tomou entre as suas, tremulas e descarnadas, levando-a aos labios semi-gelados, que lhe imprimiram um beijo!

— Bem... agora as minhas filhas... sinto que se me vae escurecendo a vista... Venham cá, filhas do meu coração... não chorem, que as orações d'este santo hão-de encaminhar-me ao céo... Venham, venham dar-me o ultimo beijo... Ai! filhas...

Rosa e Maria levantaram-se, o padre cedeu-lhes o logar e ellas approximaram-se do velho...

Que melancholico quadro aquelle! que profunda tristeza no limitado recinto!

As duas donzellas abeiraram-se da cabeceira do moribundo, chorosas, feridas na alma e no coração, e oscularam religiosamente a mão ao quasi cadaver. Já o sentiram meio frio! Depois esconderam os semblantes na roupa do leito, bradando convulsivamente:

— Meu pae!

O velho pôz-lhe as magras mãos na cabeça, sentiu duas lagrimas nos cantos dos olhos amortecidos — as ultimas lagrimas — e murmurou baixinho:

— Sejam boas raparigas... eu lá pedirei a Deus que as proteja... Levo tres retratos nos meus olhos... o vosso e o d'esse santo que ahi está... Olhem, olhem os anjinhos em volta de mim... Abençõe-me, senhor cura... adeus... adeus... filhas... queridas... já vejo o céo...

E voltou a face, e as mãos cahiram-lhe de sobre as cabeças das duas donzellas!

Foram ellas que lhe receberam o ultimo alento! Que angustia!

Voltaram-se uma para a outra, uniram-se, estreita-

ram-se doidamente, e exclamaram, ao mesmo tempo, n'um grito terrível:

— Morreu!...

O padre Miguel Duarte approximou-se do catre, apalpou as mãos de Pedro, agitou-o de leve e... cahiu machinalmente de joelhos, mãos postas, e olhos chorosos, murmurando uma prece!

Pedro era um cadaver!

N'aquelle momento, esmorecia, ao longe, no horizonte, o ultimo raio do sol brilhante e formoso d'aquelle dia!

IV

A enchente no presbyterio

Ao outro dia, o presbyterio era um pequeno mundo e um grande oceano de tristezas.

O anjo da melancholia, descendo de ignotas paragens, abateu alli o seu vôo, sentou-se, velado pelo veu das magoas, no lar do padre Miguel Duarte, e começou a espargir, em volta de si, a mãos largas, a sua abáda de saudades.

O pequeno sino da igreja rustica dobráva a finados, e cada vibração, que os echos repetiam, era um espinho a ferir umas poucas d'almas, era um punhal a cravar-se n'uns poucos de corações!

Com a morte de Pedro a aldeia vestiu-se de luto, e não havia ninguem que não se preparasse para o enterro d'elle. O velho não deixára fortuna, mas tambem não deixára dividas nem odios; legou duas filhas ao mundo

e collocou-as debaixo da protecção de Deus e do parocho de Santo Estevam.

E Deus velava-as do alto, e o presbytero recolhia-as no seu ninho.

O sacerdote, poucos momentos depois do trespasse do seu velho amigo, chamou a si as duas donzellas, uniu-as ao seio, e disse-lhes, com as lagrimas na voz :

— Não chorem, minhas filhas! Tenho em casa uma afilhada, terei agora mais duas pupillas. Todas tres me hão-de ser queridas! Serão tres flores no meu jardim, tres anjos para me sorrirem na velhice! Vamos, filhas, vamos, que lá as espera uma irmã, e Leonor será irmã carinhosa e dedicada. É justa a vossa dôr e eu comprehendo-a bem, mas os decretos do Senhor acatam-se, veneram-se, respeitam-se!

Meia hora depois, o padre Duarte entrava no presbyterio, acompanhando as duas chorosas orphãs, e á dôr que o dilacerava, ás magoas que lhe opprimiam a alma, ás tristezas que o predominavam, juntou-se a admiração de encontrar em casa mais um hospede, e um hospede desconhecido.

Era o mancebo, que surprehendera Leonor, quando sentada sobre o muro do quintal, na margem do ribeiro dos *Alamos*.

Leonor correu pressurosa a receber as duas amigas, devéras compungida pela verdadeira e sacratissima dôr, que lhes estava alanceando o coração, e debulhando-se em pranto com ellas, quinhoando-lhes as magoas, levou-as para o seu quarto, no intuito de as consolar!

Angelicas consolações aquellas, mas, sem duvida, improductivas!

«Que fôra a vida se n'ella não houvera lagrimas?» perguntou um dia, e com rasão, o sublime author do immortal poema do *Eurico*.

As lagrimas eram alli o balsamo unico, porque em cada uma se diluia uma pequenina porção do pezo de cada dôr e de cada aneio! O resto ficava ao tempo, porque elle se encarrega d'abrandar os martyrios e diminuir as afflicções, e mal da humanidade se assim não fosse, porque seria, então, constantemente martyr!

Leonor conduziu, pois, ao seu aposento as duas orphãs, sem se lembrar de apresentar ao padrinho o desconhecido joven, no momento, em que este se dirigia áquelle, face a face, na sala do presbyterio:

—É o senhor cura de Santo Estevam? interrogou o moço.

—Eu proprio, um humilde servo de Deus!

—Oh! não imagina como estimo conhecê-lo, accudiu o mancebo, estendendo-lhe a mão, que o padre apertou, fictando-o com curiosidade. Mas se agradeço ao acaso o ensejo que me proporcionou de pessoalmente m'ó fazer estimar, lamento devéras a fatalidade de o vir encontrar em tão dolorosa occasião...

—Bondade, senhor, bem vejo! atalhou o padre.

—Justiça, direi eu, proseguiu o mancebo. Não se abençôa um nome, nem se venera um homem, sem que, por titulos justamente adquiridos, o mereça, e o seu no-

me, senhor padre Duarte, e a sua vida, respeitam-se, quasi que se adoram a muitas leguas de distancia.

— Maior favor ainda, interrompeu o padre, cheio de modestia. O que faço, sim, é diligenciar por cumprir bem os meus deveres. Mas, é então de muito longe?

— Não o sei precisamente, senhor; mas pelo que andei em todo o dia, devo necessariamente habitar a distancia de cinco leguas, pouco mais ou menos.

— E já hoje fez essa jornada? interrogou o sacerdote, meio admirado.

— É verdade, e a pé. Móro a cinco leguas de Vizeu, em uma quinta situada n'um local isolado, triste, sombrio e solitario. Sahi de manhã ao romper d'aurora, acompanhado do meu cão, para d'este modo dissipar o enfado e o aborrecimento, que me dominavam n'aquella solidão, e andando, e descansando, eis-me, senhor padre Duarte, aqui, aonde menos o esperava.

— Mas, não volta hoje, de certo.

— É tarde para regressar, e nem eu sei bem o caminho a seguir, porque vim ao accaso; mas creio que não deixarei de encontrar, aqui, na aldeia, abrigo para esta noite.

— Então esta casa, senhor? perguntou o padre meigamente.

— Agradeço muito o seu favor e a sua boa vontade, mas vejo que não póde.

— No presbyterio, ha-de, graças a Deus, haver um caldo e um pedaço de presunto para ceiar, e uma enxerga para dormir. Passará mal, mas tenha paciencia.

— Mal não, senhor. Mas o senhor padre Duarte já tem hospedes de sobra...

— E desejos para muitos mais, interrompeu o sacerdote. Mora então?...

— No *Casal dos Carvalhos*.

— E chama-se?...

— Jorge d'Albuquerque.

— Albuquerque... repetiu o padre Duarte. Será parente d'uns distinctos fidalgos d'esse appellido, que eu conheci em Vizeu, no tempo em que lá vivi?

— Não, senhor padre Duarte.

— Julguei... Mas é hoje nosso, não?

— Encommodo-o, senhor...

— Pelo contrario, vem fazer-nos boa companhia.

O que ha-de é ter coragem para ver muitas lagrimas, e paciencia, para nos desculpar, a mim sobretudo, que tenho que fazer, para tratar do enterro d'um freguez meu, que morreu, ha meia hora.

— Podésse eu ao menos enxugar algumas! respondeu Jorge.

— Dispense-me, então, por um pouco, e descance á vontade, como se descansasse no seu *Casal*. Olhe, senhor Jorge, alli é a porta do meu quarto, que abre para uma vasta varanda. Ande e passeie. E se gosta de lêr, lá tem alguns livros.

— Obrigado, senhor cura.

— Até logo.

— Até logo, senhor.

E o padre Duarte, depois d'uma singella cortezia,

dignamente correspondida pelo seu hospede, sahiu, deixando-o na sala, e dirigiu os passos á cosinha, aonde Thereza andava atarefada com os aprestos para a refeição nocturna.

Thereza era dotada d'uma alma sensivel e bondosa, e no meio das suas labutações, ia, sósinha e silenciosamente, derramando umas tristes lagrimas com a lembrança da morte de Pedro, e rezando-lhe pela alma alguns *Padre Nossos*.

O padre Duarte deteve-se ao limiar da porta. Bateu-lhe em cheio, e de frente, a claridade da fogueira que scintillava vivamente no lar. Parecia que n'aquelle momento uma aureola luminosa lhe circumdava o rosto e a fronte. Era um vulto respeitavel!

— Thereza? chamou elle, mal foi chegado.

— Meu senhor, respondeu ella, limpando duas lagrimas, a uma ponta do grosseiro avental.

— Temos em casa tres pessoas a mais ; desejarei que nada lhes falte.

— Parece-me que não ha remedio senão matar-se uma gallinha, accudiu a creada.

— Matem-se duas até, se forem precisas. Eu vou dar algumas ordens relativas ao enterro de Pedro, e utilizar-me dos amigos, para accommodar bem os nossos hospedes. Chega, de quando em quando, lá dentro a ver se é preciso alguma coisa, ouviste?

— Vá descançado, senhor cura.

E o padre Duarte sahiu.

Foi encarregar algumas pessoas dos arranjos para

o enterro do seu velho amigo, e pedir auxilio a outras, para do melhor modo possivel accommodar os seus hospedes.

Jorge, ao ver-se só, na sala aonde o deixou o presbytero, aproveitou-se do offerecimento que aquelle lhe fez, entrou ao gabinete do sacerdote, sentou-se junto á escrevaninha, tomou, ao acaso, um, de uns poucos de livros, que alli jaziam espalhados, e começou a ler, a meia voz, a pagina indifferentemente aberta, á luz de dois bicos de um candieiro d'azeite, de metal branco.

As tres donzellas choravam abraçadas umas ás outras, no quarto de Leonor, e em quanto as suas lagrimas se iam confundindo; emquanto Thereza ia recitando mais um *Padre Nosso*, pela alma de Pedro, tentando, ao mesmo tempo, aninhar a um cânto da cosinha, sobre umas poucas de palhas, o felpudo *Tigre* e o branco perdigueiro, que já fraternisavam, como se fossem conhecidos de ha muito, Jorge ia lendo, sósinho, sentado no quarto do padre:

— «Bom é que de tempos em tempos nos succedam
«cousas adversas, e venham trabalhos, porque costumam
«trazer o homem a si mesmo, para que se conheça em
«cousa alguma do mundo.

«Bom é que padeçamos algumas vezes contradicções,
«e que os homens pensem mal ou pouco favoravelmente
«de nós, ainda que obremos bem e tenhamos boa inten-
«ção. Estas cousas, de ordinario, nos ajudam a ser humil-
«des e nos apartam da vangloria.

«Porque, então, melhor buscamos a Deus por teste-
«munha interior, quando exteriormente somos despreza-
«dos dos homens e pensam mal de nós.»

O livro, que o accaso pozera nas mãos de Jorge, era a *Imitação de Christo*—balsamo para muitas chagas, consolação para muitas afflições e lenitivo para muitas dores!

—Dá licença? perguntou, porém, Thereza, asso-
mando á porta da entrada, no momento em que o man-
cebo começava a embrenhar-se na leitura.

—Póde entrar, respondeu elle, voltando-se.

—Perdôe v. s.^a se o incommodo...

—De modo nenhum, atalhou Jorge.

—Mas vinha saber se precisa d'alguma coisa.

—Agradecido; não preciso de nada.

—Queira então desculpar e dê-me licença, prose-
guiu Thereza, dispondo-se a sahir.

—Adeus.

No momento, porém, em que a creada ia attraves-
sando a porta, Jorge levantou-se, chamando-a:

—Olhe, tem a bondade.

—Pois não, meu senhor, respondeu ella, retroce-
dendo.

—Diga-me uma coisa. Pedro era pobre, não era?

—E dos mais pobres da nossa aldeia. Nem sei como
elle vivia!

—E quem toma agora conta das duas filhas que
elle deixou?

— Quem ha de ser, senhor? isso é sabido, ha de ser o senhor cura. Foi a unica coisa que o velhinho pediu quando morreu.

— E o senhor padre Duarte póde com mais esse encargo?

— Não póde muito, não, mas fará mais um sacrificio.

— É quem abona as despezas do enterro?

— É ainda elle, pois quem ha de ser? Pouco terá que gastar, porque na nossa aldeia, os pobres enterram-se com decencia, mas sem grandezas. Ainda assim, Deus sabe a falta que essa pequena despeza fará ao presbyterio...

— Bem; e sabe se o senhor padre Duarte fará escrupulos em consentir que eu concorra para essa despeza?

— Oh! accudiu Thereza, meio alegre com a piedade de Jorge, eu creio que não, senhor, antes pelo contrario o ha de abençoar como abençôa todas as pessoas que soccorrem os pobres da nossa aldeia.

— É justamente o que eu desejo. Agradecido.

— E v. s.^a não precisa mais nada?

— Não.

— Então com sua licença.

— Adeus.

Jorge voltou a sentar-se, satisfeitissimo por ir ter occasião de praticar uma acção boa.

Thereza regressou á cosinha, aonde a reclamavam os trabalhos culinarios, murmurando comsigo:

— Parece-me que tem uma boa alma o nosso hospede!

E não se enganava.

O padre Duarte entrou meia hora depois, cansado de lidar, e sempre melancólico, acompanhado de dois camponeses, que conduziam alguns objectos, indispensáveis no presbyterio, para accommodação dos seus hospedes.

Serviu-se mais tarde a ceia, a que só assistiram Jorge e o sacerdote, e que correu desanimada e triste, por parte d'um, porque sentia o coração magoado, por parte de outro, porque respeitava a dôr d'aquelle.

Ás 10 horas da noite já todos repousavam, excepto Leonor, que velava ainda ao lado das duas orphãs, que continuavam a derramar abundantes e justissimas lagrimas.

Ao menos ainda tinham um coração para desafogarem as dôres!

Eram 6 horas do dia seguinte, dia formoso e brilhante, e já tudo havia despertado em casa do padre Duarte.

Os tres hospedes eram uma enchente para o presbyterio!

V

A partida de Jorge

Estamos em uma quarta feira.

O enterro do velho Pedro celebrára-se no dia anterior, e se o não destingiram as vaidades da opulencia, no ephemero das pompas e das grandezas, foi exalçado pelas lagrimas dos que o acompanharam á derradeira morada, tornou-se imponente, porque foi assistido da povoação inteira. Só não concorreram os impossibilitados por doença ou velhice, e esses não foram, talvez, os que menos choraram o seu velho companheiro.

Jorge não partira para o *Casal dos Carvalhos*, no dia seguinte ao da sua chegada, como desejava e havia destinado, porque, a instancias do padre Miguel Duarte, que sympathisara devéras com elle, e lhe reconhecera uma alma bondosa e uma grandissima pureza de sentimentos, o mancebo ficou ainda um dia mais, para fazer parte do prestito funebre do chorado aldeão.

O presbyterio, até alli, alegre como uma ninhada de passarinhos, que já ensaiam vôo, graças ao benefico influxo da feiticeira Leonor, resentia-se agora, e profundamente, das tristezas da occasião.

As aves modulavam lá fóra as suas variadas canções, em harmonioso concerto; o sol parecia dardejar alegrias em cada raio projectado na terra; as auras embalsamadas suspiravam ainda, por entre as folhas dos olmos, uns murmurios, que semelhavam uns longinquos echos d'uma harpa afinadissima, e a natureza enfeitava-se de novas gallas, vestia flores mais viçosas.

Lá dentro, havia no ambiente uns como philtros de melancholia; no rosto e nos olhos de cada um, havia signaes evidentes de dôr intensa e de lagrimas amargas, e até no modo de fallar, das pessoas do presbyterio, se reconhecia o que quer que é da voz magoada das saudades!

Jorge tinha, como já dissemos, uma alma bondosa, mas o que não dissemos ainda é que era tambem contemplativa.

A melancholia casava-se mais com o seu character, com a sua indole, do que as grandes expansões jubilosas, do que as ruidosas alegrias. A solidão em que vivia era um vento sul, nocivo bastante, que fazia estiolar todas as flores naturaes que a sua idade devia desabrochar. Habitou-se á vida do *Casal dos Carvalhos*, solitaria em extremo e desanimada de mais para quem está em pleno viço de primavera, e no meio do grande isolamento que o rodeava, perdeu os enthusiasmos da mocidade, e tor-

nou-se um homem novo, é verdade, e agradável, mas ao mesmo tempo grave, serio e melancolico talvez.

A solidão tem estas consequencias, que os factos de cada dia estão evidentemente demonstrando.

Para um espirito vivo, inquieto, travesso, saltitante, emfim, o tempo que Jorge passou no presbyterio de Santo Estevam seria, sem duvida, monotono, aborrecido, insupportavel até. No entretanto, para o nosso heroe, se não teve encantos, teve o que quer que é que se harmonisava muito com o seu genio.

A organização, o temperamento, a educação e outras circumstancias dependentes d'estas, influem sempre sobre o homem, e não é para causar grande admiração o vermos um mancebo com a gravidade da velhice e o peso da experiencia dos annos, e um homem d'idade um pouco avançada, dando-se ás verduras das desoito e das vinte primaveras.

Pedro morrera na segunda feira, fôra enterrado na tarde do dia immediato, e Jorge, que se dispunha a partir na quarta feira, condoido devéras das afflicções das duas orphãs, e das tristezas que havia no presbyterio, não sentira durante todo o tempo da franca hospedagem de bondoso cura, um minuto d'enfado. Valia-lhe, pelo contrario, algum regosijo, a occasião, que se lhe offerencia de ver, se, de qualquer modo, podia consolar aquellas almas attribuladas!

Ao almoço do terceiro dia de luto, já, ao lado de Jorge e do padre Duarte, vieram sentar-se Leonor, Rosinha e Maria.

Era o dia da partida do seu hospede, e o sacerdote pediu ás tres meninas para que comparecessem áquella refeição.

Cederam.

No entretanto, as tristezas e as lagrimas das duas orphãs eram ainda grandes e abundantes.

Todavia o padre, Leonor e Jorge iam conversando placidamente, na suavidade das palestras familiares, quando animadas pelo sol das affeições puras e serenas.

— Agora, dizia Leonor a Jorge; agora, recolhe ao seu *Casal*, e de certo se não torna a lembrar de nós, não é verdade?

— Eu faço mais justiça ao senhor Jorge, obtemperou o padre Miguel.

— E mereço-a, respondeu o mancebo.

— Creio bem, continuou o presbytero, que o nosso hospede, não só se hade lembrar de nós, senão que tambem ha-de continuar a honrar-nos com as suas apreciaveis visitas.

— Sem duvida, accudiu Jorge. Quando não fosse o meu reconhecimento que é grande, bastariam a fazerem-me voltar aqui, as saudades que me acompanham.

— Saudades! exclamou Leonor, sorrindo ironicamente.

— Saudades, sim, porque duvida?

— Porque lhe devia ser agradavel o tempo que aqui passou connosco, respondeu ella, ainda com ironia.

— De certo que foi, e nem podia deixar de o ser,

entre pessoas tão dignas, corações tão francos e tão sinceros, e almas de tanta elevação nos sentimentos. E se quer que lhe falle com franqueza, apesar da dolorosa circumstancia que enlutava as suas duas amigas, e di-rei até, todo o presbyterio, ha muito tempo que não passei umas horas que tanto me impressionassem... e...

— Bondade, meu amigo, interrompeu o sacerdote.

— Compreendi as tristezas que íam n'esta casa, perfilhei-as, quinhão-as ainda, porque a franqueza que me recebia, me fez esquecer de que era hospede e desconhecido, para me fazer lembrar de que estava em familia — eu, que não tenho familia! eu, que não tenho ninguém! — Se por um lado me era penoso ver as lagrimas, que tão justamente se derramavam aqui, sorriame por outro a ideia, a ideia não, antes a dôce illusão, de que as pessoas d'esta casa me pertenciam, de que eram familia minha.

— E hão-de ser, creia-o, accudiu o padre Duarte. Se nos não ligam os laços do parentesco, os laços de sangue, que muitas vezes as luctas e os odios reprehensíveis desatam ou despedaçam, é minha fé que nos hão-de unir os laços da sympathia, os élos da cadeia da amizade, que são quasi sempre eternos e inquebrantáveis.

— Olhe, accudiu Leonor, quer o senhor Jorge uma coisa?

— Porque não hei-de querer, vindo de Leonor?

— E dá licença, meu padrinho? pediu ella sorrindo meigamente ao padre Duarte.

— Dou, filha, dou, respondeu elle.

— Quer tratar-nos a nós todos como parentes seus? Disse o senhor Jorge que não tem familia...

— Propões bem, Leonor, atalhou o presbytero.

— Se quero, minha senhora! será uma honra para mim, além d'um grandissimo prazer, accudiu Jorge. No entretanto, diz-me por favor, que grau de parentesco ha-de ser o nosso?

— O meu e o seu?... perguntou a afilhada do presbytero, meio enleuada.

— Sim, minha senhora.

— O grau de parentesco?... repetiu ella mais enleuada ainda.

— Sim, uma vez que passamos a ser pessoas de familia?...

— Isso dir-lh'o-hei depois... será conforme o merecer, accudiu a formosa menina, contente por entender que d'este modo resolvía o problema.

— Muito bem. Trabalharei então para ser o mais que poder... ser, respondeu o mancebo.

— No entretanto, o que fica sendo desde já, é amigo nosso, não é assim? perguntou o padre.

— E sincero, e leal, e prompto a proval-o quando seja necessario.

— Quanto temos a agradecer-lhe! exclamou Leonor!

— Diga antes: — Que ventura lhe proporcionamos! accudiu Jorge.

— Obrigado, meu amigo! disse o padre, apertando com effusão a mão ao mancebo.

— Não, senhor, o agradecido sou eu. Mas as horas vão-se adiantando, e tenho ainda, como sabem, de jornadear bastante. Conversaremos mais, quando cá voltar...

— E voltará breve? perguntou Leonor.

— Não prometto para não faltar. O que lhes affirmo, porém, é que voltarei uma e muitas vezes.

— É isso o que desejamos e o que lhe pedimos, disse o padre.

— Agora, se me dão licença, vou buscar ao quarto do senhor padre Miguel os meus petrechos de caça.

— Á vontade, meu amigo, e até o acompanho para ir encher a minha caixa, que está vazia, disse o presbytero, levantando-se e dispondo-se a sair.

— Então até já, voltou Jorge a Leonor e ás duas orphãs.

— Até já, responderam todas.

Jorge e o sacerdote sahiram da sala, aonde fôra servido o almoço, e, apenas os dois transpuzeram a porta do corredor, que os encaminhava ao quarto do padre, encontraram-se os olhares das tres meninas, como que movidos pelo mesmo sentimento, exprimindo todos a mesma ideia.

— É um fidalgo! exclamou Leonor.

— Tem tão bom coração! ajuntou Rosinha a meia voz.

— Uma alma tão grande! acrescentou Maria.

— E olhem que fico com saudades d'elle! murmurou Leonor.

— Tambem eu! disse Thereza, que acabava de en-

trar, ouvindo parte da curta conversação das tres meninas. E depois, proseguiu ella, juntando as chavenas que serviram á refeição, aquillo é que é ter nobreza, e fidalguia e sentimentos! Ainda a menina não viu uma coisa assim!

— Déste tu de comer ao seu cão de caça? perguntou Leonor com interesse.

— Tratei-o como uma alminha christã, Deus me perdoe, respondeu a creada. Olhe, elle aqui vem com o nosso *Tigre*, que já o não larga!

Effectivamente os dois cães entravam n'aquelle momento, saltando, atirando-se um ao outro, como se estivessem empenhados em encarniçada lucta, quando afinal resumiam tudo n'uma d'estas brincadeiras que todos os dias estamos vendo.

N'este comenos o padre Duarte ia despejando o fundo d'um bote de rapé, na sua redonda e ampla caixa de tartaruga, e Jorge ia cruzando a tiracollo a sacca de caça, o polvorinho, e a chumbeira.

— O que o snr. Jorge tem é um lindo dia para o seu regresso, começou o padre, depois de ter ruidosamente sorvido uma fresca pitada do seu *meio secco*.

— Um verdadeiro dia de primavera! respondeu o mancebo.

— E hoje hade, por certo, gosar mais com o passeio, apezar de longo. O homem, que vae ensinar-lhe o caminho, conduzil-o-ha directamente, e, se bem me lembro, disse-me que encurtaria uma legua, pelo menos, ao trajecto.

—Antes assim, que chegarei mais depressa e menos fatigado.

—Não quiz aproveitar-se da cavalgadura, que, de boa vontade, me emprestavam...

—Obrigado, mas para que? se eu desejo antes ir a pé? Mas se não me utilizei d'esse obsequio, aliás grande, peço licença para me aproveitar d'outro, maior, para mim, ainda.

—Essa é boa! Disponha de mim e do presbyterio com toda a franqueza, accudiu o padre, ancioso por ter occasião de servir o seu joven hospede.

—Eu peço ao senhor cura a permissão de tomar parte nas despesas do enterro do velho Pedro. Sei que foi o senhor padre Duarte quem concorreu para todas ellas, alem de ficar sobrecarregado com mais duas pessoas em sua casa. Não é uma esmola que eu vou fazer, é antes uma offerta que gostosamente me está pedindo o coração.

—Oh! senhor! confunde-me com tanta magnanimidade!

—Não é—e faça-me toda a justiça— não é tambem o preço da bellissima hospedagem no presbyterio, porque conheço que nem todo o ouro do mundo bastaria para pagar a franqueza, e sobretudo, a amisade, com que fui recolhido, tanto maiores e mais estimaveis, quanto mais desconhecido eu era.

—As grandes almas reflectem-se exteriormente, e eu no primeiro momento em que o vi, fiquei na certeza de que via e tratava com um cavalheiro.

—Agradecido. Isto,—e Jorge offereceu ao padre uma peça em ouro de oito mil reis,—isto, senhor, é apenas a grata satisfação d'um ardentissimo desejo...

—Oh! mas as despezas do enterro foram muito diminutas em relação ao que me offerece, senhor!

—É o mesmo. Fica o resto á sua disposição. Distribua-o em esmolas pelos necessitados da freguezia, e diga-lhes que peçam a Deus pela alma de um desgraçado, que foi meu pae, e d'uma infeliz martyr, que foi minha mãe!

—Acceito, senhor, e permitta-me que, por elles, pelos meus pobres, eu lhe beije reconhecido as mãos!

—Eu é que pela ultima vez lhe agradeço todos os obsequios que me dispensou, e agora, no momento da partida, mais uma vez lhe repito, que o *Casal dos Carvalhos* fica em tudo e por tudo ao seu dispôr. Não se furte a aproveitar o pouco que n'elle houver e que possa servir-lhe, nem a boa vontade e o prazer que te-rei em ser-lhe util.

—Deus hade pagar-lh'o bem, e se as supplicas do mais humilde dos seus servos, pódem valer alguma coisa, creia que hade ser feliz e muito feliz.

—Obrigado. Vejamos agora aonde está o meu cão, e consinta que faça as minhas despedidas ás suas pupillas.

—Vamos lá dentro.

Voltaram então á sala, aonde ainda se conservavam as tres meninas e Thereza, que estava fazendo as despezas da conversa, com commentarios altamente li-

songeiros para o physico e para a moral de Jorge, que, ella não queria deixar partir sem lhe dizer adeus.

—Então, Leonor, não quer nada, não manda nada do meu *Casal* e da minha pessoa? perguntou o mancebo entrando, e fallando com accentos de saudade.

—Quero apenas que não se esqueça de nós!

—Não esquecerei, verá, respondeu Jorge, estendendo-lhe a mão, em que ella collocou a sua, e que elle apertou com effusão.

—Adeus, minhas meninas, continuou depois, dirigindo-se ás duas orphãs. Como pertencem agora ao presbyterio, e no presbyterio se resume de hoje em diante a minha família, estimem-me como eu as estimarei, sim?

—Sim, meu senhor! responderam meio enleadas.

—Mas, accudiu o padre, agradeçam tambem ao senhor Jorge a caridade com que acaba de cobrir-nos, porque foi elle, que a pedido seu se encarregou de satisfazer as despesas do enterro d'aquelle que Deus tem.

As duas orphãs começaram novamente a chorar, e dirigiram-se ao mancebo, tentando beijar-lhe as mãos, que elle furtou a essa effusão de reconhecimento.

—Bem haja, meu senhor! bem haja! exclamaram ellas.

—Eu não lhe dizia que aquillo é que eram sentimentos! disse a creada a Leonor, mas baixinho.

—Agora, Thereza, até outro dia, e olhe que não será muito tarde.

— Venha, venha, meu senhor; o que eu quero é que tenha por lá muita saude.

— Obrigado. Navarro! vamos lá! exclamou Jorge chamando o cão.

O perdigueiro perfilou-se, olhando-o com alegria.

— Agora um abraço, meu amigo, e até outra vez! exclamou Jorge dirigindo-se ao presbytero.

Jorge e o padre Duarte estreitaram-se n'um amplexo de visível sympathia e viva amisade. Parecia que uma secreta força ligava aquellas duas creaturas! que um laço mysterioso as prendia uma á outra!

Quando se desuniram, havia nos olhos de cada um, duas lagrimas mal contidas!

— Adeus! até outro dia! disse Jorge, partindo e lançando um olhar a Rosa que o não desfitava mesmo atravez das lagrimas.

— Adeus! murmuraram todos.

Disse não sei quem, mas disse bem:— que uma despedida tem sempre alguma coisa de solemne, mesmo quando a ausencia não é longa nem dolorosa. Esta foi assim.

Alguns instantes depois, Jorge atravessava o pontilhão do ribeiro dos *Alamos*, acompanhado do seu guia e do seu cão, volvendo-se, de quando em quando, para traz, para com a mão dizer ainda um ultimo adeus ao digno presbytero, que o seguia com o olhar melancolico, da varanda do presbyterio.

Parecia que lhe saíra de casa uma pessoa que elle amava e estremecia muito!

Até o *Tigre*, o felpudo molosso, ao ver partir o seu companheiro de quasi dois dias, ficou como que triste, indo collocar-se na varanda aonde estava o seu senhor, com as pernas sobre um dos grandes bancos de madeira e as mãos firmadas no corrimão do gradeamento, olhando — e conhecia-se-lhe no olhar toda a tristeza! — para o branco perdigueiro, que ía saltando adiante de Jorge.

As tres donzellas recolheram-se ao quarto de Leonor; o padre Miguel Duarte, quando perdeu de vista o seu hospede, entrou ao gabinete cheio de vivas saudades e começou a passear, dizendo a meia voz e só consigo:

— Nunca conheci homem que tanto me attrahisse a si!

E enquanto o negro cão o fitava, como que interrogando-o pelos motivos d'aquella sua melancholia, o presbyterio voltava de novo á intensidade da tristeza em que o vimos com a morte do velho Pedro.

Taes foram os effeitos da partida de Jorge!

VI

● desabrochar das flores

A alma é um jardim, em que as bellezas estão sempre na razão directa dos esmeros do jardineiro, e no qual, se umas vezes, as flores se desatam em perfumes suaves, doces e inebriantes, outras vezes se desvanecem em cheiros enfadonhos, desagradaveis e insupportaveis até.

A alma é boa ou má, como o jardim póde ser bonito ou feio; boa, quando as rosas que produz são delicadas, formosas e attrahentes, e má, quando cria espinhos, desconsolos e desgostos. O jardim é esplendido, quando trasborda d'encantos, d'aromas, e d'attractivos e destituido de bellezas, quando nada tem que prenda, que enleve, e que fascine. O jardim é sempre limpo, apresenta sempre uma certa frescura, quando a mão cuidadosa do

jardineiro não descança da educação das plantas, do terminio das parasitas e da destruição das hervagens nocivas, e, como elle, a alma é sempre suave e formosa, quando a educação foi esmerada e baseada em principios solidos, bons e salutaes.

Voltemos nós, leitora benevola e paciente — eu sempre hei de ter, ao menos, uma leitora — voltemos ao presbyterio, que deixamos ha uns quinze dias, no momento da partida de Jorge, e a que, já agora, havemos de dar muitos passeios, durante o desenrolamento do singellissimo drama, a que começamos a assistir.

Parece-me que não lhe ha de ser penosa a visita, porque tenho para mim, sem duvida, que além de sermos bem recebidos pelo bondoso padre Duarte, se nos vir, tão bem, como recebeu Jorge de Albuquerque, com aquella franqueza e sinceridade proprias do seu grande coração, eu sei tambem que a leitora sympathisou já devéras com a formosa Leonor, e com as duas modestas orphãs, pupillas do velho cura.

Vamos ver desabrochar as flores d'aquellas tres almas mimosas, mas entremos de modo que não vamos perturbal-as.

O padre Miguel Duarte sahiu depois do almoço e levou com que gastar o tempo até horas de jantar. Theresza desceu ao lavadouro com uma cesta de roupa. As tres meninas estão encerradas no quarto de Leonor, e duas festas ou dois affagos bastarão para que o fiel *Tigre*, que já nos é um pouco conhecido e um pouco affeiçoado, nos não denuncie, ladrando-nos á entrada.

O tempo está magnifico para a digressão.

Ficaremos na sala da frente, junto ao quarto das tres meninas, é, como além de sermos pessoas discretas, ellas não se estão confessando segredos, collaremos, ora eu, ora a leitora, o ouvido ao orificio da fechadura da porta, que as tem isoladas do resto da casa, e creia que ninguem nos ha de suppôr alli.

Se ha n'isto peccado, é tão pequeno que facilmente se desculpa.

Assim... estamos perfeitamente.

— Faz hoje quinze dias que o senhor Jorge nos deixou, diz Rosa, alinhavando a bainha d'uma saia de chita preta.

— Estava agora mesmo a pensar n'elle, responde Leonor, ponteando um par de meias de laia do padre Miguel.

— Tambem eu, accode Maria, e admirada de ver que, nem ao menos, tem dado noticias suas ao senhor cura!

— Realmente é para estranhar! Só se adoeceu! Estava um sol tão forte no dia em que elle foi! ajunta Leonor.

— Já me lembrei se elle iria scandalisado comnosco... quem sabe? intervem a primeira.

— Ora essa! Porque? pergunta Maria.

— Creio que todos o trataram bem! accrescenta Leonor.

— Isso sabemos nós. Eu lembrei-me d'aquillo... assim...

— Era o que faltava, prosegue Maria, que estivessemos aqui a pensar n'elle e...

— E a desejal-o tanto, interrompe Leonor, e elle ainda por cima a zangar-se comnosco!

— Nada; eu cá não vou para ahi; eu cá digo que quando menos o esperarmos elle entra pela porta dentro, continua Maria.

— Quem déra! exclama Leonor!

— Viesse elle hoje! ajunta Rosa.

— Verão! insiste Maria.

— E sempre lhes digo que tenho minhas saudades por elle!

— Tambem eu!

— Tambem eu!

— Anda a gente tão triste desde que elle partiu! Até o padrinho, vocês, não tem reparado?

— Podera! Parece que nos falta não sei o que!

— É como se a gente tivesse irmão que fosse para o Brazil, como aconteceu á Luiza do *Eirado*.

— Qual de nós gostará mais d'elle! pergunta Leonor.

— Eu quero-lhe como se fosse meu irmão, diz Maria.

— Eu, — mas não digam nada — eu estimo-o como dizem se estimam os namorados..., ajunta Leonor a meia voz.

— Pois eu, accode Rosa entusiasmada, eu quero-lhe como se já fosse... meu noivo!

— Teu noivo! accode Leonor de subito.

— Isto é uma comparação...

— E d'ahi, quem sabe? dão-se tantos casos no mun-

do... prosegue Maria enrolando o fio de linho no fuso rodopiante, da roca que tem á cinta.

— Oh! isso é impossível! suspira Rosa com voz de pesar e de descrença.

— De certo! confirma Leonor.

— Ora essa! Então, querendo Deus?... pergunta Maria com inflexões de quem confia.

— Não é para nenhuma de nós, continua Leonor, porque somos todas muito pobres. A um homem tão bonito, como elle é, e tão rico, como parece e deve ser, não faltam em toda a parte senhoras de educação, e ricas tambem, que o queiram e se namorem d'elle. As flores d'aldeia são muito singelas para quem está acostumado aos jardins da cidade...

— Qu'importa? interrompeu Maria. Mas não tem artificios...

— Então não sabes que é por elles que os homens mais se deixam prender? pergunta Rosa.

— E pelas prendas, pelos vestidos, pelos penteados e pelos enfeites, que nós não temos, que nós não podemos ter? atalha a afillhada do padre Miguel.

— Conforme. Eu cá, e muitas vezes o tem dito o senhor cura, eu cá, creio que a amisade e o affecto que chama as almas umas ás outras, não vem d'essas bellezas fingidas, d'esses atavios, que n'um dia se desarranjam de todo, mas, sim, da sympathia que Nosso Senhor accende nos olhos, e da lindeza verdadeira das caras que enfeitam o coração, e das prendas mais mimosas que póde ter a alma.

— E então? pergunta Leonor.

— Então já vêem que póde acontecer que o senhor Jorge venha a gostar de qualquer de... vocês.

— De mim! accode Rosa subitamente.

— De mim! exclama a afilhada do presbytero, muito córada.

— Sim; pois que duvida!

— És tola, Maria.

— Serei, Rosa.

— E vocês zangam-se se elle gostar mais... de mim? interroga Leonor.

— Eu! ora essa! responde Rosa de subito.

— Eu tambem não! diz a irmã. E se não fôr da menina?

— Se não fôr de mim... paciencia... será d'outra! accode Leonor com accento de pezar.

— Eu cá é que me não importa com isso. Sejam ambas felizes que é o que eu quero, conclue Maria.

As duas, porém, Leonor e Rosa cahiram n'um expressivo silencio, silencio tanto mais eloquente, quanto o rosto de cada uma as estava trahindo.

A afilhada do respeitavel presbytero, lançou os olhos ás meias que estava ponteando, e Rosa não ousava erguer os seus da costura da saia. Maria com o seu rosto meigo e expressão serena, olhava alternativamente para ambas.

Era uma scena muda, mas realmente de traducção facil e evidente interpretação.

As flores d'aquellas tres almas — digamos mais rigo-

rosamente — d'aquellas duas almas, descerravam as formosas corollas aos raios da juvenil e franca intimidade, como lyrios do vallado ao sol da madrugada, e, como se vê, começavam a exhalar perfumes e a ter aspirações aos aromas de uma outra flôr.

Maria era a pomba meiga e suave, com coração para affeições intimas e serenas, para as doçuras da felicidade que nasce da continuidade da paz do espirito; Rosa, a mulher para amar violentamente, com energia para todos os sacrificios, com animo para o heroismo, e coragem para a abnegação; Leonor havia de ser a apaixonada terrível, delirante, expansiva, chorando á menor contrariedade, sentindo-se á menor desconfiança, exaltando-se com um pequenino vislumbre de ciume, apesar mesmo da meiguice, da suavidade e da bondade que lhe conhecemos.

Uma é o céo, sempre azul e limpido, a outra a rosa capaz de se estiolar, para que a sua belleza não attráia a mão tentada aos espinhos que a feririam; a ultima, emfim, é o mar que tão depressa alisa a superficie para retratar a lua, e as estrellas, e o sol, como a encrespa e a cava de profundissimos abysmos!

Eram tres flôres formosas dentro do jardim do presbyterio, de identico matiz e fórmãs perfeitas e semelhantes, mas de distinctos effeitos e perfumes variados.

Como vimos, a ambição no amor de Jorge d'Albuquerque, começava a despontar a pouco e pouco nos corações em viço de Rosa e de Leonor, e ao lembra-

rem-se, ao mesmo tempo, que elle poderia dár mais preferencias a uma do que a outra, ao sentirem já um como que pequenino espinho d'um despeito não justificado ainda, caíram n'aquelle expressivo silencio, que foi quem as trahiou no seus intimos pensamentos!

Quem poderia, no entretanto, escrever prophcias, sobre o que estava para acontecer?

Jorge teria de amar alguma? Qual d'ellas, n'este caso? Maria, Rosa ou Leonor? Não amaria nenhuma? Teria já o coração cheio com o nome e a alma povoada com a imagem deslumbrante d'uma outra que elle conhecesse primeiro? Quem sabe? Quem o conhecia? Quem lhe sabia da vida e dos segredos do coração?

No presbyterio ninguem!

Eu não sei se as tres donzellas estavam dirigindo a si proprias estas interrogações que aqui apresento aos commentarios dos que tiverem paciencia para lerem este despretençioso drama, e aos que tiverem mais sciencia do coração humano e das paixões que o agitam, do que quem só tem a colhida no estudo do seu proprio — como eu. O que sei é que, decorridos alguns instantes do silencio, em que se recolheram as tres meninas, o padre Miguel Duarte entrava ao presbyterio, com passo apresado, olhar vivo e chammejante, e expressão de intimo contentamento.

Luzia-lhe nos olhos a alegria que lhe fluctuava no coração, como nuvem d'ouro n'um céu d'anil tranquillo, e parecia que tinha acabado de receber a noticia de que

as almas dos seus fieis, que estavam expiando peccados no purgatorio, haviam subido ao céo, limpas de maculas e resgatadas das penas que soffriam!

Sentadas no interior do quarto e mais cuidadas da costura e do fiado, do que de quanto se passava na rua, quasi sempre isolada e solitaria, como quasi todas as ruas de todas as aldeias, em que só reina animação nos domingos ou dias de festa, nenhuma das pupillas do velho sacerdote o viu entrar, e nenhuma até o suppunha de volta tão cedo.

Appareceu-lhes por isso de subito, abrindo a porta do aposento e entrando como doido d'alegria, com uma carta na mão, que agitava no ar, suspensa por uma ponta, gritando ao mesmo tempo contentissimo:

— Amanhã temol-o cá! ámanhã temol-o cá!

Ellas assustaram-se no primeiro momento, mas assaltadas um instante depois, da mesma risonha ideia, exclamaram quasi ao mesmo tempo, palpitantes e com grande alvoroço, sobretudo, Leonor e Rosa:

— Elle!

— O senhor Jorge!

— Oh! que alegria!

— Lê tu, Leonor! lê tu afilhada! E nós a julgarmos que nos havia esquecido!

Leonor levantou-se rapidamente, tomou a carta das mãos do padrinho e procedeu á leitura, em voz alta, e um pouco trémula de commoção, emquanto o jubiloso presbytero ía meneando a cabeça respeitavel e festejando a alegria com o prazer d'uma pitada do seu meio sêcco.

Que saborosa pitada aquella!

A carta resava assim:

«MEU BONDOSO AMIGO E SENHOR.

«Já tomou á conta d'esquecimento o meu silencio
«de 15 dias, e esta longa ausencia como ingratição mi-
«nha? Oh! se assim aconteceu, faça-me agora mais jus-
«tiça, e restitua-me o conceito em que talvez o deixei
«a meu respeito. Ainda o não esqueci, meu respeitavel
«amigo, nunca o esquecerei até, antes pelo contrario,
«cada vez me é mais querido, e para prova d'isso, irei
«ámanhã abraçal-o, e saber da sua saude, e da saude
«das... pombas do seu ninho...»

— Não sei se percebem, filhas! interrompeu o padre
ébrio de regosijo.

Leonor proseguiu:

«Ainda sou para todos uma pessoa de familia? Ainda
«me estimam muito? Vel-o-hei ámanhã e até lá, adeus
«meu amigo do coração. Saudades ás suas pupillas to-
«das e á bondosa Thereza, e abraçe o seu dedicado e
«affeichoado

Jorge d'Albuquerque.»

«Casal dos Carvalhos, etc.»

— Nem de mim se esqueceu! gritou Thereza com
os olhos marejados de lagrimas, e que tinha corrido alli

ao ouvir os brados do padre, no momento em que entrava com a canastra de roupa do coradouro.

— Oh! aquillo é que é uma alma! exclamou o sacerdote.

— Teremos amanhã um dia alegre! ajuntou Maria.

— Então não dizem nada! accudiu o padre, vendo Rosa e Leonor silenciosas. Parece que embaçaram!

— Foi tão agradável a noticia! murmurou a irmã de Maria.

— Fiquei tão surprehendida! disse Leonor enleuada.

— Pois é trabalharem hoje, que amanhã é dia santificado no presbyterio.

Momentos depois havia alli dois corações, cada um dos quaes era agitado por sentimentos que se degladiavam.

Eram o de Leonor e o de Rosa, que ao mesmo tempo, um e outro, acarinhavam e repelliam a ideia da visita de Jorge d'Albuquerque.

E emquanto as duas volviam ao silencio, quebrado pela apparição do dignissimo presbytero; emquanto cada uma se entregava ás cogitações, mais ou menos vagas, do desabrochar das primeiras flôres do sentimento, Maria, a meiga e serena orphã, ía cantando com voz angelica, mas enfraquecida, esta trova popular:

Quem tem pinheiraes tem pinhas,
Quem tem pinhas tem pinhões;
Quem tem amores tem zelos,
Quem tem zelos tem paixões.

*

Viria ao acaso? Seria uma allusão? Um aviso que a Providencia mandava, alli, pela bôcca formosa da linda pupilla do presbytero?

Mysterios que ninguem decifra por mais que os sonde!

VII

Alegrias, amor e expansões

Sabeis, sem duvida, avaliar quanta alegria sente o afflicto coração d'uma pobre mãe, que, de cabellos desgrenhados, d'olhos incendiados pelo fogo da febre e pela ardencia das lagrimas, empallidecida pelas vigalias de longas e consecutivas noites, arquejante o seio, offegante d'anciedade, se ajoelha e debruça sobre o berço, aonde jaz o filhinho querido, suspenso dos labios do medico, que n'uma palavra o póde condemnar para sempre, mas que, ao tatear-lhe o pulso, a eleva subitamente ao céo, affirmando-lh'o salvo e livre!

Avaliaes, decerto, quantos jubilos traz á familia extremosa e dedicada o regresso do parente querido, ausente por longos annos, annos fartos de saudades, saudades de muitos espinhos!

Pois bem: fundi estas duas alegrias, ou imaginae-as intimamente-casadas, formando uma só, e tereis assim a alegria que invadiu o presbyterio, no dia seguinte, com a chegada de Jorge d'Albuquerque!

Aquillo foi uma doidice que se não explica, que se vê e que se não descreve, que se sente e se não reproduz! Foi um delyrio! foi um accesso de jubilos encantados!

O padre Miguel Duarte parecia que havia remoçado, e tal era a embriaguez que o dominava, que até da sua ampla caixa de tartaruga se esquecia! Thereza de tal modo se alheou de tudo quanto era sciencia da cosinha, em que, até certo ponto, era mestra, que tres ou quatro vezes collocou duas caçarolas ao lume, e outras tantas as retirou, sem saber porque e para que! Maria andava da varanda para a sala, da sala para o quarto, e do quarto para a varanda, alegre, contente, meiga e linda, como ave que saltita de vergontea para vergontea, satisfeita por ver que as azas já téem força para todos os vãos! Rosa trazia o olhar vivo, brilhante, despedindo irradiações de luz que deslumbra, rosto jubiloso, e uma certa expressão de contentamento que vem á face quando a alma presente a ventura! E Leonor andava envolta n'um como véo de celeste encanto, contente como noiva preparada para a santificação do seu amor, ou como o Anjo da Guarda, que em cada noite bate suavemente as azas no leito de cada virgem, para lhe embalar o descanso, esmaltado de castissimos sonhos e dôces enleios!

Hoje que as paixões sordidas e as ambições loucas e desmedidas vão tomando o lugar às afeições intimas e suaves, e aos mil encantos da vida serena da familia, não sei se alguém duvidará do contentamento que enchia as almas d'aquelles formosos entes, e o julgue excessivo e exagerado, não sei; mas sei que é certo que Jorge d'Albuquerque tinha para a familia do presbyterio um quê ignoto, um quê mysterioso, cujos effeitos eram os atraz mal esboçados. Parecia que era uma alma que todas aquellas almas entendiam e comprehendiam, fallando-lhes a mystica e desconhecida linguagem do céo! Era um como echo da solidão a repercutir inteiros e distinctos os sons das afinadas lyras d'aquelles corações todos! Era como a harpa do rei propheta, que attrahia e embriagava o povo, quando o grande vate soluçava os psalmos santos!

No presbyterio cada um lhe disputava as attenções, todos o queriam ao pé de si e ninguem o abandonava um só instante. O padre déra suéto aos seus discipulos, e as tres meninas guardavam o dia como santificado.

— Que desejos que eu tinha de o vêr, meu amigo! exclamava o velho cura, sentado na grande varanda, ao lado de Jorge, rodeado das pupillas todas. Até tenho andado tristonho, — tristeza que eu abençoô agora pelas alegrias que floresceu!

— E nós todas tambem, senhor Jorge!... Olhe, até o nosso *Tigre* parece que tem sentido a sua ausencia! ajuntou Leonor.

— E eu? Julgam então que era capaz de os esquecer? perguntou Jorge.

— Nunca! respondeu o presbytero.

— Oh! não cuidem isso! continuou o mancebo. Quando d'aqui saí deixei uma familia n'esta casa, que ficava sendo toda a minha e unica familia n'este mundo, desde aquelle dia. E para quem, como eu, não tinha sequer a doçura d'uma affeição verdadeira; para quem, como eu, vivia apenas rodeado da propria sombra, no meio da vasta solidão da minha vivenda, as affeições que me appareciam, e como que indicadas pelo dedo providente do Senhor, não podiam ser ephemeras nem quebrantaveis. Lembrava-me o presbyterio todos os dias, sentia em mim a ardencia viva e a crescente anciedade de voltar, porém, a ausencia do meu velho e cuidadoso feitor, que partiu para Vizeu por negocios e interesses da minha casa, que eu não podia abandonar, impediam-me de vir matar as minhas saudades. Esperando-o, de dia para dia, fui, de dia para dia, addiando, contrariado, a minha visita, e era por contar vir pessoalmente que nem sequer dei noticias minhas. Cá estou porém agora, e ás tristezas e á melancholia da nossa ausencia, succede uma alegria como nunca senti em vida minha.

— Até nos lembrou se teria adoecido, disse Maria de subito. Como estava ardente o sol d'aquelle dia...

— Oh! não! eu resisto bem, graças a Deus!

— Sabe o que eu tenho em grande pezar, meu querido? É o não poder viver comnosco, ou ao menos não

poder vir habitar na nossa aldeia, apesar de que é bem triste.

— Oh! isso é que era bom! murmurou Rosa, enrubescendo-se.

Jorge lançou-lhe um olhar expressivo e meigo.

— Quem sabe? accudiu depois. Póde ser que um dia se resolva esse problema, e talvez tanto mais depressa, quanto acho exagerada, e agora sobretudo a tristeza e a solidão do meu *Casal*.

— Oh! se á ventura da estima que nos vota se adicionasse a ventura de o termos sempre em Santo Estevam! Que alegria! que importancia não tomava esta pobre terra aos nossos olhos!

— Que exagero, senhor! exclamou Jorge sorrindo.

— É d'amisade, desculpe, accudiu Leonor.

— Que lindos dias não passaríamos aqui! suspirou Rosa.

— Que amenas leituras nos nossos serões d'inverno! acrescentou o padre.

— E as noites de luar n'esta varanda! adicionou Maria.

— Como eu estudaria então lindas peças de musica no meu *cravo*! interveio Leonor.

— Tudo! tudo! meu amigo! musica, poesia e affeições suavissimas! exclamou o cura, cheio d'entusiasmo, preparando uma deliciosa pitada.

— Até eu havia de fazer uns petisquinhos capazes de fazerem crescer a agua na bôca aos anjos! concluiu Thereza, que entrava n'este momento com o *Tigre* a

lamber-lhe as mãos, provavelmente porque rescendiam os aromas d'alguma das iguarias preparadas para o jantar.

Jorge impressionado talvez por tantas exclamações do risinho phantasiar d'aquellas bondosas almas, cravou os olhos, ao acaso, n'um ponto do extremo horisonte, e quem sabe se atravez do prisma d'aquelle olhar inconsciente, não estaria vendo deslisar ante os olhos do espirito, a vastissima paisagem da formosa vida, mal esboçada nas curtas phrases que acabava de ouvir alli? Quem sabe se n'aquelle momento se lhe estaria abrasando o coração com os primeiros effeitos da sêde da felicidade? Ou se estaria dominado por uma ignota e intima voz, que lhe segredava ao coração o como se gosa o céo na terra?

Um momento bastava para tudo isto...

Quando despregou os olhos do ponto longinquo, e os volveu á varanda, com modo de quem conhecera que se alheára de tudo e de todos, achou-se só com Rosa, que o fitava, pallida, meio tremula e com o seio em visiveis ondulações.

Encontraram-se-lhes os olhos, e n'esse crusar de raios visuaes houve o que quer que fosse de mysterioso, e de bello, e de sublime, porque elle sorriu-se, como não era costume seu, e ella còrou, tornando a impallidecer subitamente!

Ha duas coisas n'este mundo, de que muita gente duvida, e nas quaes eu creio muito, e de que por modo nenhum posso duvidar. São a força das lagrimas da mulher e o magnetismo de certos olhares, — dois pheno-

menos que realmente não sei explicar, mas que por experiencia propria affirmo verdadeiros.

E senão, diga-me alguém que ame ou que já amou, mas verdadeiramente, com um d'estes amores que são o reflexo vivo e brilhante das celestes affeições, se alguma vez pode resistir ás lagrimas sinceras da mulher amada, e se não foi n'um unico seductor olhar que sentiu preso o coração e preso por toda a vida! Não amou verdadeiramente quem affirmar o contrario!

É que as lagrimas da mulher querida são como os olhos das creanças pequeninas, dos innocentes que ainda não fallam: pedem silenciosamente, mas são tão eloquentes e de tal modo supplicam, que sensibilisam todo o coração e abrandam qualquer dureza!

É que o olhar que fascina uma alma por toda a vida, semelha-se á faisca cuspida pela nuvem, que abre, de meio a meio, o roble secular, ou o cedro gigante, deixando-lhe vestigios indeleveis!

— Em que scismava? perguntou Rosa, quebrando o silencio com voz meio abafada.

— Em nada... Oh! deixaram-nos sós! accudiu de subito.

— Como estava tão distrahido que nem deu por isso!

— É verdade! E para onde foram?

— Sahiram ás escondidas a um signal de Thereza, que provavelmente lhes quiz mostrar como foi cuidadosa em preparar um jantar bom.

— E porque não foi tambem, Rosinha?

— Porque... porque o não quiz deixar só! tartamudeou córando.

— Gosta muito de estar ao pé de mim?

— Muito, senhor Jorge! É tão bondoso!

— Diz-me mais uma coisa que lhe vou perguntar?

— Se eu souber...

— Sabe, sabe. Já gostou... já amou algum homem?

— Já, senhor Jorge.

— Já! exclamou elle empallidecendo subitamente.

— Amei meu pae como me ensinaram a amal-o...

— Ah! e só a elle? proseguiu Jorge, como que respirando.

— Só.

— E se agora um homem lhe pedisse que gostasse muito d'elle, que lhe quizesse muito?

— Um homem? quem? perguntou ella, simultaneamente enleada e anciosa.

— Eu, por exemplo.

— Oh! o senhor Jorge não póde pedir isso a quem é orphã e pobre, muito pobre; respondeu com accento de melancholia.

— Porque não? se o que eu peço é só a riqueza do coração, a riqueza d'um amor que seja só meu...

— N'esse caso... se m'o pedisse...

— Havia de gostar muito de mim, não é verdade?

— Muito... porque já gosto do senhor Jorge!... respondeu ella cheia de timidez.

— Oh! juro-lhe que a heide fazer ditosa!

— Mas eu tenho tanto medo!... murmurou ella como receiosa de que alguém a ouvisse.

N'este momento entrava o padre Miguel, radiante d'alegria, agitando ambas as mãos, em uma das quaes apertava o classico lenço de linho vermelho, e na outra a esplendida caixa de tartaruga, seguido de Leonor e Maria, que além dos jubilos proprios, partilhavam dos que lhe communicava o enthusiasmo do seu padrinho e bemfeitor.

— Vamos a elle! meu caro senhor Jorge! A Thereza despicou-se, em boa verdade. Não se teria esmerado mais se tivéssemos no presbyterio a pessoa do prelado! Vamos a elle! vamos a elle!

— Prompto, meu amigo! respondeu Jorge, pondo-se a pé.

E escoaram-se todos pela porta do quarto do velho presbytero, aromatisado pelo páu preto da maior parte dos moveis que o guarneciam, e dois minutos passados, já todos estavam á meza, saboreando uma succulenta sôpa de pão e hortaliça.

Eu não sei de nada mais suave, mais encantador, mais vivificante para a alma, do que estas placidas reuniões da familia, em volta da meza commum, quando as não perturba o sopro ruim das paixões ignobeis, das ambições violentas, e as sombras negras das dissensões domesticas; quando só lhes preside a alegria e a paz dulcissima da consciencia de cada um, paz, que é a maior fonte de ventura n'este mundo; e quando mais parece animal-as uma só vontade e uma só verdadeira afeição,

que seja a resultante unica de todas as vontades e de todas as affeições de cada conviva!

O jantar correu, pois, risonho e alegre, e nunca de tantos jubilos se viu enflorada e animada a mesa, não opulenta, mas franca, do nosso bondoso padre Miguel.

O prazer fartava mais que as proprias iguarias, e quem se desconsolava com isto era a cuidadosa Thereza, que, ao ver que todos os acepipes, em que empenhára toda a sua sciencia, voltavam á cosinha, pela maior parte, quasi intactos, se dava a perros, imaginando que era por não estarem bem cosinhados.

Soffria com isso o seu justissimo orgulho de melhor cosinheira de Santo Estevám, e enumerava, então, em silencioso monologo, as casas aonde, em outro tempo servira e fôra apreciada pelo seu talento culinario.

A refeição terminou como principiára, entre os perfumes da mais franca alegria, entre os jubilos, que, mais intimamente podem enflorar o coração. O resto da tarde emquanto foi ardente o sol, gastou-se em mil suaves palestras, em consecutivas interrogações e sinceras respostas, e nos doces projectos d'uma nova visita de Jorge ao presbyterio.

Leonor para tornar mais esplendorosa a recepção ao sympathico moço, pediu licença ao bondoso padrinho para abrir o seu cravo, fechado desde o dia da morte do velho Pedro, e elle não se esquivou a concedel-a, em attenção ao seu hospede, apesar do lucto recente das suas frescas pupillas. Pediu, no entretanto que tocasse o mais baixinho possivel. Leonor fez-lhe a vontade, e exe-

cutou com mimo umas tres composições singellas, suaves, poeticas, impregnadas d'um vivo aroma d'amor, que ia fluctuar, em tenues nuvens nos corações vicejantes de Jorge e de Rosinha.

Maria sentou-se ao lado de Leonor, embebida em ver como aquelles mimosos dedos corriam, rapidos pelo marfim do teclado; o mancebo e Rosa, collocados no vão da janella, olhavam atravez dos vidros, para a rua, e contemplavam o vasto panorama que se lhes desenrolava deante; e o padre Miguel recolhera-se ao seu quarto, para em completo silencio melhor render graças a Deus.

Jorge tinha na mão a *Luz e Calor* do padre Bernardes, que apanhára insensivelmente de sobre uma cadeira, e Rosa torcia e retorcia entre as mãos, e distrahidamente, um pequenino fragmento de alecrim perfumoso.

— Parto d'aqui a pouco, Rosinha, disse o mancebo a meia voz, em quanto o *cravo* gemia as suas harmonias; porém, não quero ir sem levar a certeza de uma cousa. Não me hade esquecer nunca, não?

— Não, senhor Jorge! respondeu ella, lançando ás outras um olhar com receio de que a ouvissem.

— E ha de ter muitas saudades por mim?

— Muitas! soluçou quasi imperceptivelmente, com os olhos vidrados por duas crystalinas lagrimas, e o seio a arfar convulsivamente.

— Tambem eu... suspirou Jorge, tambem eu terei muitissimas.

Este rapido trocar de singellissimas phrases, resu-

miu um grande poema, poema d'amor e de receio, de duvida e de esperança, de enthusiasmos e de retrahimentos, como todos os que canta, em mystica linguagem, o coração que sente os arreboes das primeiras alvoradas do celeste sentimento!

Jorge partiu n'esse dia, ao fim da tarde, deixando o presbyterio envolto nas sombras melancolicas de muitas saudades, e se não eram tão vivas como as que deixára da outra vez, é porque as adoçava, agora, a esperança de que elle voltaria dentro de pouco tempo.

O bondoso padre Miguel quiz acompanhal-o até fóra da aldeia e foi.

N'esse curto passeio, em que seguiam ao lado um do outro, Jorge desatou-se em vivas expansões com o respeitavel presbytero, e se não lhe confessou que ia amando Rosa, acabou por dizer-lhe:

— Presinto, meu amigo, que é na sua familia que eu hei-de crear a minha, e ver surgir a verdadeira felicidade.

— Oxalá! Deus permitta que as flôres do presbyterio chovam aromas sobre a sua cabeça, como as bençãos do céo, com que Deus cobre os seus eleitos!

Déram-se um apertado abraço e separaram-se.

O pôr do sol, quasi no extremo occaso, derramava na paizagem uma luz melancolica, que se casava harmonicamente com a melancholia d'aquellas duas almas.

E, quando á noite o presbytero meditava, passeiando sósinho no meio do silencio do seu quarto, recordou-se de que promettera um dia fazer Leonor feliz, e exclamou, comsigo, a meia voz:

— Oh! se fosse para ella que elle volvesse os olhos do seu amor!...

O dia, que passara, fôra fertil d'alegrias para todos, d'amor nos primeiros estremecimentos para Jorge e Rosinha, e de sinceras expansões para aquelle e para o nobre cura de Santo Estevam.

VIII

No Casal dos Carvalhos

O *Casal dos Carvalhos* é uma espaçosa vivenda, de singella architectura, meio apalaçada, d'um unico andar, a que se sóbe por uma dupla escada de pedra em fórma de trapezio, de cada lado da qual se infleiram quatro saccadas; tem quatro janellas de peitoril em cada face latteral e uma extensa varanda na rectaguarda, olhando para uma vasta planicie, onde, em dias de sol, ondeia em caprichosas curvas, um ribeiro, que é mansissimo cordeiro de verão, e leão, que irriça a juba de inverno, quando o enfurecem as aguas torrencias, que descem por debaixo da tunica de neve da elevada serra d'Estrella, que é o pano de fundo da larga e comprida paizagem, que a vista abrange d'aquelle ponto.

Situado a egual distancia d'uma e de outra, entre

Vizeu e a aldeia de Santo Estevam, tem extensos domínios, muitas dependencias e os altos muros que o resguardam, como panos d'um baluarte, e o exterior da habitação, que só póde ser bem descortinada d'alguma eminencia visinha, indicam, alli, um ninho opulento, apesar da solidão, do isolamento e da sombriedade do local, na que assenta.

Apenas ao longe, aqui e acolá, se vê alvejar, como sentinella perdida, a casinha modesta d'algum lavrador mediocre, e não é sem difficuldade que a vista descortina, atravez d'um extenso, escuro e cerrado pinheiral, do lado do poente, a ennegrecida grimpa da pequena torre da igreja da povoação mais proxima.

Apezar de todas as apparencias da grandeza do *Casal dos Carvalhos*, o coração confrange-se ao entrar alli e a alma como que se envolve na densa neblina d'uma profunda tristeza, e se resente da neve, que amortalha, durante quasi todo o anno, o gigante colosso da Estrella.

Dão o nome ao *Casal* uns vetustos e alentados carvalhos, que tudo ensombrecem n'uma grande area, mas com sombras sem suavidade, sem doçura, sem o quê crepuscular, que tem todas as sombras, porque até as proprias aves parecem fugir d'alli amedrontadas.

Em frente extensos pinheiraes, enredados d'atalhos, onde, de quando em quando, pesca algum solitario caçador, ou algum cão foragido, que ladra soturnamente, correndo sempre. O lado, sem duvida, mais pittoresco e menos sombrio é o da rectaguarda, em que a vegetação

é mais variada e menos melancolica, e em que a paizagem tem mais accidentes que menos intristecem.

O interior do *Casal* está em perfeita harmonia com todo o exterior. Os espaçosos salões de tectos pyramidaes de madeira de castanho bem conservada, a mobilia simples, mas antiga, escura, deselegante, a nudez das paredes altas e brancas, e, sobretudo, a visivel ausencia dos enfeites e dos adornos, que só sabem preparar as mãos delicadas da mulher, que é sol que tudo anima com a voz, com os olhos e com os encantos, fazem lembrar, embora mais ou menos vagamente, os salões solitarios e phantasticos dos contos de Hoffman ou dos romances phantasiosos d'Anna Radcliffe.

Ha momentos em que só alli habita o silencio dos cemiterios em noite estiada e triste, e dir-se-hia que tudo aquillo jazia abandonado se, cá fóra, não dessem signaes de vida umas pombas de plumagem iriada, voando do telhado para as grandes arvores, abatendo depois o vôo em uma extensa eira; se não fosse a cultura dos campos adjacentes, em boa verdade bem cuidada e esmerada, e ainda, uma ou outra vez, a melopeia d'umas cantigas d'algun creado que vem da planicie ao *Casal*, ou que vae da habitação á planicie.

N'esta casa, que semelha um ninho de passaros bravos, architectado em meio das vozes d'um monte agreste, é que vive o nosso sympathico Jorge d'Albuquerque, com duas creadas velhas, tres moços de lavoura e o seu feitor José Maria d'Azevedo, homem dos seus quarenta e cinco annos, fiel, leal, bom conselheiro e optimo zela-

dor dos interesses do seu amo, que muitas vezes o trouxe ao collo quando pequenino.

É alli n'aquelle como que ninho d'abutres que vive a nossa pomba!

Jorge d'Albuquerque não podia deixar de resentir-se d'aquella solidão e d'aquella tristeza, no meio das quaes vivia, pouco importado com o bulicio das existencias mais floridas, e já, no decurso d'esta desprerenciosa narrativa, tivemos occasião de apontal-o como possuidor d'uma alma contemplativa e um pouco melancholica, influenciada, certamente, pelo isolamento e pelo sombrio de sua habitação.

Realmente tristissima era a vida d'aquelle moço, em pleno viço das flores perfumadas da primavera, tão despida deslisava dos encantos, das alegrias e dos enthusiasmos, que, mais ou menos phrenetica e delirantemente engrinaldam e afestoam o coração e a alma da fada juvenil.

Jorge permanecia quasi sempre no seu *Casal*, porque pouquissimas vezes o deixava em cada anno para ir a Vizeu, o que quasi sempre acontecia por occasião das festas de Santo Antonio, ou por occasião da feira em setembro, e os seus dias eram passados, ora na caça, ora na leitura dos livros d'uma menos mal guarnecida bibliotheca, que havia no *Casal*, ou ainda em demorados passeios pela sua vasta propriedade, conversando, aqui e acolá, com os moços, que andavam na affadigosa lida. As noites eram gastas em sociavel e intima palestra com o seu feitor e procurador José Maria, em pleno luar,

nas noites calmosas do estio, e ao calor d'uma viva braseira, quando o inverno tecia de neve a alvacenta purpura do Herminio.

A gente do *Casal* notára, porém, que o nosso modesto heroe tinha soffrido uma alteração, fosse ella qual fosse, havia alguns dias, porque perdera a constante expressão d'uma certa nuvem de melancholia, apresentando-se agora, umas vezes, n'uns jubilos que ninguém lhe conhecera nunca, outras, em visivel estado de tristeza, em que se absorvia, e que de tudo e de todos o indifferentava.

A mimosa leitora, que tem uma prespicacia que não é para comparar-se com a das pessoas que Jorge tinha em casa, sabe já que a mudança soffrida por elle datava desde o dia, em que, pela primeira vez recolhera de Santo Estevam, aonde o levára, não sabemos se o acaso, se a Providencia, e, como eu, não ignora tambem, que as alternativas em que se agitava, eram originadas pelos embates em que trazia o espirito.

As saudades, d'um lado, e as esperanças, do outro, taes eram, em verdade, as causas, que ora o enchiam de jubilos e o tornavam prasenteiro, ora o entristeciam a ponto de, quasi, passar distrahido, nos seus passeios pela quinta, ante os moços da lavoura, que até de longe o saudavam risonhos.

Jorge d'Albuquerque recolheu á sua vivenda, da ultima visita ao presbyterio de Santo Estevam, por volta de 10 horas da noite, n'uma noite, formosa, como só as ha em Portugal e Italia.

Já tudo dormia quando entrou, depois d'um trajecto de quatro leguas, durante as quaes não desviou um só momento a ideia de Santo Estevam, e, sobretudo, de Rosinha.

Que de sonhos n'esse curto espaço de tempo! que de phantasias! e quantos devaneios! quantos alvoroços! quantos loucos enthusiasmos!

Era pequeno o mundo para conter a vastidão dos seus projectos, e estreitissimo o coração para encerrar o que sentia! Era a mocidade a desatar-se nos balsamicos enlevos, nas emanações suaves das primeiras inspirações.

Jorge era esperado pela cuidadosa e affeiçãoada Josepha, uma das duas idosas creadas de casa, que esperava, mattando o tempo a fiar e a resar a *Corôa*, á luz d'um candieiro de pé alto, de dois bicos, e que não poude deixar d'exclamar ao vel-o, como censura, a que lhe dava direito a sua superioridade d'annos :

— Ainda agora! senhor Jorge!

— Então? respondeu o moço sorrindo. Houve alguma novidade?

— Não, meu senhor. Mas tão a deshoras sósinho por esses caminhos e atalhos, sujeito a soffrer qualquer desfeita...

— Quem não deve não teme, Josepha.

— Isso é bem dito, mas é bem verdade, tambem, que ha muito perverso por esse mundo de Christo...

— Não tem duvida.

— Lembre-se do senhor seu paisinho, que Deus tenha em bom logar!

— Não fallemos agora n'isso, Josepha.

— Eu, pelo sim pelo não, sempre o respondi a Santo Antonio, umas sete vezes, desde que anoiteceu!

— Obrigado. Agora vae-te deitar, anda, que já deves ter vontade. Eu vou fazer o mesmo.

— E então não hade querer nada, senhor Jorge?

— Nada.

— Nem uma chicarinha de chá com as torradinhas do costume?

— Não ; agradecido. As alegrias tambem sustentam e eu venho hoje muito contente.

— Antes assim, e Deus queira que seja para felicidade sua. Fique-se então em companhia do Anjo da Guarda e de Nossa Senhora.

— Adeus.

— Muito boas noites, meu menino!

Pouco depois já Jorge dormia e sonhava.

Quem não sonha aos vinte annos, se é n'essa idade que mais nos sorri o archanjo das phantasias?

E que esplendidos sonhos aquelles! Que vasto deslizar de formosos quadros, ante os seus olhos cerrados! Estava vendo uns anjos, que, baixados do céo, pairavam em torno do seu leito, derramando-lhe sobre a cabeça, a mãos fartas, as mimosas petalas das brancas rosas da felicidade, que desabrocham nos encantados jardins do empyrio! Esta chuva de flores, fazia-lhe estremecer de jubilos o coração e a alma, e, d'envolta com as celestes nuvens dos perfumes, que exhalavam, moviam-se invisivelmente umas como vagas harmonias, d'um canticó

sublime, d'uma musica desconhecida, suave, deliciosa e fascinadora, em que de quando em quando, parecia trazer um nonne dulcissimo e uma voz meliflua aos seus ouvidos—a voz e o nome de Rosa, a orphã do velho Pedro!

Ás oito horas e meia da manhã do dia seguinte, estava Jorge a almoçar sósinho, e, talvez, com um appetite, que poria em duvida todas as saudades que sentia pela gente do presbyterio, se não fosse problema acertadamente resolvidissimo e caso averiguado, que em officios moraes, o estomago nada entende com o coração, quando entrou José Maria, o leal feitor e procurador de Jorge.

José Maria era o unico conviva certo, á mesa de Jorge; mas n'aquelle dia julgando que elle se levantaria mais tarde, por ter imaginado que mais tarde se havia recolhido, pediu o almoço um pouco mais cedo, e desceu á quinta a fiscalisar o serviço dos subordinados.

D'alli regressava elle, quando entrou á sala da refeição, no momento em que Jorge almoçava.

—Bons dias, senhor Jorge.

—Adeus, José Maria. Como vaes?

—Bom, agradecido; e v.^a s.^a?

—Optimo, e com um appetite devorador.

—Signal de saude; bom é isso.

—Tu já almoçaste, mas senta-te ahi.

—Com licença.

E José Maria sentou-se defronte de Jorge, olhando-o com curiosidade, como quem pertendia lêr o que lhe ia pelo intimo.

— Sabes, meu amigo, proseguiu Jorge, que recolhi hontem á noite com idéas de me casar!

— De casar?! perguntou o procurador admirado.

— É verdade, respondeu o moço.

— Surprehende-me devéras e tanto mais quanto eu ignorava...

— Que eu tivesse amores, não é assim?

— Sem duvida.

— Pois tenho-os, e ha apenas quinze dias.

— Quinze dias! Isso então são labaredas que ainda se podem apagar. Eu julguei que v. s.^a fallava sério...

— Ora essa! digo-te a verdade, e enganas-te suppondo que isto seja fogo capaz de apagar-se. É a primeira vez que amo, e sinto e reconheço que é n'este amor que tenho a felicidade!

— Deus o permitta, e ninguem lh'a deseja mais do que eu. No entretanto, senhor Jorge, desculpe-me a franqueza, olhe que o casamento é o passo mais sério da vida do homem!

— Bem sei, e já reflecti.

— O senhor Jorge não é nenhuma creança e tem já a idade e o juizo sufficientes para avaliar bem o alcance d'uma coisa d'essas. E, por Deus, não julgue que o pertendo desviar d'esse caminho. Mas deixe-me fallar-lhe com lealdade d'amigo e com a experiencia adquirida á custa dos meus quasi cincoenta annos. Não case sem ter a certeza de que ama e de que é verdadeiramente amado. Não se exponha aos mil principios de uma união que não seja assente em fundamentos d'esta

natureza. Tolere-me que eu lhe recorde agora, aqui, que ninguem nos ouve, o enlace de seu pae, senhor Jorge! Foi um casamento todo de conveniencias e interesses de parte a parte, e bem sabe v. s.^a as victimas que elle fez! Sua mãesinha, que era uma santa virtuosa e resignada, morreu crivada de desgostos... seu pae, que se fez um grande desgraçado, succumbiu ás mãos desconhecidas d'uns perversos que a justiça divina ha de castigar, e victima das suas imprudencias, não contando ainda outras infelicidades, que o precipitado e fatal irmão do snr. Jeronymo d'Albuquerque fez nascer no decurso de alguns annos...

— Bem sei, José Maria.

— Não se prenda a conveniencias materiaes, nem se deixe seduzir e arrebatar pelos impulsos incertos do seu coração, que pôde mentir ou illudil-o.

— De certo que não; e para te provar que amo doidamente, basta que te diga, que tenciono fazer esposa minha uma menina orphã e pobrissima.

— Qu'importa? com tanto que seja virtuosa...

— Oh! isso é-o como ninguem!

— Estou quasi adivinhando...

— Quem é, não?

— É verdade, senhor Jorge.

— E não te enganas. No jardim do presbyterio de Santo Estevam, não podia haver uma flôr que não fosse um mimo, porque o jardineiro é escrupuloso, meu amigo!

— Que me diz, senhor! perguntou o feitor levantando-se de subito e impallidecendo. Pois então é...

— Uma pupilla do padre Miguel Duarte, sim! Porque te espantas?

— Eu?... É porque... realmente vejo que escolheu com o coração e não com a cabeça!

— Que faria se a conhecesses!

— Imagino, senhor Jorge. Deve ser uma pomba pela alma e um anjo pela formosura!

— Oh! ainda bem que me animas, José Maria! Dá-me um abraço, meu amigo.

Os dois abraçaram-se; porém o feitor tinha o rosto em visível expressão de descontentamento.

— E isso está para breve, senhor Jorge? perguntou aquelle desligando-se dos braços que o estreitavam.

— Não sei; és tu a primeira pessoa a quem fallo n'isto, e, com franqueza, se bem que já pensasse, quero ainda reflectir mais no caso...

— Faz bem, senhor, faz bem.

— Conheço que estou n'uma idade perigosa, em que posso ser arrastado por alguma fatalidade, e eu quero fugir-lhe. Além d'isto, sinto a necessidade de me crear uma familia, José Maria, porque me enfada muito esta solidão, este deserto que me rodeia sempre, e esta ausencia dos affectos que eu sei que são a doçura da existencia. Preciso tanto de dar a minha vida a alguém, como careço que alguém me vote a sua. Viver como eu vivo aqui, bem sabes que não é viver. Que interesse me pôde despertar uma existencia sem estimulos? um jardim sem flôres? um deserto sem vegetação? Mas, so-

bre tudo, José Maria — e Jorge enchia-se de enthusiasmo — sobre tudo, quero uma familia porque amo, quero uma esposa porque o céo m'a deparou formosa de corpo e alma, e ainda porque sei que ella ha de adorar-me tambem !

— Tem razão, senhor Jorge, mas ainda uma vez lhe rogo que reflexione bem para não dar um passo em falso!

— Não dou, acredita. O que preciso é saber uma coisa.

— Qual?

— Os meus rendimentos chegam bem para o sustento d'uma familia como a que posso crear, casando-me?

— Chegam e sobram. A casa que o desgraçado pae de v. s.^a lhe legou mais empenhada do que livre, está felizmente, não só resgatada dos onerosos encargos que tinha, mas tambem augmentada e florescente.

— És um verdadeiro pae, José Maria!

— Sou-lhe dedicado, porque o trouxe ao collo, quando pequenino, e sou fiel e honrado, porque quero conservar a herança que me deixaram os meus!

— Obrigado, meu amigo! disse Jorge, apertando-lhe as mãos com effusão.

Pouco depois, Jorge descia á quinta no seu habitual passeio, e José Maria recolhia-se ao seu quarto, que era, ao mesmo tempo, o seu escriptorio, murmurando baixinho, e com modos d'inquietação:

— Que fatalidade, meu Deus! que funesta inspiração a d'este casamento!

IX

Colloquios secretos

Grande devia ser, inquestionavelmente, e muito desagradavel a impressão que produziu em José Maria a subita noticia de que Jorge tencionava casar-se se fomos avalial-a pela expressão de descontentamento, em que já o vimos, e pela absorpção das ideias, em que, agitadoamente passeia agora pelo seu aposento.

Jorge descera para a quinta, no seu costumado recreio, quando acabou de almoçar, e, d'esta vez, ía alegre e prasenteiro, porque, com cada um dos moços e creados da lavoura, se demorava, conversando e rindo, sem que de modo algum deixasse quebrar o respeito que lhe era devido.

As creadas estavam entregues ao cumprimento das suas variadas occupações, com o interesse e o afan de

quem zela a fazenda propria e com a intima satisfação que todo o trabalho fructifica, quando bem ordenado e moderado.

Se o ocio é caminho que conduz a todos os vicios, e origem de muitas calamidades, o excesso do trabalho, o exercicio demasiado das forças do corpo, é tambem causa funesta de grandes males. O trabalho, para que seja hygienico, productivo, aperfeiçoado e alegre, carece, como todas as coisas d'este mundo, de moderação e de regra, de boa direcção e sufficiente zelo.

José Maria havia-se pois retirado ao seu quarto e escriptorio, soltando, como já dissemos, e a meia voz, esta exclamação :

— Que fatalidade, meu Deus! que funesta inspiração a d'este casamento!

Entrou, sentou-se n'uma cadeira, passou a mão pela testa, n'um vigoroso attrito, como para desviar de lá uma ideia que o preocupava muito dolorosamente, e levantou-se instantes depois, começando a passeiar, percorrendo o quarto em uma das suas diagonaes, em claro modo de viva inquietação.

Que motivos teria o zeloso feitor para tanto se apouquentar com a noticia do casamento de seu amo?

Seria pela ideia?

Seria pela pessoa com quem Jorge terminava ligar-se?

Como? se elle confessou não conhecel-a?

Seria por Jorge lhe ter affirmado que era pobrissima?

Não, sem duvida, porque foi o primeiro a approvar o enlace, pelo menos apparentemente.

O que é certo, é que havia em tudo isto um mysterio, fosse qual fosse, viesse de onde viesse, mysterio tanto maior, quanto menos José Maria deixava transparecer-lhe a decifração.

Andava, talvez, em intimo monologo, continuando a percorrer o aposento, d'um a outro angulo, e de olhos cravados no chão, quando bateram á porta, e uma voz perguntou de fóra :

— Dá licença, snr. José Maria.

— Entra.

E abriu a porta.

Era a creada Josepha, tão antiga na casa, como elle, porém, um pouco mais avançada em idade.

— Que queres, Josepha? perguntou o feitor, vendo-a.

— Fazer a cama e arrumar o quarto se o não incommodo agora.

— Não; anda lá.

A creada avançou, dirigiu-se ao leito de pau preto, artisticamente torneado, tirou a roupa e lançou-a sobre uma cadeira.

José Maria continuou a passeiar, absorvido nas ideias, que tão pertinazmente pareciam affligil-o.

— Está incommodado, snr. José Maria? perguntou a creada vendo-o agitado.

— Não; porque?

— A modos que o vejo, como quem tem alguma coisa que o afflige.

— Talvez . . .

— Veja se precisa d'alguma coisa . . .

— Obrigado, não quero nada. Aonde está o snr. Jorge?

— Anda no fundo da quinta a conversar com os moços.

— E está seguro?

Havia para Josepha um vago mysterio nas palavras e no modo de fallar do feitor.

— Está, sim, senhor, respondeu ella, fitando-o.

— E anda alguém ahi fóra na sala?

— Ninguém.

— Cerra essa porta.

— Estranho-o hoje . . .

E Josepha obedeceu fechando a porta.

— Estou realmente preocupado. Temos um raio eminente sobre as nossas cabeças, e não sei como heide evital-o!

— Um raio! exclamou a velha, quasi gritando.

— Falla baixo. Um raio, sim!

— Assusta-me devéras . . .

— O snr. Jorge vae casar-se, Josepha!

— Não me diga outra!

— É verdade!

— Quando?

— Não sei, mas creio que breve.

— Com quem?

— Com quem? repetiu o feitor, olhando de revez e com receio para a porta. No presbyterio de Santo Estevam, Josepha!

E accentuou estas palavras, pronunciadas a meia voz.

— Não pôde ser! Isso é engano!

— Affirmo-t'ó eu.

— Mas lá, só se fôr... accudiu a velha despedindo um olhar significativo.

— Vê tu que calamidade! interrompeu elle.

— Oh! isso é impossivel! Pois elle hade casar com...

— Com a pupilla de padre Miguel Duarte, sim; no presbyterio e em Santo Estevam com quem hade ser, senão com ella?

— Olhe que talvez seja graça. Quem lh'ó disse?

— Elle, não ha ainda um quarto de hora.

— E tem a certeza de que não foi por caçoada?

— Sem duvida.

— Mas como pôde ser semelhante coisa, se elle mal conhece essa aldeia e... essa familia?

— Não sei. Isso lhe disse eu, julgando que elle graçjava commigo, porém affiançou-me que a amava loucamente, e de tal modo m'ó disse que não posso duvidal-o!

— Então é porque já a conhecia.

— Viu-a ha quinze dias pela primeira vez.

— Que desastre, meu Deus!

— Que funesta inspiração!

— E como não será ella para em tão pouco tempo o prender d'esse modo!

— Formosa... uma pomba! Já t'ó tenho dito muitas vezes. Nunca a vi, nunca quiz vel-a para me não

trahir com alguma fraqueza, mas tenho-o indagado, tenho-me informado sempre d'ella... É um anjo em tudo!

— Estou a tremer com essa noticia, snr. José Maria! Nossa Senhora me accuda!

— E eu ainda mais afflicto com ella!

— E já cuidou nos meios de o desviar?

— Nos meios! que meios poderei eu conseguir para desfazer uma paixão que a sympathia accendeu?

— Todos!

— Quaes?

— Todos!

— Todos, como? Não vejo um só que não seja melindroso; não ha um unico que me não obrigue a avivar memorias tristissimas, que a terra esconde; que me não fórce a recordar desgraças que os annos esqueceram; que me não leve a descobrir nomes e miserias que o tempo sepultou para sempre!

— Que importa se é preciso transtornar o casamento?

— E as minhas promessas, Josepha?

— Quebre-as.

— E os meus solemnes juramentos, mulher?

— Deus, que tudô vê e tudo sabe, hade perdoar-lhe o peccado.

— O que te digo é que estou embaraçado. O caso é serio. De mais a mais, commetti a imprudencia de lhe dizer que a casa não só estava desempenhada, mas tambem augmentada, quando me perguntou, se ella lhe da-

ria rendimentos sufficientes para as exigencias que ía crear com uma nova familia!

— O melhor, visto isso, parece-me que é vêr se demora o casamento.

— Já pensei n'esse alvitre, mas regeito-o, porque é improductivo. Com a demora hade ainda accender-se-lhe mais o desejo e é peor.

— Tem razão.

— Já me lembrou ir a Santo Estevam e narrar tudo ao padre Miguel Duarte.

— Não sei...

— Reflecti, porém, e acho uma imprudencia n'esse passo, sobretudo, por ora!

— E ella? quererá?

— Porque não? O snr. Jorge não é a todos os respeitos um bellissimo partido?

— Oh! até merecedor d'uma princeza?

— Dize-me:— que annos tem ella agora? Dezeseis, não?

— Esses, pouco mais ou menos.

— Faltam ainda quatro! É muito! murmurou o feitor como que fallando comsigo.

— Para que?

— Para cumprir as minhas promessas, se Deus me dér vida.

— Pense, que Deus hade ajudal-o.

— Oxalá! Mas não sei como.

— Pense.

— Dize-me ainda: — tens bem guardado o cofre que te confiei!

— Pois então não hei-de ter?

— Vê lá!

— Ora essa! Ninguém sabe que elle existe, porque ninguém lhe pôz ainda a vista em cima!

— Não basta isso... Parece-me que sinto passos! Quem será?

— O snr. Jorge que recolhe, disse Josepha, que foi á janella vêr quem era.

Jorge rodeava effectivamente a casa, dirigindo-se á grande escadaria de pedra da frente, arrancando destrahidamente umas folhinhas de hera verde das que revestiam os graníticos angulos da habitação.

— Deixo-te só; é preciso que elle nos não veja juntos para que não desconfie, disse o feitor avançando para a porta.

— Em todo o caso veja se póde descobrir meios de impedir o casamento!

— Isso fatalmente, custe o que custar!

— Deus o inspire!

— Silencio sobre o que aqui se passou, ouviste?

— Ora essa! Sou uma sepultura. Vá descansado!

José Maria sahiu do quarto.

Jorge subia as escadas n'este momento.

Josepha, quando se viu só, começou de novo o trabalho interrompido com o secreto colloquio, e exclamou comsigo, baixinho:

— E d'ahi, quem sabe se Nossa Senhora se serve d'este meio para descobrir a verdade!

N'este momento Josepha, lançou, por accaso, os olhos a um Christo Crucificado, que jazia entre flôres, no centro d'um oratorio, sobre uma ampla commoda, e pareceu-lhe, — o que é a imaginação! — pareceu-lhe que os pallidos labios do Martyr Sublime se moveram, que os amortecidos olhos se volveram para ella, e que Elle exhalou esta resposta:

— Talvez!

Foi tal, não sabemos, se o terror se o respeito, que a velha sentiu, que machinalmente cahiu de joelhos, fechou os olhos e orou!

A oração acalma, porque é balsamo e laço que prende a creatura ao Creador.

Levantou-se depois, livre de oppressão que sentiu e tratou d'apressar o serviço que lhe cumpria fazer alli.

Quando deixou o quarto em direcção á cosinha, andavam Jorge e José Maria passeando na grande sala, ao lado um do outro, este de mãos enfronhadas nos bolsos e olhos cravados no chão, aquelle gesticulando com modos entusiasticos e alegres.

Jorge era quem tinha a palavra, mas ao ver Josepha, deu á voz a accentuação de quem está revelando um segredo, continuando logo, apenas ella desapareceu, cerrando a porta por onde sahira para o interior, a conversa, um instante, quasi que interrompida.

José Maria lançou á velha um olhar expressivo,

quando elle atravessava a sala, olhar que podemos traduzir d'este modo, sem receio de errarmos:

— Cá estou no meu posto! Veremos se vencerei!

No entretanto Jorge proseguiu, e o feitor continuou a scismar.

— Pensarei, sim. E até vou dar um passo que não póde deixar de merecer a tua approvação.

— Qual, senhor Jorge?

— Vou escrever ao padre Miguel, confessando-lhe as minhas intenções, e declarando-lhe que não volto ao presbyterio, em quanto não tiver a íntima convicção da sua auctorisação, de que me recebe bem. O meu cavalheirismo pede-me isto.

— Faz o que deve; obra como homem de bem e de brios. Parece-me, porém...

— O que? Lá vens tu com os teus *mas* e com os teus *porens*!

— Oh! senhor Jorge, perdôe! Então julga que sou capaz de o estar a contradizer sem ser para seu bem, ou pelo menos, sem entender que tenho razão?

— Não; anda lá.

— Bem. Eu parece-me que não deve por em quanto fallar ao padre Miguel nas suas intenções. Confesse-lhe apenas o sentimento que o domina e não passe d'isso.

— Porque?

— Porque póde arrepende-se d'um momento para outro, póde perder esse desejo de casar-se, e certo é que n'esse caso não poderá facilmente e airosamente, pelo

menos, sahir-se do quasi empenho em que vae pôr a sua palavra.

— Tens razão.

— O padre Miguel deve necessariamente responder-lhe, e tenho quasi a evidencia de que o continúa a receber de braços abertos. Isto, comtudo, não obsta a que eu seja tambem d'opinião de que não volte a Santo Estevam sem que o padre Miguel confirme a minha supposição.

— Oh! faço-o, não o duvides!

— E quando vae a carta?

— Hoje mesmo.

— Já?

— Já, sim; pois então?

— Acho cedo.

— Não sei porque? Tu não avalias de certo a minha impaciencia!

— Comprehendo-a, mas ainda hontem de lá veio, e elle póde arguil-o de não ter sido franco n'uma occasião em que o recebia em sua casa.

— Irá então amanhã.

— Ou depois...

— Nada; ha de ir amanhã; não posso esperar mais!

— Seja! concluiu o feitor.

Instantes depois estavam separados.

Jorge dirigiu-se para o seu quarto, esfregando as mãos, como quem ia debaixo do predominio d'uma ideia, mas d'uma ideia que despertava alegrias e sentimentos gratos.

José Maria dirigiu-se á varanda da rectaguarda da habitação, mas ao atravessar o corredor que conduzia a ella encontrou-se com Josepha.

Travaram novo dialogo, mas em voz quasi imperceptivel e com olhares de quem receia de tudo e de todos.

— Então? começou a velha.

— Falla mais baixo! murmurou José Maria, olhando para o fundo do corredor.

— Ninguem nos ouve, respondeu ella. Que arranjou?

— Pouco... quasi nada...

— De vagar se vae ao longe.

— Consegui apenas que não volte a Santo Estevam estes tres ou quatro dias!

— E depois?

— Depois?

— Sim.

— Deus dirá o que ha de ser.

E separaram-se.

A manhã fôra fertil em colloquios secretos.

X

A carta de Jorge

O que fazia, no entretanto, Rosinha?

Pensaria em Jorge?

A leitora classifica de superflua esta interrogação, porque avaliando Rosa, por si, pelo que sentiu com as primeiras celestes impressões d'um primeiro amor, não póde duvidar de que a meiga orphã pensava tambem em Jorge.

Pensava, sim; e a imagem, que elle lhe deixára esculpida no coração, no dia da ultima visita ao presbyterio de Santo Estevam, perturbava-lhe a tranquillidade, algemava-lhe o pensamento, fascinava-lhe os olhos do espirito!

Via-o em tudo, ouvia-o em tudo:—na ave que brincava de fronde para fronde, na folha que bulia, no zephyro que respirava entre a rama dos cyprestes do quin-

tal, na borboleta branca dos campos, nas ondulações dos trigaes, na agua do ribeiro, nos aromas das flôres, no zumbido das abelhas, nos raios do sol, nas sombras da noite, no resplendor das estrellas, no brilho da lua, no azul da abobada celeste, e até lhe confundia o nome nas suas singelas orações!

Era uma visão constante em que a doce imagem lhe apparecia radiosa! era uma afinadissima harpa a dedilhar as harmonias da voz querida!

Nada ha que tanto opprima, e que, ao mesmo tempo, tanto dilate um peito, como um segredo d'amor, um primeiro segredo d'amor, quando nos domina o receio de o confiarmos; quando temos de o guardar, como thesouro valiosissimo, no immenso cofre do coração, escondido para que ninguem o descubra, fechado para que nenhuns olhos o devassem, encuberto para que ninguem o macule!

A revelação ou a descoberta d'esse segredo será um como aniquilamento de toda a virgindade. Pelo menos assim o julga o coração. Como folha de sensitiva, que se retrahe, apenas levemente tocada, o sigillo que anda guardado dentro do sacrario sublime, perderá toda a poesia, quasi que todo o encanto, no instante, em que possa transparecer.

O precioso do segredo, d'um segredo d'amor, está na obrigação que impõe! Está em a gente o sentir, e sentir o receio de que o devassem; em a gente ter vontade de o confiar para nos aliviarmos do seu peso, e não o podermos fazer, para não centuplicarmos esse peso;

está em a gente querer que todos o conheçam e que todos o ignorem; está em desejarmos que todos o adivinhem e que ninguém, sequer, o supponha; está n'esta lucta constante; está, emfim, no equilibrio d'estas duas forças oppostas, porque o equilibrio traz o receio do desequilibrio, e o receio opprime, e o receio dilata o peito, e o receio é a preciosidade do segredo!

Rosa sentia tudo isto, pensava tudo, no seu modo de sentir e pensar, singello e simples, ao vêr deante de si, envolta em douradas nuvens, a imagem de Jorge.

Tinha no seu íntimo o acarinhado segredo do amor, que lhe floria no coração, e do que floria tambem no peito do seu amante, e permanecia na alternativa da vontade e do receio de o confiar, de o revelar a sua irmã Maria e a Leonor, sua amiga!

Quem sabe se lhe animariam esse amor, que ao mesmo tempo lhe era espinho e ventura? Quem sabe se a revelação d'elle lhe traria desgraças? Quem sabe se Jorge desejaria que o conhecessem? Quem lhe affirmava que ninguém lh'o crestaria?

Assim, n'esta expectactiva, o melhor era fechal-o, como o avaro aos montes do ouro, no cofre inviolavel, no recondito asylo, entre os perfumes das flôres candidas da sua alma, grande e singela, como todas as coisas que não teem artificios.

Rosa tinha uma alma, que era como qualquer flôr do campo: — livre, da liberdade que não é licença nem corrupção, modesta, despretençiosa, sem os adornos de uma educação cheia d'artefactos e sem bellezas postiças.

Cresceu como nasceu, sem os calores d'uma estufa scientifica e industriosa, mas debaixo do sol vivificante do olhar divino do Christo.

Acima de todo o ouro, superior a todas as riquezas, maior que o maior brilhantismo d'este mundo, uma coisa ha, que nada pôde exceder, que nada iguala até, sobretudo, ao meu modo de vêr, talvez excessivamente myope, mas realmente bom e consolador. É uma alma ingenua, uma alma candida, uma alma virgem!

A flôr perde sempre do merecimento, desde que a abelha zumbidora lhe roçou as petalas com as azas transparentes. A gota do orvalho, chorada em cada dia pelo despontar da aurora, só é pura em quanto anda suspensa n'amplidão.

A alma, como a rosa e como a perola celeste, desmerece sempre que abandona as gallas com que o céu a enfeita, para se engrinaldar com adornos estudados, fingidos e ficticios.

A alma de Rosa era pura, pura como ella, e, como ella ingenua.

Por essa ingenuidade, que é uma das grandes bellezas e um dos grandes attractivos da mulher, a orphã do velho Pedro, sentia receios ao lembrar-se do amor de Jorge e ao acarinhar o seu; julgava-se pequena, e talvez indigna, como pobre e como orphã, da felicidade que parecia sorrir-lhe e beijal-a com ardentes osculos, porque nunca ouvira dizer que um mancebo rico, bem educado, em condições de poder casar vantajosamente e de poder escolher nas altas classes, fosse buscar para

esposa uma pobre camponeza — pobre na rigorosa accepção da palavra!

Mas confiada em Deus, que é Pae Todo Poderoso, Rosa, pensava tambem que nada ha impossivel quando o Senhor quer, e mais ainda, lembrando-se de que, se no céo havia duas almas a pedirem por ella, a de seu pae e a de sua mãe, na terra tambem havia um justo, e quasi um santo, que supplicava em seu favor — o presbytero de Santo Estevam!

Deixemos, porém, o padre Miguel e Rosinha, que tão magicamente nos despertou estas singellas considerações, e volvamos ao *Casal dos Carvalhos*, porque, em fim, as nossas peregrinações estão limitadas a estes dois pontos, que são o palco aonde se representa o íntimo, o familiar drama a que vamos assistindo.

Nós, como espectadores, teremos sempre o melhor logar...

Entremos.

José Maria deixou Josepha no corredor, foi á grande varanda da rectaguarda, fez da mão uma pala para livrar os olhos dos raios do sol, lançou um olhar aos moços da lavoura, que andavam, ao longe, em mangas de camisa, a perfumarem o trabalho com umas cantigas populares, e desceu depois, dirigindo-se a elles.

Josepha, que deixára entretida na cosinha a sua companheira Custodia, tomou para o seu quarto, fechou a porta por dentro, tirou do seio a pequena chave da caixa de pau, em que guardava a sua roupa, o seu *oirinho* como ella dizia, e as suas economias, abriu-a cautellosa-

mente, ajoelhou, enterrou a mão pela roupa abaixo por um dos lados, até tocar em alguma coisa que tinha um som meio cavo, acamou depois a roupa retirando a mão, fechou a caixa, certificou-se de que não a fechou em falso, vendo se podia abril-a, guardou a chave no seio, desandou a porta e sahiu, dizendo comsigo:

— Ainda lá está!

Jorge, depois de se ter separado de José Maria, entrou ao seu aposento, sentou-se a uma meza, que era, pela apparencia, a sua escrivaninha, accendeu um cigarro, tirou papel d'uma gaveta, mergulhou uma penna no tinteiro, e começou a escrever, lançando ao espaço as nuvens azuladas do fumo do tabaco.

Depois de ter traçado coisa de meia duzia de linhas, espetou a penna em um dos orificios do tinteiro, pegou na folha de papel e lançou-lhe os olhos. Leu o que tinha escripto; porém, ao terminar, rasgou a folha de papel, tornou a rasgal-a, juntou os fragmentos uns aos outros, reduziu-os ainda a menores dimensões e arremessou-os pela janella, que tinha aberta deante de si, exclamando:

— Nada; não vae bem assim!

Começou de novo a operação, repetiu a mesma scena quatro vezes, até que ao tomar a quinta folha de papel bradou com energia:

— Agora ha de ir!

E foi.

Encheu a primeira pagina, no fim da qual accendeu novo cigarro, encheu a segunda e continuou a fazer o mesmo á terceira.

De vez em quando, atravessava a penna na bocca, lia o que tinha escripto, pensava um pouco, e proseguia.

Gastou duas horas n'este trabalho. Por fim levantou-se como para descansar e começou a passeiar, exclamando comsigo:

— Prompto!

A carta estava concluida. Tinha tres paginas, e Jorge, ao passear, meditava no contheudo d'ella, e, como, talvez para certificar-se de alguma passagem, ia, de quando em quando, reler um ou outro periodo, d'uma ou de outra pagina.

Entretanto, José Maria deu uma volta á quinta, demorou-se aqui e acolá, dando ordens a uns, conselhos a outros, e regressava, instantes depois de Jorge ter acabado a missiva, quando este, chegando-se, por acaso, á janella e vendo-o, lhe pediu:

— Chegas cá, José Maria?

— Sim, senhor, snr. Jorge.

— Então avia-te, não te demores.

— Vou já.

Jorge esfregou as mãos. As mãos, ou as esfregamos para lhes desenvolvermos calôr por meio do attrito, ou como signal d'alegria. Jorge esfregou-as com o enthusiasmo.

D'ahi a dous minutos o feitor abria a porta do quarto, perguntando:

— Dá licença?

— Entra.

O procurador entrou.

— Está prompta a carta.

— Já? interrogou José Maria.

— Já, sim, e olha que ha muito a podia ter concluido se não tivesse querido apurar-me tanto.

— Bem.

— Agora quero que a leias antes de a enviar ao seu destino.

— Para que? Vae boa, vae boa.

— Lê, homem! Póde ser que te não agrade.

— Ora essa!

— Toma.

E Jorge passou-lhe a carta.

Decorreram alguns minutos de silencio.

José Maria pegou na carta, encostou-se á mesa, de costas voltadas para a janella, fixou os oculos sobre o nariz, e começou a lêr... Não digo bem — o feitor não começou a lêr a carta de Jorge; começou, sim, a estudal-a, primeiro, palavra por palavra, phrase a phrase, depois, e por ultimo, pagina a pagina. Parecia que analysava a enfadonha papelada do processo d'alguma demanda, por causa d'umas aguas ou d'uns fóros.

Elle sabia bem que o padre Miguel Duarte era homem intelligente, e de modo algum desejava que n'aquella carta transparecesse uma sombra que fosse da ideia que Jorge alimentava de ligar-se á sua pupilla. D'aqui, a escrupulosa attenção, na leitura a que estava procedendo.

Jorge passeiava no quarto, lançando, de quando

em quando um olhar d'investigação ao feitor, como para vêr se lhe traduzia no rosto a approvação ou a condemnação do que estava escripto n'aquella folha de papel, e ia fumando, fumando sempre, accendendo uns cigarros inteiros ás pontas dos cigarros reduzidos á expressão mais simples.

O fumar é para as grandes occasiões, e por muito, ou por muito pouco que se fume, fuma-se sempre muitissimo nos dous extremos: — nas grandes alegrias, ou nas grandes tristezas, e melhor diremos ainda — nas grandes commoções.

Eu, por exemplo, tenho fumado oito cigarros e um charuto *Flôr escolhida*, da casa Havaneza, desde que comecei a rabiscar o presente capitulo d'este insôssio romance. É que o caso é sério...

Jorge, porém, fumava por... por estar alegrissimo.

Quando, como signal de que a leitura estava terminada, o mancebo viu que o feitor-desmontava os oculos do nariz, perguntou-lhe avidamente:

— Então?

— Bem, respondeu José Maria laconicamente.

— Com franqueza!

— Bem, já disse.

Jorge exultou com a approvação da carta.

— Póde então seguir ao seu destino?

— Póde, que duvida!

— Vê lá! Olha que não quero depois arguições. Se

vês que ha ahí alguma cousa de que possa arrepen-
der-me mais tarde, sê sincero, dize-m'ô.

— Não ha nada, vae bem.

— E quem hade ir leval-a?

— Quem o snr. Jorge determinar, mas parece-me
que para passeio tão extenso o melhor será o Zepherino.

— Está dito, vá esse.

— N'esse caso...

— Ou vaes, ou mandas chamal-o, fazes favor?

— Sim, senhor; prompto.

José Maria sahiu.

Jorge sentou-se a reler ainda uma vez a sua obra e
a subscriptal-a depois.

O feitor, no meio de tudo isto, parecia andar azuado,
ou pelo menos com modos de mau humor. Chegou a
meia extensão da quinta, fez um aceno com a mão e
pouco depois tinha ao pé de si um alentado rapagão.

— Chamou, snr. José Maria? perguntou o creado.

— Chamei, sim. Vaes a Santo Estevam, Zepherino.

— Sim, senhor.

— Hasde levar uma carta para o snr. padre Miguel
Duarte.

— Sim, senhor.

— Quero, porém, prevenir-te d'uma cousa.

O creado attentou mais; o feitor proseguiu:

— A carta é do snr. Jorge, e ainda que te diga que
não venhas sem a resposta, faze tudo por não a trazer,
ouviste?

— Mas como, senhor? perguntou Zepherino, coçando a cabeça.

— Como? de qualquer modo. Olha, se o snr. padre Miguel te pedir que esperes pela resposta, dize-lhe que é tarde, porque realmente não podes chegar muito cedo, pede-lhe que a mande por qualquer portador e safate!

— Percebo, sôr José Maria.

— Vê lá!

— Fique descançado que não hade ter perigo.

— Mas d'isto que eu te disse nem palavra, ouviste? disse o feitor cruzando o dedo indicador sobre os lábios, como impondo segredo.

— Ágora! Basta vocemecê dizel-o.

— Bem. Vem commigo.

Os dous marcharam em direcção a habitação.

Jorge já os esperava com a carta prompta. Estava n'uma d'estas impaciencias como a que temos visto muitas vezes, e que, outras tantas, nos teem feito exclamar:

— Homem! parece que tens o pae na força!

Um quarto de hora depois Zepherino ia a caminho de Santo Estevam.

Jorge dizia comsigo:

— Quem me dera a resposta!

José Maria exclamava com os seus botões:

— Que sahirá d'aqui, meu Deus!

E o creado que avançava sempre de jaqueta ao hombro e varapau na mão, ia resmungando a meia voz:

— Que diabo d'embrulhada será esta?

A leitora, finalmente, pergunta-me, meia desconsolada:

— Então não leio a carta de Jorge?

E eu respondo-lhe meigamente:

— Não, minha senhora. Permitta V. Ex.^a que o padre Miguel Duarte a leia primeiro.

XI

Conversa de comadres

Deixemos Zepherino a caminho de Santo Estevam, appressemo-nos mais um pouco, passemos-lhe adiante, e vamos ouvir uma conversa de comadres.

Não sei se a leitora já viveu algum tempo no campo ou na aldeia, nem sei se alguma vez ouviu já um d'estes colloquios, que a má lingua, umas vezes, e a curiosidade desperta sempre, sobretudo, em pessoas do amavel sexo de V. Ex.^a—perdoe a franqueza e a verdade—e que quasi nunca deixam de ter que estudar, quando ouvidos á luz d'uma investigação um pouco philosophica. Uma conversa de comadres é, muitas vezes, a decifração de tenebrosos mysterios...

Pois se não viveu, e se não ouviu, eu vou proporcionar-lhe ensejo para tudo isto, e de uma só vez, com o meu condão de narrador de vidas alheias, mas não narrador de má indole, e compadre das... comadres.

Vae vêr mais uma vez a aldeia de Santo Estevam, que já conhece bastante, e ouvir um dialogo, que tem relação com a nossa querida gente do presbyterio.

Creio que deve interessar-lhe.

Vamos lá.

É de tarde n'um dos primeiros dias do mez de Junho.

Pouco passa de cinco horas e meia; o sol vae ainda um pouco alto e quente, mas a caminho, já, do seu occaso; tenuissima brisa agita levemente as folhas dos alamos, que orlam as margens do ribeiro da povoação, um pouco emmagrecido agora; zumbem as abelhas, voejando das dhalias rubras das hortas e dos quintaes, para os cravos de variadas côres, que perfumam algumas janelas, plantados n'uns velhos meios cantaros de barro, que lhes servem de canteiros; alvejam as flôres das madre-silvas por entre o maranhado dos trançaes dos silvedos, aonde as aves architectaram e esconderam os artisticos ninhos; o céo tem a limpidez do immaculado; nas poucas e turtuosas ruas da aldeia passeiam, cacarejam, esgaravatam, ou espojam-se na terra quente, uns bandos de gallinhas, cada um dos quaes é capitaneado por um soberbo gallo; n'uma ou n'outra casinha começa a romper pelo telhado a azulada nuvem do fumo, que sobe do lar, espalhando-se, estendendo-se, dilatando-se, e deramando em volta o cheiro da rama dos pinheiros; e andam os camponezes, homens e mulheres, no meio dos seus campos, enfileirados em linhas, mais ou menos extensas, entregues ao labor da *sacha* dos milhos.

Á porta, porém, d'uma pequena habitação, apparente e realmente pobre, situada no centro do povoado, está sentado um rapazito de seis annos, pouco mais ou menos, tentando abrir uma grande e velha pinha, que elle não abranje bem com as mãos, a continuadas pedradas, com que a fere, e em que empenha toda a força; ao lado, sentada no chão, está uma creancinha de anno e meio, quasi nua, porque só veste uma curta camisa de linho grosso, mas alvo, articulando uns sons inintelligiveis, e passando as delicadas mãos sobre a cabeça d'um cão de coelhos, que tenta dormir, estendido ao comprido, mas que as moscas apoquentam continuamente; lá de dentro sáe o ruido d'uns tamancos, que giram, que param, que tornam a andar, como que a dizerem que a dona trabalha, e ouve-se, de quando em quando, uma voz que grita:

— Joaquim! Toma conta; olha o cão que não morda o menino, Joaquim!

— Sim, senhor! responde o rapasito, dando com a pedra nova martellada na pinha, que já vae, por fim, abrindo algumas escamas, e entre-mostrando o fructo, tão ardentemente desejado pelo pequeno.

Surgiu agora uma mulher no extremo da rua.

Quem será?

Dirige-se para aqui, esperemos.

Ah! já sei, já conheço... É a Anna do Manoel do *Lagar*, madrinha do Joaquimsito, que está entretido com a pinha, e, por consequencia, comadre da Eufemia

do Bernardo dos *Moinhos*, mãe das creanças, que estão á porta de casa, na rua.

Ella ahi vem, de cantaro debaixo do braço esquerdo, rodilha de feno na mão direita, ar prasenteiro, rosto alegre, olhar vivo, e indicios de vigorosa saude.

Chegou proximo da porta da casa de sua comadre Eufemia e exclamou, vendo os pequenitos :

— Vocês estão a brincar, seus pintasilgos !...

O mais novo, dos dous, voltou a face, olhou a recém-chegada, atravez d'uns pequenos caracoés de cabello louro, muito louro, que quasi lhe vendava as pupilas, e sorriu-se angelicamente. Um sorriso d'innocencia é um iris de bonança. O mais velho tão embebido estava com a pinha e os pinhões, que nem importancia lhe ligou.

— Está ahi, comadre? perguntou para dentro, mettendo a mão por baixo do avental grosseiro, no bolso da saia de chita azul com raminhos amarellos.

— Estou comadre, respondeu Eufemia.

A mão sahiu do bolso trazendo um naco de brôa.

— Vocês querem pão? perguntou ás creanças.

E dividiu em tres partes o pedaço da brôa, e começou a entregal-o :

— Toma, filhinho! disse ao mais tenro, que estendeu ambas as pequenas mãos.

— Pega tu, meu brejeiro, que nem a benção pedes á tua madrinha!

O rapasito levantou-se de subito, mas sem largar a pinha, e bradou:

— A sua benção, madrinha!

— Agora, velhaco! exclamou ella mettendo-lhe o pão na mão, que se estendia para a brôa. Toma; Deus te abençoe!

O cão, cheirou-lhe e levantou-se logo, rodeando a camponeza a menear a cauda.

— Anda, lambareiro! tambem queres, heim? ahi vae...

E atirou ao animal o terceiro fragmento do pão de milho e centeio.

O cão enguliu-o logo, porque não era muito, e principiou a farejar, aqui e acolá, lambendo umas migalhas, que haviam cahido no chão. Depois foi aninhar-se outra vez ao pé da creancita mais nova, olhando-lhe para as mãos, que mal podiam sustentar o presente da snr.^a Anna, mas sem ousar tocar-lhe.

N'este em meio, surgiu á porta a comadre Eufemia.

— Boas tardes, comadre! saudou ella.

— Boas tardes!

— Então já?

— Já; assim com' assim...

— Eu tenho estado a accender o lume.

— E eu já deixei o meu acceso.

— Isso é que é andar.

— Podéra! então não vem?

— Vou, se espera um todo nada, comadre.

— Pois, sim, comadre, arranje a sua vida.

Eufemia retirou-se para dentro; Anna vendo os quasi inuteis esforços que o Joaquim empregava em britar a pinha, poisou o cantaro e a rodilha, abaixou-se e disse:

— Deixa vêr, homem!... que eu racho-te isso! Estás ahi a martellar, e nem um pinhão tiras! Forte fralhão!

E tal murro deu com a pedra na pinha, que quasi a ia rachando de meio a meio.

O pequeno, mais soffrego que cão faminto e sequioso, gritou, mal viu uns poucos de pinhões, que saltaram ao chão:

— Bonda, madrinha!

— Ah! pois já! E então como se diz?

— Obrigado, madrinha.

— Está bom! Nanja por isso. Assim é que diz quem é bem creado, ouviu?

O Joaquim lançou á madrinha um olhar d'enleio, e voltou á pinha, com a pertinacia d'um heroe, no momento em que surgia á porta da misera habitação a snr.^a Eufemia, de cantaro sobraçado, rodilha de feno, tal qual como já vimos a comadre Anna.

— Vamos então lá? disse esta.

— Prompto, comadre; quando quizer.

E dispozeram-se a partir.

Iam para a fonte como se vê.

A snr.^a Eufemia, porém, voltou-se para o maior dos pequenitos e disse-lhe:

— Joaquim! toma conta no menino, em quanto vou

á fonte, ouviste? Não o faças chorar, nem deixes o cão morder-lhe, ouviste? Dou-te, em vindo, se não tens conta n'elle. Toma tento que já és homem para teres juizo. Vê lá!...

O mais novito ao vêr a mãe, e ao perceber que ella o estava recommendando, com essa precessão que Deus dá ás creanças innocentes, começou a agitar os bracinhos nús, que pareciam juncos movidos pelo vento, e a sorrir-se candidamente, com o sorriso, que só as mães podem comprehender, e seguiu-a, assim, com o meigo olhar e com o riso celeste, até a perder de vista.

A fonte de Santo Estevam, era situada n'um recanto da povoação, a que se descia por um extenso e estreito caminho, orlado de silvas, d'um e de outro lado, e que quasi começava a suave inclinação á porta da casa da snr.^a Eufemia do Bernardo dos *Moinhos*. Ficava um pouco isolada, e consistia, como quasi todas as fontes de todas as aldeias, n'um velho e pequeno tanque de pedra, cuja idade se perdia nas brumas do passado, n'uma limitada área de terreno lamacento e pedregoso; una tosca pedra a prumo, no meio do tanque, servia para descanso dos cantaros e das bilhas, em que cahia um grosso fio d'agua fria, crystallina e saborosa, por meio d'uma telha de barro, umas vezes, e por um caneiro de pinho mal cavado, em outras, depois de ter atravessado o sinuoso caminho, que a trazia a jorrar alli.

Era sombrio o local da fonte por causa d'umas pe-

quenas carvalhas, que o muravam por quasi todos os lados, mas muito fresco no verão, como todos os recintos, aonde a agua derrama a sua frescura.

Grandes segredos teem sido devassados, alli, ao murmurio monotono d'aquelle veio liquido ; muitos amores alli teem florescido ; muitas confidencias se teem feito ; muitos casamentos se teem tratado, e, para contraste de tudo isto, muitas calumnias teem brotado d'alli !

A fonte, nas aldeias, é o retiro para os *conversados*, o esconderijo para as más linguas, o theatro para as galhofas e gargalhadas. Ha, e tem havido de tudo alli, e se as pedras d'aquella taça velha, limosa, sempre a trasbordar, teem acolhido, muitas vezes, as lagrimas de uns arrufos, que mais accendem, em vez de apagarem, o affecto, outras tantas teem ouvido, silenciosamente e discretamente, a deliciosa musica d'uns... beijos de castissimo amor !

As duas comadres pozeram-se a caminho para a fonte, ao lado uma da outra, quando o terreno o permitia, quando não permittia, uma adiante, outra atraz, dando logo começo ao seguinte dialogo, que foi encedado pela snr.^a Eufemia, e que tanto mais lhes ia tornando moroso o andar, quanto mais o assumpto ia despertando interesse.

- Aonde anda o seu homem, comadre ?
- O meu, anda na *sacha* do Luiz da *Eira*. E o seu ?
- Anda em casa do senhor padre cura.

— Ah!...

Este *ah!* queria dizer:— Aquillo é que hade ser bem tratado!

— Ha dous dias, continuou a snr.^a Eufemia, que para lá tem ido, por elle lhe pedir, e olhe que nos tem isso feito differença, porque nem ainda nos nossos mi-lhaes bulimos.

— E elle não tem ouvido nada por lá, comadre?

— Ouvido o que, comadre?

— Sim, isto é uma pergunta como qualquer outra; se não tem ouvido nada a respeito das pequenas...

— Ah!...

— E das visitas do fidalgote, não sei d'onde...

— Nada, comadre, nunca ouviu fallar de semelhante cousa... que eu saiba.

— Mas que lhe parece, ó comadre?

— Eu sei lá...

— Aquillo, alli, anda obra de casamento, por mais que me digam.

— Eu tambem me parece que sim.

— E com qual será, comadre?

— Isso sabe-o Deus!

— E o senhor cura tambem; que, olhe que aquella satisfação, em que elle anda agora, não me engana a mim, não; isso lhe protesto eu!

— Saberá, comadre; se eu duvido!...

— Ellas, não desfazendo, tem todas o seu palmito de cara, lá isso tem. Mas eu cá como não sou arca de

ninguem, sempre heide dizer que a melhor é a Leonor, verdade, verdade. E depois, sempre é outra cousa em prendas; — que as do Pedro tiveram tanta educação como nós! A outra, ao menos, lê que aquillo não é lêr, é correr; tem p'ra bordar umas mãos como não ha outras, e faz umas flôres, que parece á gente que as viu cortar d'um vaso! E as duas não sabem nada d'isto, comadre, não é assim?

— É, mas eu ouvi dizer que o senhor cura as andava a ensinar a lêr agora.

— Póde ser, comadre, mas não sei para que. Aquillo em o velho fechando os olhos e em lhe faltando a sua caridade — que isso não quero que haja outro tão esmoller — ficam para ahí ao Deus dará, sem arrimo de qualidade nenhuma, verá. E olhe que o lêr não dá pão, comadre.

— Isso sei eu.

— Cá p'ra nossa terra o que se quer é força e saude. Isto de leituras é lá para as senhoras da cidade, que até com a agulhinha se estafam! Olhe que isto é como quem o está vendo, comadre!

— Não é tanto assim; olhe que os homens sempre é bom que saibam lêr. Olhe o filho do Philippe do Quinteiro como lá está em Lisboa a ganhar bons soberanos. E se não soubesse lêr?

— Pois, sim, eu tambem digo que nos homens é bom, mas agora nas mulheres... E d'onde será o morgado, comadre, sabe?

— Ao certo não o sei; mas a modos que ouvi dizer ao meu Bernardo, que lhe dissera a Thereza, que era ahí das bandas de Vizeu.

— E será rico?

— Dizem que muito.

— Olha lá! e que tal, heim? Como ellas foram felizes! Bem se diz que, mais vale quem Deus ajuda do que quem muito madruga.

Tinham chegado á fonte. A snr.^a Anna, com a semcerimonia das pessoas de sua indole e da sua classe, collocou o seu cantaro a aparar a agua, que manava da bica, e arqueou os braços, apoiando as mãos na cinta; a snr.^a Eufemia, poisou o seu no rebordo do tanque, e começou a rodopiar a rodilha entre as mãos, em quanto esperava.

— Elle até, continuou esta, da primeira vez que veio ao presbyterio, que foi na occasião da morte e do enterro do Pedro — que Deus haja — deu ao senhor cura, para as despesas todas, uma peça em ouro!

— Isso é que são fortunas, comadre!

— Agora dizem por ahí que elle casa com uma d'ellas, mas a verdade ninguem a sabe.

— Olhe que ha-de ser com a Leonor, comadre. Tinha que vêr se qualquer das outras, mais pobres do que nós, arranjava um casamento assim. Sempre lhe digo que pasmava se tal visse! Nada! eu cá não vou para ahí! Olha elle! lá da cidade, e rico como é, e então um rapaz tão tirado das canellas, se vinha agora namorar-se da Rosa ou da Maria! Bem me fio eu n'isso! Não me

faltava vêr mais nada! Aqui, só a afilhada do senhor cura — que, olhe, comadre, tambem digo que só pelas prendas e pela cara, que a respeito de familia é tão engeitada como qualquer creança da roda. Vocemecê ha-de saber essa historia, e como a vieram pôr ha muitos annos á porta da casa do senhor padre Miguel...

O cantaro estava cheio; retirou-o, e a comadre Eufemia adiantou o d'ella, dizendo:

— Lembra-me como se fosse hoje, apezar de que fallo por ouvir dizer — que, eu ver, não vi, comadre.

— E nunca se descubriu nada! Olhe que uma coisa assim, é para fazer dar volta ao miolo, não acha?

— Nem ella o sabe, quanto mais a gente. Alli só o senhor padre cura, mas a esse ninguem se atreve a perguntar-lh'o, nem elle o diz!

— Olhe, comadre, cá emquanto a mim, ninguem me tira que ella é de boa familia, quer dizer, de gente remediada... Aquillo é filha d'alguma fraqueza, e olhe que a engeitaram para esconder vergonhas! Deixe lá! olhe que não é outra coisa!...

— Juizos temerarios, nanja eu que os faça!

— Pois eu apostava em como é, comadre; e ganhava, tão certo, como chamar-me Anna! Olé!

— Olhe, comadre, elle ha-de ver-se o que fôr, se Deus nos dêr vida e saude.

— Olha ó milagre! e o Senhor me não leve sem eu vêr esta meada desenredada, que uma curiosidade como isto me faz, nunca eu tive, é verdade.

— E será cá o casamento?

— Eu sei!

— Deve ser festa d'estrondo, isso deve.

O cantaro da snr.^a Eufemia deu, por sua vez, signaes de cheio. Cada uma das comadres equilibrou o seu na cabeça, sobre a competente rodilha de feno, e lá partiram a caminho de casa, uma, cobrindo um hombro com o burel do avental, por causa da agua que o cantaro derramava com os balanços que ía soffrendo, e outra, de braço arqueado, apoiada a mão pelas costas, na ilharga saliente!

Houve um silencio d'alguns minutos, em que as duas pareciam mergulhadas em intimas reflexões.

Por fim a snr.^a Anna proseguiu:

— Sabe no fim de contas o que me faz especie, comadre?

— Diga.

— É como veio bater a Santo Estevam o diacho do morgado!

— Ora essa! Conhecimentos do senhor cura, pois então?

— Conhecimentos, como?

— Pois então não sabe que foi em Vizeu que elle tomou ordens?

— Isso sei eu, mas n'esse tempo ainda o... — ora que umas poucas de vezes me tenho querido lembrar do nome do morgado, e nem pelo diabo!...

— Jorge, comadre.

— É verdade, Jorge; n'esse tempo ainda o senhor Jorge não pensava em nascer!

*

— Olhem que descoberta! Mas então elle não ha-de ter familia?

— Só se fôr pela familia, *cantés* por elle não!

— Pois olha o milagre!

— Emfim, Deus arranje tudo pelo melhor, que inveja é que me não fazem, louvado seja o Senhor!

— Nem a mim!

Estavam á porta da snr.^a Eufemia.

A condescendente leitora, e eu, que já estamos enfatiados da comprida conversa das tagarellas comadres, vamos deixal-as alli, porque promettem continuar, não sentindo o peso dos cantaros na cabeça, e passemos, como se costuma dizer, a outra freguezia.

Antes, porém, de as abandonarmos, não nos fica mal darmos um beijo carinhoso ao innocentinho, que ainda brinca com o cão, porque... quem oscula as creanças mostra ter crenças no futuro.

Assim...

O Joaquimsito, esse, como nem nos vê, porque só tem olhos para o monte de pinhões, que ajuntou deante de si, deixal-o... não o interrompamos.

Vamos agora até ao presbyterio, porque é lá, que, n'este momento, está batendo á porta o Zepherino com a carta de Jorge d'Albuquerque.

Tenha paciencia...

XII

Surpresa do padre Miguel

O padre Miguel Duarte, descia, muito socegado da sua vida, muito tranquillo da consciencia, cheio do intimo contentamento, que anima sempre os justos, as escadas do presbyterio, de bengalorio debaixo do braço esquerdo, pitada na mão do mesmo braço, e lenço de linho vermelho tabaqueiro na outra, precedido do fiel *Tigre*, no intuito de dar o seu hygienico passeio, em que, ainda assim, não queria, de todo, perder o tempo, porque lá levava um volume de *Filinto Elysio*, no bolso interior do seu comprido casaco preto de gorgorão de lã, quando, ao fundo, no ultimo degrau, quasi se ia esbarrando com Zepherino, que chegava n'esse momento do *Casal dos Carvalhos*.

O cão, ao vêr o moço, perfilou-se e fictou-o, mas não arremetteu, e o padre Miguel, sem saber porque,

nem como, teve um desconhecido estremecimento, que de todo lhe não foi desagradavel.

Eu não sou supersticioso, parece-me, mas poucas vezes posso ser superior e fugir a dar credito a certos presentimentos, ou como vulgarmente se diz, a certos *palpites* que me assaltam, e tenho para mim, sem duvida, que a pouca gente não acontecerá o mesmo, sobretudo, quando o presentimento domina devéras, e devéras impressiona, de modo que o pensamento se prende e se escravisa á ideia que elle desperta.

Diga-se, pois, a verdade ; o presbytero teve n'aquelle instante um presentimento e não se enganou. Ao vêr, diante de si, um moço desconhecido, com visiveis apparencias de quem chegava de longe, suppôz logo, que elle vinha do *Casal dos Carvalhos*, e que não podia deixar de trazer-lhe boas novas do seu querido amigo Jorge d'Albuquerque.

Vêl-o e sorver a pitada, apertada nas pontas dos compridos dedos, foi obra de menos d'um momento.

Zepherino, apesar de cançado, suado e meio offegante, ia a estender tres vigorosas palmadas — as tres palmadas do estylo — nas almofadas de madeira da porta, quando deu com os olhos no bondoso presbytero, que descia as escadas. Deteve-se, descobriu-se e exclamou :

— Ah ! é vossa reverendissima...

— Adeus. Boas tardes... disse o sacerdote, debaixo da influencia do presentimento, que o fizera estremecer.

— Guarde-o Deus, senhor! continuou Zepherino.

— Obrigado, e outro tanto. Deseja alguma cousa? Suba.

— Agradecido a V. S.^a, não é preciso. Eu venho do *Casal dos Carvalhos*...

— Ah! exclamou o padre contentissimo. Olhe como eu adivinhei! Suba.

— Muito agradecido, não é preciso, senhor! repetiu o creado.

— Ora essa! Então não hade subir? Venha d'ahi, venha.

— Então como vossa reverendissima assim o quer... com sua licença.

O padre Miguel, volveu-se, subiu adiante; Zepherino atraz, e entre os dous o cão negro, que tambem parecia tomar parte nas alegrias do amo.

— Diga-me cá, perguntou o sacerdote, parando um momento no meio da escada; como fica o snr. Jorge?

— Muito bom; meu senhor. E manda muitos recados e muitas saudades a V. S.^a e a todas as demais pessoas cá de casa.

— Obrigado. E elle porque não veio? Sempre está um preguiçoso!

— Não sei, meu senhor; mandou-me cá trazer esta carta a vossa reverendissima...

O padre não o attendia agora; a sua ideia era obsequiar o creado do seu amigo, e para isso começou a gritar no topo da escada:

— Thereza! ó Thereza! ó Leonor! Leonor!

— Meu senhor! respondeu a creada.

— Lá vou, meu padrinho! accudiu a donzella.

— Vá, aviem-se! Arranjem alguma cousa para este moço! Olhe, continuou para Zepherino, é melhor entrarmos aqui para a sala.

Entraram.

Um instante depois surgiam, ao mesmo tempo, Thereza e Leonor.

— Arranjem alguma cousa para... não sei o seu nome...

— Zepherino, um creado de V. S.^a

— Para o Zepherino, que vem do *Casal dos Carvalhos*, rematou o padre.

— Do snr. Jorge! exclamaram as duas, volvendo-se uma para a outra, alegres como se tivessem recebido uma benção do céo.

— Não esteja V. S.^a a encommodar ninguem, que eu não quero nada, senhor! disse o moço.

— Ágora não quer! Sente-se. Essa não está má! Aqui quem manda sou eu! exclamou o presbytero sorrindo.

Thereza e Leonor partiram.

— Acredite V. S.^a que não quero nada — muito obrigado. E nem eu me posso demorar que já é tarde...

— Que pressa! Sente-se.

— V. S.^a bem sabe que é longe...

— Ao menos um copo de vinho... Vá, sente-se.

— Isso irá para fazer uma saude a vossa reverendissima. Aqui está a carta do snr. Jorge...

— Thereza! ó Thereza! gritou o padre da porta, com a carta na mão, que havia recebido de Zepherino.

— Meu senhor! respondeu ella.

— Olha; basta uma caneca de vinho, pão e queijo, que, assim como assim, elle não quer mais nada.

— Sim, senhor! respondeu ella.

— Então! Sente-se, Zepherino.

— Com sua licença, respondeu o creado obedecendo.

Instantes depois, Thereza entrava com a refeição pedida, collocando tudo sobre a mesa, a que estava junto o creado.

— Não faça cerimonia, accudiu o padre. Coma e beba como se estivesse no *Casal*, ouviu?

Leonor, alvoraçada sem saber porque, correu á varanda a dar a nova ás duas amigas, e se com ella Maria se alegrou, Rosa impallideceu d'um modo incrível.

Thereza, depois de ter lisonjeado o hospede, enchendo-lhe o copo com o vinho da caneca, retirou-se a lembrar-se se lhe poderia offerecer mais alguma cousa.

E em quanto Zepherino ia comendo, e, ao mesmo tempo, analysando a sala, os adornos, a mobilia, os caixilhos e as gravuras da parede, que representavam a vida de D. Ignez de Castro, o *cravo*, tudo enfim, quanto n'ella havia, e com modos de quem intimamente estava dizendo: — Aqui anda mão de mulher! — o padre Miguel Duarte abeirou-se da janella, abriu a carta, collocou-a a certa distancia, como costuma fazer quem

tem a vista um pouco cançada, e procedeu á leitura, que não levou mais de cinco minutos.

O rosto do presbytero foi tomando uma expressão de surpresa, ao passo que os seus olhos iam correndo sobre as linhas da elegante calligraphia, como dedos mimosos, executando uma rapida escala nas teclas de um piano, mas havia n'aquella expressão de surpresa o que quer que é de jubilo, d'intimo contentamento, e de grande felicidade.

Se as linhas do semblante se tornavam mais distinctas, se os olhos se lhe abriam mais e despediam vivos raios de desconhecida luz, os labios desfrangiam-se-lhe, moviam-se-lhe os vincos horisontaes da fronte, cavados pelos annos e talvez pelas provações, e em tudo isto transparecia a alegria de mãos dadas com a surpresa, porque, para maior evidencia das duas commoções, a um só tempo, as mãos tornavam-se-lhe meio tremulas e o peito dilatava-se-lhe e comprimia-se-lhe violentamente.

A carta dizia assim:

«MEU QUERIDO E RESPEITAVEL AMIGO.

«Levou-me a Providencia a sua casa, e concedeu-me o céo um grande beneficio na sua amizade e sympathia. Os braços que se estenderam e abriram, para, em estreito amplexo, me unirem ao coração, em que só vive a bondade, e em que só móra a virtude, deram-me mais que a felicidade, meu amigo, porque me

«fizeram mercê da sua estima, que é valiosa, do seu af-
«fecto, que é apreciabilissimo, e tambem do céo, porque
«me fizeram sentir as alegrias da familia, a mim, que
«sou orphão, que não tenho pae, que não tenho mãe, que
«não tenho irmãos, que nem um parente sequer tenho
«n'este mundo.

«Quando minha desditosa mãe morreu, talvez mar-
«tyr dos desgostos, com que a apunhalou meu pae —
«Deus lhe perdôe! — ainda eu não estava em idade de
«compreender-lhe as doçuras, porque mal abria os olhos
«á luz da vida; meu pae, que foi um grande desgraça-
«do, e que tinha, creio, um bom coração a par d'uma
«péssima cabeça, que o dominava excessivamente, mor-
«reu pouco depois d'ella, victima de si proprio, cedendo
«ao influxo da sua funesta estrella.

«Achei-me só n'este mundo, ao sahir do berço, en-
«tregue a pessoas, que, se me davam alguns carinhos,
«m'os davam, todavia, como quem não sentia nas veias
«o sangue que começava a girar nas minhas.

«Não tive, por consequencia, uma educação esmera-
«dissima, não tive os cuidados que poderiam ter feito
«de mim, alguma coisa mais do que sou, mas aprovei-
«tei, ainda assim, o pouco que me déram, e se não tenho
«um espirito culto, como poderia ter, se vissem os que
«me déram vida, tenho, ao menos, um coração que me
«parece não ser de todo mau.

«E para prova de que, pelo menos, sei considerar
«quem o merece e quem me estima; para prova de que
«devéras lhe sou grato e affeiçoado; de que tenho brios,

« dignidade, sentimentos e character, vou fazer-lhe uma
« confissão, sincera como a voz que a dita, e um pedido
« ardente, tão ardente, como o desejo que a minha con-
« sciencia alimenta de não se desviar um instante de bom
« caminho.

« Perdôe-me, meu bondoso amigo, se vou feril-o,
« perdôe-me se vou magoal-o, mas para tranquillidade
« minha preciso satisfazer ás exigencias que me está im-
« pondo a consciencia.

« Nunca amei, mas amo agora, com todo o imperio
« d'um coração virgem, uma das candidas pombas do
« seu ninho, meu amigo. Amo-a muito, muitissimo, e só
« a conheço ha poucos dias, vi-a pela primeira vez, ainda
« não ha um mez! Oh! mas amo-a assim, porque ella é
« a realisação das visões dos meus sonhos! porque é o
« positivo dos devaneios da minha melancholia! porque
« é a encarnação do meu ideal de vinte annos!

« Eis a minha confissão.

« Agora, meu respeitavel amigo, depois de lhe dar
« conhecimento de toda a sublimidade do affecto que
« nasceu e cresceu em minh'alma, a sorrir-me nas tris-
« tezas, a embalar-me com mysticas harmonias, no meio
« do silencio que me rodeia, agora, peço-lhe com a ar-
« dencia de quem se sente com vontade de ser digno, de
« continuar a merecer a sua estima, me diga franca-
« mente, lealmente, nobremente, se, depois d'isto, posso
« ainda voltar ao presbyterio; se posso ainda receber um
« aperto d'essas mãos affectuosas, promptas sempre para
« todas as consolações, e se posso ainda ir gosar os jubi-

«los d'uma familia, que se fez minha á força de bondade, de carinhos e dedicação.

«Não sairei do meu *Casal* em quanto não tiver a certeza do que fica pensando a meu respeito, depois da leitura d'esta carta; não voltarei ao presbyterio, em quanto me não disser, livre de qualquer sombra d'um receio: — Venha —, e em quanto, finalmente, me não convencer de que este amor não desvanece, aos seus bondosos olhos, o merito em que me tinha, e na sua alma, immensa e nobre, a sympathy que me votava.

«Responda-me, meu amigo, avalie-me como quizer, faça a justiça de me não suppôr capaz d'uma indignidade, e creia que apesar de tudo, condemnado ou acarrinhado, serei sempre

«Dedicado amigo e devéras respeitador
e admirador,

«Casal dos Carvalhos, etc.

«*Jorge d' Albuquerque.*»

O padre Miguel Duarte, quando terminou a leitura da carta estava commovidissimo! Brilhavam-lhe nos olhos duas lagrimas puras e crystallinas, dando-lhe o aspecto dos santos martyres, que se vêem nos altares de muitas igrejas.

Zepherino, quando o viu dobrar a carta, e cuidadosamente guardal-a no bolso, no meio das paginas do

volume de Filinto Elysio, que lá tinha, fctou-o, como para vêr se traduzia alguma cousa, mas mais profundo se lhe tornou o mysterio, ao vêr as duas perolas nos olhos do sacerdote.

Levantou-se, então, empunhou o copo e disse :

— Vae á saude de sua reverendissima...

— Obrigado, Zepherino!

— E agora, se V. S.^a me dá licença... são horas de me ir retirando.

— Vá Zepherino, vá. Podia cá ficar e ir de madrugada! Não quer...

— Não posso, senhor.

— O que lhe recommendo é que diga ao snr. Jorge que a resposta lá irá ter, e que a minha casa, apezar de modesta, fica sendo sempre a casa d'elle.

— Lá farei presente, senhor!

N'este momento appareciam Rosa, Maria, Leonor e Thereza á porta da sala.

O *Tigre* que partilhára da refeição de Zepherino, andava agora olhando para uns e para outros, como que perguntando que novidades havia em casa.

— Então não querem nada para o *Casal dos Carvalhos*, minhas senhoras? perguntou o creado dispondo-se a sahir, vendo entrar as quatro.

— Muitas saudades ao snr. Jorge! exclamaram todas.

— E minhas tambem ; da Thereza, ouviu? não se esqueça!

— Não me esquecerá, fique descansada.

O presbytero corria com os olhos o semblante e os olhos de cada uma das tres virgens, a vêr se descobria um segredo, a vêr se alguma se trahia, mas debalde, porque a nevoa das lagrimas mal disfarçadas ainda lá estava a empanar-lhe os raios visuaes.

— Muito agradecido, senhor cura! murmurou Zepherino.

— Adeus! respondeu com modo affavel o padre.

— Até outra occasião...

— Vá com Deus, snr. Zepherino, disse Thereza.

— Cubra-se! disse Leonor.

— Adeus! murmuraram do topo da escada, Rosa e Maria, que mais se adiantaram a acompanhal-o.

Depois o padre Miguel recolheu-se ao seu quarto; Thereza esvasiou a mesa e foi para a cosinha guardar os restos que Zepherino deixára, e as tres donzellas dirigiram-se para o seu aposento, que communicava com a sala.

Entre as almas, abrigadas n'aquelle momento, debaixo dos tectos do presbyterio, duas havia, vivamente impressionadas. A de Rosa, que tremia pelos mysterios, que envolviam a chegada da recente carta, e a do padre Miguel, que exultava de contentamento. Uma, vergando ao peso do receio, outra, sorrindo aos effluvios d'uma esperanza! Aquella, temendo a tempestade! esta, como que a vêr raiar a aurora d'um bello dia.

Emquanto as tres meninas perguntavam umas ás outras o que diria aquella carta; emquanto Thereza ia formando, sobre ella, um rosario de hypotheses, mais ou

menos variadas, o presbytero relia no seu quarto a magica folha de papel, e deixava transparecer, na risonha expressão do rosto, esta completa phrase:

— Não ha duvida! o céo é por mim!

Instantes depois, Leonor abria mansamente a porta, meio cerrada, do quarto do bondoso parochó, e perguntava com inflexões de meiguice:

— Já não sáe, padrinho?

— Não, filha, não saio! respondeu elle, lançando-lhe um terno olhar.

— Porque?

— Porque tenho agora que fazer.

— Não é por incommodo, não?

— Não, minha Leonor.

— Veja lá! Olhe que não o quero doente, ouviu, padrinho?

— Sim, filha, ouvi!

Leonor depois d'estas meiguices de pomba formosa, volveu-se para sahir, e ia já a cerrar a porta do aposéto, quando o velho a fez retroceder:

— Olha, Leonor, vem cá.

O padre estava de pé, no meio do quarto.

— Meu padrinho.

— O senhor Jorge tem-te dito alguma coisa em segredo, n'estas vezes, em que cá tem vindo, fiinha?

— A mim? em segredo? não, padrinho. Pois que me havia elle de dizer?

— Nunca te disse, por exemplo, que... que gostava de ti, que... te amava muito... assim, d'estas coisas,

que costumam dizer os namorados bem educados, e que não offendem, nem ficam mal?

— Não, senhor!

— Não?! perguntou o padre admiradissimo, e tomando, de subito, a expressão d'um sombrio e profundo descontentamento.

— Juro-lhe, padrinho! Mas, porque me pergunta isso?

— Enganei-me!... murmurou o velho consigo.

— Não ouve? Porque me faz essa pergunta?

— Porque? minha Leonor? Olha, leva essa carta e lê!

Leonor havia impallidecido. Tomou, quasi a tremer, a carta que o presbytero lhe offerencia, volveu-se, começou a lê-la, e sahiu, insensivelmente, com os olhos eravados na folha de papel.

O parocho seguiu-a com um olhar de tristeza, tão commovedor, quanto era possivel, deixou desaparecer a formosa afillhada, aproximou-se da escrevaninha, cahiu na cadeira, como quem sente vacillar as pernas, abriu uma gaveta com uma chave que tirou do bolso do collete, sacou de dentro uma carta, que tinha indícios de muito velha, desdobrou-a, pegou n'uma pequenina cruz de ouro e brilhantes, que ella tinha dentro, contemplou-a, orvalhou-a com duas grossas lagrimas, collocou-a, com as tremulas e magras mãos, quasi á altura dos labios, deante de si, e exclamou em visos de profundissima tristeza:

— Enganei-me! Enganei-me!... Julguei que o céu

me ajudava, porque ha quasi dezesete annos que, em cada dia lhe tenho pedido a felicidade de Leonor, pelas lagrimas que os teus brilhantes symbolisam, pelos martyrios que representas, mas enganei-me!... Enganei-me! porque não é para ella a felicidade que eu sonhava ha dois instantes, ó cruz das minhas esperanças!

XIII

A pomba feita leão

Se a carta de Jorge valeu uma surpresa, quasi indescriptivel, ao padre Miguel Duarte, não foi, sem duvida, menor a que ella produziu no animo susceptivel da meiga Leonor.

Um raio, que lhe cahisse aos pés, inesperadamente, subitamente, n'um momento em que o sol e a atmosphera nem por longe fizessem suppôr uma trovoadá ou uma tempestade, decerto a não abalaria mais, podemos affirmal-o, do que aquella folha de papel, que parecia ferir-lhe os olhos e queimar-lhe as mãos de fada.

Era uma bala, que lhe batia em cheio, no peito! Era uma montanha de granito, que lhe desabava sobre a cabeça! Era uma força secreta, que quasi lhe paralysava os movimentos!

*

Com os olhos fatalmente presos ao papel, sustentado pelas mãos mimosas e brancas, que tremiam como as de qualquer octogenario, o sangue alvoroçado, o corpo a arder, e o seio convulso, foi que Leonor deixou o aposento do seu padrinho, avançando, sem saber como, e para onde, procedendo avidamente á leitura da carta.

Chegou assim, como que authomaticamente, ao meio da sala grande; parou, desviou os olhos do escripto, fixou-os no chão, conservando a missiva diante de si, suspenza pelas extremidades lateraes, e permaneceu, assim, alguns minutos. Dir-se-ia uma estatua, creada pela phantasia ardente d'algum esculptor primoroso.

Leonor era n'aquelle momento victima d'um terrivel combate, d'um combate, em que a duvida e a esperança, o desejo e o receio se estavam degladiando, rasgando, ferindo, apunhalando atrozmente, sem que nenhum dos dois inimigos cedesse o passo ao outro, sem que perdesse um palmo de terreno, sem que a victoria parecesse sorrir a um mais do que a outro, ambos igualmente enraivecidos, igualmente corajosos, igualmente heroicos!

Jorge amava, amava uma das pombas do ninho do presbyterio, como elle proprio dizia, e a vaidade de Leonor — quem não tem vaidade aos dezeseite annos? — affirmava-lhe que era a ella, porque não podia ser a outra. No emtanto, elle nunca lh'o dissera, nunca lh'o confessára! Lembrava-se de que elle lhe havia promettido ser o mais que podésse ser, n'uma occasião em que ella lhe propôz se considerasse da familia do presbyterio, e, por

consequencia, parente seu, mas é certo que tanta bondade lhe dispensava, e tantas meiguices, como dispensava ás suas duas amigas! Elle tinha-a olhado algumas vezes com olhos expressivos, mas tambem do mesmo modo contemplava Rosa e Maria! Foi a ella que elle primeiro viu e era a ella que elle deveria necessariamente amar; no entretanto, porque velou com todo o recato e com todo o silencio o amor que aquella carta vinha revelar agora? porque fazia ainda mysterio do nome da pessoa querida? Oh! se fosse amada!... Ah! se o não fosse!...

Estas rapidas considerações eram as que Leonor estava fazendo consigo, no meio da lucta, em que todo o seu sêr se agitava, quando parada no centro da sala grande, com os olhos cravados no chão, e a carta fatal suspensa diante de si!

Permaneceu assim alguns minutos, e depois, como que acordando d'un grande pezadêllo, dirigiu-se ao quarto, aonde Rosa forcejava por dar ao rosto uma expressão que não trahisse a sua violenta commoção, e aonde Maria proseguia na feitura de uma meia, n'aquella serenidade propria da sua alma d'anjo, do seu character bondoso, do seu coração d'ave mimosa, mas avançou com os olhos a irradiarem umas chammass d'ignoto lume, e exclamando a meia voz:

— Ah! se eu adivinhasse!... se eu pudesse adivinhar!...

O padre Miguel Duarte, depois da exclamação de desanimo, em que o vimos, tornou a envolver a cruz de

brilhantes, na velha carta de onde a tirára, guardou tudo novamente na gaveta, fechou-a, mettu a chave no bolso do collete e disse comsigo:

— Deus é grande! Confio n'Elle, e Leonor ainda ha de ser feliz!

Depois tomou uma folha de papel e pôz-se a escrever.

N'este momento entrava Leonor para o seu aposento, com a carta de Jorge na mão.

Rosa, ao vel-a, teria se podesse, n'aquelle instante, fugido d'alli, fugido do presbyterio, fugido até da propria aldeia de Santo Estevam! Parecia que o peito se lhe queria romper; faltava-lhe o ar: estava sendo dolorosamente martyrisada sem saber porque!

Era o coração que se sobresaltava immensamente! Era a alma oppressa, como se a estivessem apertando muito n'um estreito anel de ferro! Era o pensamento a adivinhar imminente sobre a sua cabeça uma furiosa tormenta!

Maria foi a primeira que tomou a palavra:

— É a carta do snr. Jorge, menina Leonor?

— É, respondeu a afilhada do presbytero.

— E que diz? acudiu Rosa que já não podia com as mil commoções que a agitavam.

— Diz que ama a uma de nós...

— Qual? interrompeu a outra, levantando-se subitamente, com o rosto côr de cêra e os olhos vivamente abertos.

— Pois a qual ha de ser, Rosa? Essa pergunta não está má! disse Maria.

— Enganas-te! respondeu Leonor, com aspecto de quem desejava que fosse verdade o que a outra deixava para ser adivinhado.

— Então não é á menina Leonor? perguntou Rosa, tomando uma expressão d'impaciencia.

— É, sim, pois então? Ha de ser, talvez, a mim ou a ti! accudiu Maria. Sempre tens coisas, Rosa!

— Quem sabe? murmurou Leonor.

— Mas que diz a carta? Diga, diga, ou leia-a! supplicou Rosa.

— Diz que ama uma das pombas do ninho do padrinho; que a ama muito, muitissimo, e quer saber se o padrinho não leva a mal o amor d'elle...

— E não diz qual? diga a verdade, Leonor! tornou Rosa a supplicar.

— Não.

— Ah! não me enganou!... murmurou a irmã de Maria, como que alliviando-se d'um grandissimo peso.

— Não te enganou, como? perguntou Maria.

— Pois, por acaso, será a ti?! accudiu Leonor empallidecendo extremamente e sentindo encresparem-se-lhe as mãos.

— Para que hei de escondel-o, menina Leonor? É a mim, é, disse Rosa com modo de quem pedia perdão.

— A ti, Rosa? perguntou a irmã.

— A ti! exclamou Leonor com os olhos a chammejarem fogo. Que loucura!

— A mim, menina Leonor e olhe que a não engano.

— Disse-t'o? interrogou Leonor, vermelha agora.

— Disse.

— Mentos! bradou a afilhada do padre, acceza em ira.

— Não minto, Leonor, nem careço mentir.

— Mentos! Mentos! já disse! O snr. Jorge ia mesmo agora gostar de ti! de ti, que não tens educação nenhuma! de ti, que não terias aonde cahir morta se não fosse eu! de ti, que andarias agora a pedir esmolla se não fosse a caridade do padrinho! Que vaidade! que orgulho o teu! que doidice a tua! Causaria nojo, se não incommodasse!

— Menina Leonor, por piedade, olhe que me offende!...

— E a mim tambem... disse Maria que já tinha os olhos razos d'agua.

— Eu não me hei de offender com essa doidice, de queres agora convencer-me de que o snr. Jorge te ama! Então eu não valho nada? Então esta affeição que eu sinto por elle não ha de ter a sua paga? Então eu hei de ver-me esmagada por ti, Rosa! Que imaginação a tua! Endoideceste, Rosa, endoideceste!

— Juro-lhe, Leonor...

— Juras o que?

— Juro-lhe que m'o disse! Juro-lh'o pela alma de meu pae!

— Quando?

— Na ultima vez que cá esteve.

— Aonde?

— Na varanda, em quanto sahiram para irem á cozinha, quando Thereza os chamou em segredo.

— Ah! e hei de ficar agora assim! eu, que gostava tanto d'elle!... exclamou Leonor.

— Não se zangue, menina, eu não tenho culpa, disse Rosa com modos brandos. Que mal lhe fiz eu? Que quer que eu faça? Quer que eu diga ao snr. Jorge que não góste de mim? Quer que lhe diga que não gósto d'elle?

— Não sei! bradou Leonor. Queria que soubesses ser agradecida aos nossos favores! que não pagasses com uma traição d'essas o que tenho feito por ti! queria que comprehendesses melhor a tua posição n'esta casa! queria que repellisses os galanteios do snr. Jorge... galanteios, sim, porque não penses que te estima muito, não! Enganou-te, disfructa-te, illude-te! Pois tu podias lá suppôr que elle se apaixonasse por ti! Que ousadia a tua!

— Eu não supponho nada, menina Leonor, e acredite que não estou a inventar as cousas para a affligir! Disse-me elle que gostava de mim; talvez me enganasse, quem sabe? Pediu-me que lhe tivesse affeição, e eu respondi-lhe que sim! Que culpa tenho eu n'isto? Que mal fiz eu? Que peccado commetti, menina Leonor, para agora me estar a offender tão desalmadamente?

— Oh! Rosa! Rosa! exclamou Maria chorando como uma creança. Vê tu a falta que nos começa a fazer agora o nosso pae!...

— O teu crime? acudiu Leonor sem attender a Maria; o teu peccado? a tua culpa? Tudo isso está em não reconheceres, em não comprehenderes a falsidade da tua posição! em não repellires a confissão d'um amor, que logo vias, que logo devias suppôr que não passava d'um gracejo! e ainda mais, em teres a ousadia de o acreditares, porque o acreditaste, Rosa, e acreditaste-o, porque até tiveste a velhacaria de o esconder do padrinho, de mim, e não sei se tambem de tua irmã!

— Oh! isso é de mais! Velhacaria, não, menina Leonor! Se o occultei foi porque elle m'ô pediu, e Deus sabe bem o que eu tenho padecido por não o ter dito a ninguem! Velhacaria, não, Leonor! e por piedade, veja como falla, porque a gente tambem se dóel...

— Calla-te, Rosa! Então, menina Leonor! Pelo amor de Deus acabem com isso! Olhem que póde vir o senhor cura... interveiu Maria, supplicando a chorar.

— Que venha! qu'importa que venha! Se não vier, sou eu a primeira que lh'ô vou dizer! exclamou Leonor, extremamente enraivecida.

— Poupe-lhe esse desgosto, minha amiga, minha querida amiga! acudiu Maria.

— Diga-lh'ô! diga-lh'ô quando quizer! exclamou Rosa. Eu estimo até que elle o saiba, porque elle tem melhor alma, alma superior á da menina! Ao menos não hade ter inveja da minha felicidade!

— Rosa! gritou Leonor cerrando os punhos e avançando para a orphã.

— Então, meu Deus! Soceguem! supplicou Maria de novo, indo ajoelhar entre as duas de mãos postas.

— Atrevida! exclamou Leonor desesperada.

Rosa levou as mãos ao rosto para o esconder, voltou-se um pouco e desatou a chorar e a soluçar doidamente, exclamando, com voz abafada:

— Oh! meu Deus! meu Deus!

Leonor sahiu, mas ao transpôr a porta voltou-se ainda e bradou:

— Agora, as lagrimas, fingida!...

E desapareceu com a carta de Jorge apertada nas mãos convulsas.

Maria, a bondosa alma, que não era, das tres, a que soffria menos n'aquelle momento, e que já se havia levantado, apenas se viu só com sua irmã, correu para ella, estreitou-a, fez dos braços um collar com que lhe enlaçou o pescoço, e começou a cobril-a de beijos, exclamando entre lagrimas:

— Não chores, Rosa! Deus hade ser por nós! Se já não temos pae nem mãe, olha que toda a vida havemos de ser irmãs e muito amigas!...

Leonor seguiu pressurosa, atravessou a sala, metteu-se ao corredor, e entrou quasi desabridamente no quarto do presbytero, que tinha acabado de responder a Jorge, exclamando debulhada em pranto:

— Ah! meu padrinho! meu padrinho! como eu sou desgraçada!...

O padre levantou-se de subito, como abalado por um choque electrico, tomou-lhe as mãos e bradou:

— Desgraçada, filha!...

— Desgraçada, sim, porque não é a mim que elle ama!...

— Oh! e então por isso, Leonor...

— É que eu amava-o muito, meu padrinho!...

— Que fatalidade, meu Deus! murmurou o padre.

E depois como que para serenal-a continuou, afa-gando-a:

— Não chores, minha adorada Leonor, que me ma-tas, bem vês! Não chores, filha! Quem sabe se é a ti que elle ama?

— Sei-o eu...

— Tu? Como?

— É a Rosa, porque elle já lh'o disse, padrinho!...

— E choras por isso, tontinha! acudiu o padre, ap-parentando serenidade, mas magoadissimo no coração. Então? Deixa lá que Deus tambem te hade fazer feliz!

— Mas soffro muito! muito!

— Acalma-te, filha minha! tem piedade dos meus cabellos brancos!

— Oh! ao menos, perdôe-me, padrinho!...

— Perdoar o que, doidinha!...

— Os insultos que dirigi agora á Rosa!

— Insultos? pois tu...

E o padre não poude concluir.

— Insultei-a... insultei-a muito, porque me doía o coração, porque me desesperou o ciume!...

— Oh! meu Deus! murmurou o padre. Até, para maior desgraça, a minha pomba se tornou leôa!...

— Perdôe-me, padrinho, perdôe-me! bradava Leonor escondendo o rosto no seio do velho.

— Estás perdoada, filha! Mas a ella é que compete absolver-te! Eu quero-te muito! amo-te muito, muito, porque te creei nos meus braços desde pequenina, porque tens sido o constante sorriso da minha vida toda, mas olha que tambem a estimo a ella e á irmã, porque são duas infelizes, que não teem pae nem mãe! Eu chamo-a, Leonor, e tu vaes pedir-lhe perdão, não é assim? Não chores! Olha que te não fica mal, filha; eu chamo-a...

O padre sahio.

Foi encontrar Rosa e Maria ainda abraçadas uma na outra.

Deus sabe as angustias porque estava passando n'aquelle momento a alma e o coração do sacerdote! Chorava, e havia nas suas lagrimas a essencia de todas as amarguras! a dôr de todos os espinhos!

— Não chorem, minhas filhas! Venham cá, venham commigo! Leonor é ainda a vossa irmã e a vossa amiga. Eu serei sempre, em quanto tiver vida, e o céo me ajudar, o vosso amparo e protector!

Foram.

Leonor havia firmado os cotovellos nas costas da cadeira do presbytero, apoiado a cabeça nas mãos mi-mosas e trémulas e soluçava como terra creancinha.

Mal viu entrar o presbytero, Maria e Rosa, voltou-se, correu para elles, e ajoelhou aos pés das duas orphãs, exclamando, a esconder o rosto com as mãos:

— Perdõem-me!... perdõem-me!...

— Leonor!... murmurou Maria suffocada, tentando levantá-la.

— Minha irmã!... balbuciou Rosa commovidissima, beijando-lhe a fronte e os cabellos negros, soltos agora.

— O céo vos abençõe a todas, e vos faça bem ditosas, filhas do meu coração! exclamou o padre, o santo padre Miguel.

Entrou n'este momento o fiel *Tigre*, que começou a festejar, a um por um, os personagens d'aquella scena intima, como para os afagar e acalmar.

E o sino da modesta igreja de Santo Estevam começou a badalar *Trindades*.

Cahiram todos de joelhos e mandaram ao céo as suas silenciosas orações!

Leonor era outra vez a branca pomba do presbyterio!

XIV

A decisão de Jorge

Ao outro dia de manhã, Jorge levantou-se muito cedo, dominado pela impaciencia de receber do presbyterio de Santo Estevam, e do padre Miguel, a resposta á sua carta.

Já na vespera, á noite, elle não descansou emquanto Zepherino não regressou da pequena aldeia, alimentando a esperança de que talvez pudesse trazer-lhe a resposta suspirada, porém, debalde esperou, com grande contentamento de José Maria, seu feitor e procurador.

Zepherino voltou, mas como vimos o padre não havia respondido.

Assim, ás seis horas da manhã, já o nosso sympathico heroe andava a pé, sem se afastar do grande pateo, que havia entre o portal, que dava ingresso para

dentro do muro, que cercava o *Casal dos Carvalhos*, e a habitação sombria e triste, preso alli, como mariposa á chamma d'uma viva luz, pelo constante e dominante pensamento, de que por aquelle lado deveria surgir qual-quer mensageiro que o bondoso presbytero lhe enviasse.

José Maria que não andava menos agitado, se bem que por sentimentos inteiramente oppostos aos de Jorge, comquanto não dêsse indicios d'impaciencia, nem signaes de já estar velando, permanecia, comtudo, atravez de uma fresta das portadas da janella do seu aposento, espreitando, tanto quanto podia, todos os movimentos de seu amo, e todas as successivas mudanças que se iam operando no seu semblante, como outras tantas provas dos rapidos pensamentos que lhe iam atravessando o espirito.

Grande devia de ser, sem duvida, o motivo, pelo qual José Maria tentou desviar Jorge da ideia, e, mais ainda, da realisação do enlace que elle projectava, a julgar pelo cuidado, pelo tormento que infligiu ao zeloso feitor.

Andava pensativo, desde que Jorge lhe revelára as suas intenções, comia pouco, isolava-se, como que fugia de todos, e se bem que nem um só atomo deixasse transparecer da sua viva preocupação, quando em face de Jorge, certo é que, nem de noite, podia conciliar o somno!

Andava como quem tem um remorso pungente a apunhar-lhe a consciencia, mas, em verdade, não era remorso. Era uma inquietação viva, grande, profunda, mas de differente natureza.

Eram seis horas e meia; Jorge quasi desesperava; a sua impaciencia tomava proporções gigantescas, quando, de subito, duas vigorosas aldrabadas abalaram o portal da quinta.

Estremeceu e estacou um momento, mas avançou logo com passo rapido, exclamando comsigo:

— É agora!

Dois grandes cães de fila, que dormiam estendidos a um canto do terreiro, ao sol formoso, e já meio quente, d'aquelle dia de junho, arremetteram, ladrando furiosamente, e com certa ferocidade, porém Jorge fez recual-os, batendo com o pé no chão e indicando-lhes o lugar, aonde até alli tinham estado aninhados, bradando ao mesmo tempo:

— Arreda *Feroz!* Arreda *Pombo!* Já para alli!

Os molossos recuaram em face d'aquella ordem e foram aninhar-se de novo, lançando de revez os olhos ao portal, que Jorge foi abrir pressurosamente, para ver quem batia.

Era um camponez.

Entrou.

— Bons dias, senhor, saudou elle.

— Bons dias, respondeu Jorge.

— Trago aqui uma carta para entregar ao snr. Jorge.

— Sou eu mesmo.

— Ah! é v. s.^a

— De onde vem?

— De Santo Estevam, senhor.

— E de quem?

— Do senhor padre Miguel Duarte.

As feições de Jorge tomaram uma expressão de duvida e de receio.

— Cubra-se, disse Jorge, tomando a carta a que rapidamente rompeu o involuero.

— Com sua licença, senhor.

Jorge avançou em direcção á grande escadaria de pedra, com passo vagaroso, procedendo á leitura da carta, que levava entre as mãos, enquanto o camponez de Santo Estevam o seguia, olhando e mirando tudo com olhos d'ávida curiosidade.

José Maria que tudo havia presenciado, atravez da fresta da janella do seu quarto, ardia n'aquelle momento, n'uma febre, acceza por um d'estes cuidados que difficilmente se explicam.

Elle, se podésse teria lançado mão d'aquella folha de papel, e tel-a-ia feito em mil pequeninos fragmentos, de modo que, um só, que fosse apanhado, não mostrasse uma palavra inteira! Consumia-o a vontade de saber o que elle continha, e mais talvez do que Jorge, pouco antes, era dominado, agora, por uma impaciencia illimitada.

Jorge parou ao fundo da grande escadaria de pedra, para concluir a leitura da carta, que, de certo lhe agradava, porque as linhas da duvida que lhe tornavam o rosto carregado, haviam desaparecido, cedendo o logar a uma expressão de vivo contentamento.

O moço portador da carta parou tambem.

Minutos depois, Jorge volveu-se, guardando a folha

de papel, e dirigiu-se ao camponez, que esperava, com grandissima alegria a transparecer-lhe na voz:

— Suba. Não imagina a ventura que veio trazer-me!

— Ainda bem, senhor.

— Suba. Ha de almoçar e descansar.

— Não é necessario; muito agradecido a v. s.^a

— Ora essa!

E sem esperar mais foi subindo, seguido do aldeão, que, cada vez dava ares de mais curioso.

Jorge abriu a porta, entrou, e começou logo a bradar:

— Josepha! Josepha!

— Meu senhor! respondeu a velha creada, apparecendo pouco depois.

— Conduz este moço lá para dentro e trata de lhe arranjar o almoço.

— Sim, meu senhor. Venha comigo, faz favor, disse ella ao camponez, que a seguiu de chapéo na mão, e com o acanhamento proprio dos da sua classe.

Jorge apenas a creada e o moço desappareceram, dirigindo-se ao interior da habitação, exclamou, ebrio de alegria, doido de contentamento:

— Oh! vou ser feliz! vou ter uma familia!

O feitor encerrado no seu quarto não dava o menor signal de si; esperava que Jorge o fosse procurar, porque tinha para si, sem duvida, que a carta vinha de Santo Estevam.

Realmente Jorge avançou com passos rapidos, apertando nas mãos a missiva do padre Miguel Duarte, e

foi bater á porta do aposento do atormentado feitor com modos um pouco desabridos:

— José Maria! Abre, José Maria!

— Lá vou, senhor Jorge, lá vou!

— Avia-te, homem, que tenho pressa!

O feitor abriu a porta dizendo:

— Isso é que é madrugar, senhor!

— Isso é que é preguiçar! acudiu Jorge sorrindo.

— Então? Temos alguma novidade?

— E grande, grandissima.

— E boa?

— Tão boa que me traz a felicidade.

— Ainda bem, disse o feitor contrariado.

— Chegou a resposta do padre Miguel.

— Sim? e então?

— Está tomada a minha ultima resolução. Vou casar.

— Pois tão repentinamente decidiu...

— Decidi, sim. Sei que não podia escolher melhor, nem familia tão digna e tão bondosa. Amanhã vou pedil-a, José Maria.

— Já?!

— Já, sim; porque heide esperar?

— Que diz então o senhor padre Miguel?

— Diz o que só sabem dizer as almas grandes e generosas, os corações nobres e virtuosos. Olha, toma e lê.

E Jorge entregou ao feitor a carta que havia recebido do portador de Santo Estevam.

José Maria estava pallido, convulso, nervoso, inquieto, mas Jorge não tinha n'aquelle momento olhos

para vêr; só tinha coração para sentir alegrias, e alma para jubilosos devaneios.

O feitor aproximou-se da janella, em quanto Jorge accendia um cigarro, e procedeu á leitura da carta, que rezava assim:

« MEU QUERIDO AMIGO.

« As portas do presbyterio de Santo Estevam não
« se fecham a quem possui uma alma como a sua, e um
« coração tão elevado, tão digno, tão apreciavel. Estão
« abertas, de par em par, para todos os que podem en-
« contrar cá dentro consolações e allívios, como tambem
« para os que lhe tragam alegrias e venturas.

« O seu amor, meu nobre amigo, o amor de que
« me falla, deve necessariamente ser inspirado pelo céo,
« e tenho, para mim, sem duvida, que só poderá des-
« abrochar as flôres de que precisam, agora, os meus cin-
« coenta annos, gastos e cançados, de boa vontade, no
« serviço, que me impoem o dever e a consciencia, a
« alma e o coração.

« O seu cavalheirismo, a sua educação, a sua indole,
« tudo, finalmente, quanto ha e conheço no meu amigo,
« é para mim a mais segura garantia da pureza das suas
« intenções, da sinceridade do seu sentimento, e da no-
« breza das suas aspirações.

« Ama; ame e seja feliz, que eu supplicarei ao céo
« nas minhas humildes orações, que o faça tão ditoso
« como merece, e creia que não será essa afeição, que

«lhe começa a perfumar e embellezar a juventude, mo-
«tivo para que eu deixe de acolhel-o, no meu modesto
«presbyterio, como um pae acolhe um filho, que do co-
«ração estima e préza.

«Venha, snr. Jorge, venha, meu amigo; as pessoas
«do presbyterio não se desdizem, são familia sua, e eu,
«o velho preso aos seus vinte annos, á sua mocidade, á
«sua vida, emfim, pela sympathia que o seu rosto, a
«voz, as palavras, os sentimentos, e índole, e modos, me
«revelaram tão facilmente.

«Sei que é incapaz d'uma indignidade porque co-
«nheço as excellencias que o dotam, e a minha boa fé
«leva-me a crêr, dá-me até a certeza de que não have-
«ria perversidade nem malvadez que ousasse abusar da
«franqueza da minha hospitalidade, da sinceridade da
«minha afeição.

«Fico de braços abertos para o receber, e cheio de
«saudades, esperando-o. Que mais quer que lhe diga
«em resposta, á sua, para mim, queridissima carta?

«Venha, que a sua presença é para o presbyterio,
«o que o sol é para a nossa aldeia, n'um dia de muito
«inverno.

«Estreito-o em espirito, emquanto o não faço pes-
«soalmente, e mando-lhe, com as minhas, as saudades
«de todos os d'esta casa. Até breve?

« Adeus

Sempre amigo do coração,

« Santo Estevam, etc

Miguel Duarte da Silva. »

José Maria terminou a leitura da carta, e conservou-se silencioso, dobrando-a.

— Então? perguntou Jorge com modos d'impaciência.

— O que senhor?

— Que dizes? Não traduzes n'essas palavras a santidade do que as escreve? Não vês, ahí, que ha uma familia que me estima, que me quer, que quasi me adora como a um filho, como a um irmão muito querido? Não transluz em tudo isto a grande felicidade que me espera?

— Eu, snr. Jorge, como não sou dos mais faceis, permitta-me que lhe responda, e perdoe-me que lhe diga — não sei!

— Não sabes? acudiu Jorge, de subito. Pois sei-o eu. Caso, está decidido.

— Ninguem o impede, senhor.

— Parece que sim!

— Como? Não sei, não vejo quem.

— Tu, com esses modos sombrios e sêccos; tu, com esses ares de mysterio; tu, que não tens uma palavra para me animares; tu, que não avanças uma phrase para aconselhar-me; tu, finalmente, que até contrariado te mostras!

— Contrariado, não, senhor Jorge. Sabe v. s.^a que o olho como filho meu. Emballei-o muitas vezes n'estes braços, quando pequenino. Votei-lhe uma grande affeição quando o vi ao desamparo n'este mundo, sem pae, sem mãe, sem parentes, mais ou menos remotos. Afiz-me a olhal-o como a pessoa muito cara ao meu coração. De-

diquei a minha vida e os meus cuidados á sua vida e aos seus interesses. Consagrei o meu zelo e os meus esforços em lhe adoçar a falta dos que Deus havia chamado a outro mundo e a outra existencia. Parece-me que o tenho conseguido, e não o recordo para que m'o agradeça. Satisfiz aos impulsos do meu coração. Devo confessar tambem que generosamente me tem pago. Esta convivencia de muitos annos, a affeição que desenvolveu em mim, este modo de o considerar familia minha, mais do que meu amo, dão-me, parece-me, o direito de querer vel-o feliz e muito feliz, snr. Jorge. Tal é, em verdade, o motivo porque me vê, agora, assim; tal é a causa porque, umas vezes, penso que a realisação do seu projecto é a realisação da sua suprema ventura, e porque, em outras, me lembra se irá encontrar justamente o contrario. A duvida de que não possa ser ditoso, tão ditoso como sonha e como eu desejo, é que me torna sombrio. Oh! mas creia que o amo, creia que lhe quero muito!...

— Bem sei, José Maria. Porém, não te estou eu afirmando que vou ser muito feliz? perguntou Jorge docemente.

— De certo.

— Quem melhor do que eu pôde avaliar o que sinto?

— Ninguém, verdade é. Está então definitivamente resolvido a contrahir esse enlace?

— Estou, sim, pelo menos emquanto alguém me não demonstrar que não estará n'elle a ventura a que aspiro.

— Muito bem. E quando tenciona fazel-o, se não ha indiscrição na pergunta?

— Breve.

— E tenciona ir pedir a noiva?

— Amanhã.

— Amanhã! murmurou o feitor.

— Amanhã, sim.

— Seja. O que ambiciono é que lhe sorria a felicidade que espera encontrar, e creia que em nada vem alterar nem modificar os meus serviços, o meu zelo e a minha estima, essa circumstancia que o faz mudar d'estado. Serei, continuarei a ser sempre, emquanto me julgar digno, o mais fiel dos seus servos e o mais velho e dedicado dos seus amigos.

— Obrigado, José Maria. Confio em ti.

E Jorge apertou-lhe a mão, continuando:

— E crê tambem que não serão as affeições da minha nova familia as que hão de desvanecer a gratidão que te devo, e a estima que te voto.

— Sei-o, senhor.

Instantes depois, os dois estavam separados, e o creado do presbyterio de Santo Estevam partia, levando ao padre Miguel Duarte a noticia de que Jorge d'Albuquerque iria no dia seguinte a sua casa.

Estava decidido que o nosso heroe pediria ao presbytero a mão da sua pupilla.

Quem póde phantasiar as alegrias, as commoções, os embaraços, os alvoroços, as tristezas, os mil contrastes, emfim, que agitariam no dia immediato o presbyterio de Santo Estevam? Que d'opostos sentimentos não

floresceriam nos corações das meigas aves d'aquelle acalentado ninho!

José Maria é que de modo nenhum se podia conformar com a ideia do enlace de seu amo, e certo era que estava disposto a desfazel-a, como vamos ver.

Apenas Jorge o deixou, dirigindo-se ao seu quarto para mandar ao padre Miguel duas linhas em resposta á carta d'elle, o feitor tomou em direcção á cosinha, fez um signal a Josepha e retrocedeu, pondo-se, no corredor á espera d'ella.

Não se demorou muito a velha creada, e José Maria principiou logo, em voz baixa e receiosa :

— Aonde tens o cofre, Josepha?

— No quarto, no fundo da minha arca.

— Bem. Vae ser amanhã restituído.

— Amanhã! exclamou a creada como que assustada.

— Amanhã, sim; sou eu quem o irá entregar.

— Pois sempre é certo...

— Mais que certo. E a pena que eu tenho é ir transtornar-lhe um tão grande sonho de amor e de felicidade. O snr. Jorge, parte amanhã de madrugada para Santo Estevam a pedir ao padre Miguel Duarte a mão de sua pupilla.

— A mão d'ella! exclamou Josepha. Oh! meu Deus! como as coisas se arranjam d'este modo!

— Eu partirei em seguida, e levarei comigo o cofre, que tem estado em teu poder, porque só elle me ajudará a provar a impossibilidade d'aquelle casamento.

— E a cruz de brilhantes?

— Ha de existir por força! Darei d'ella signaes certos e será ainda por mim!

— Deus o ajude e tudo resolva pelo melhor.

— No entretanto é preciso não deixares adivinhar nada por ora, ouviste? Trata bem o creado do presbyterio, que, perante o senhor Jorge, eu disfarçarei o melhor que puder, as commoções, que me abalam.

— Diga-me: — e não quer que eu lhe avive a memoria a respeito do que se passou ha dezeseis annos?

— Não é necessario. Lembra-me tudo, como se fosse acontecido hontem.

— Bem.

Separaram-se.

Ainda o camponez atravessava o pateo do *Casal dos Carvalhos*, regressando a Santo Estevam, quando Jorge se abraçava ao velho feitor, n'um excesso de delyrante enthusiasmo:

— Verás como heide ser feliz! Tenho a certeza de que tambem a hasde adorar, porque é uma pomba, porque é um anjo, a noiva que eu escolhi!

XV

Flôres e espinhos

Ás tres horas da manhã do dia immediato, deixava Jorge d'Albuquerque o *Casal dos Carvalhos*, em direcção a aldeia de Santo Estevam, aonde, a essa hora, todos repousavam ainda, excepto o padre Miguel, que já tinha aberto as portas do seu aposento á dôce claridade da aurora, que rompia deslumbrante.

No *Casal dos Carvalhos* tudo ficava ainda silencioso, mas, como no presbyterio, uma pessoa velava já tambem. Era José Maria, o zeloso feitor.

Não é possivel pintar-se bem o dôce phantasiar de Jorge, a caminho do presbyterio! Que de sonhos de formosissimo alvor! que de devaneios tão deliciosos! que d'esperanças tão seductoras a inflorarem-lhe a alma e o coração! e que magico futuro a sorrir-lhe tão venturosamente!

Rompia bella a manhã. A alma de Jorge casava as vivas e intimas harmonias com as harmonias singelas das aves, que esvoaçavam alegres, saudando o dia; os perfumes do seu coração confundiam-se mysticamente com os aromas, que de toda a parte se elevavam em invisiveis nuvens. Parecia que tudo em volta d'elle lhe sorria, que tudo se alegrava, que tudo partilhava dos dôces enthusiasmos que o dominavam e como que entonteciam. Era um dilatar-se-lhe o coração n'uma dilatação agradavel, por aquelles campos fóra, por aquellas veigas verdejantes, por aquelles prados meio floridos, por aquellas encostas de onde desciam formosos fios de crystallina e prateada agua!

Julgava-se noivo já, e sentia todos os alvoroços, gozava todos os effluvios sublimes d'esse prelibar de felicidade, que o céo hade abrir em breve! A imaginação, d'accordo com a alma, sonhava já no ninho para onde levaria a sua pomba, a sua noiva; deliciava-se de modo que parecia estar já libando a ventura dos carinhos conjugaes, o prazer das alegrias domesticas, e os sorrisos d'uma vida alastrada de rosas e de lyrios, de dias sem nuvens, e de noites esplendorosas de luar, e de bellezas, e de encantos!

Foi assim, com o espirito debaixo d'estas ridentes impressões, d'estes formosos devaneios, que Jorge chegou ao presbyterio de Santo Estevam, por volta de sete horas da manhã.

Era já esperado, e por todos com grande impaciencia, como se em verdade se tivesse delongado muito. Flo-

resceram as alegrias do costume; avivaram-se as recordações; cada um contou o que tinha feito, o que tinha passado, e por onde tinha andado, durante os dias da saudosa ausencia.

O presbyterio vestia novamente a sua purpura d'alegrias. Era uma como colmeia aonde todos zumbiam jubilos.

Rosa e Leonor partilhavam tambem das doçuras que perfumavam o presbyterio, mas é certo que os risos que lhes adoçavam as linhas dos semblantes formosos, tinham mais de fingidos, de contrariados e de forçados, do que de naturaes e verdadeiros.

Leonor desde que teve conhecimento de que Jorge amava Rosa, tornou-se melancholica, um pouco pensativa e pallida, e perdeu quasi de todo aquelle ar jovial e alegre, que em passados dias, fôra o encanto e o enlevo do presbyterio e do presbytero, seu padrinho.

Rosa, pelo seu lado, se sentia a ventura de saber-se amada tão felizmente por Jorge, soffria tambem ao ver as tristezas de Leonor, de que ella era origem e causa involuntaria, e soffria ainda com a ideia de que o padre Miguel, seu unico protector e amparo, não olharia com bons olhos a affeição que tão tristemente roubava a Leonor as alegrias, as esperanças de ventura, e os seus sonhos d'amor e de encanto!

No momento, porém, em que todos os do presbyterio se rejubilavam com a presença de Jorge, ellas não deviam, de modo nenhum, deixar de tomar parte na santa festa das mutuas affeições.

Fingiam-se alegres, sorriam com Maria, com o padre Miguel e com Thereza, mas quem fosse perspicaz poderia ler nos olhos de cada uma a contrariedade que havia nos seus sorrisos.

O padre Miguel Duarte ainda não tinha procedido ao officio da missa, quando Jorge chegou. Foram por isso assistir todos a elle, enquanto Thereza ficava em casa cuidando do almoço, opiparo, sem duvida, n'aquelle dia, para lisonjear o seu querido hospede.

Partiram para a igreja; o padre Miguel adiantou-se um pouco parã se preparar, sem os fazer esperar, e Leonor quando viu que o seu padrinho os deixava logo á sahida da porta de casa, demorou um pouco Maria e disse-lhe, cheia de tristeza, e com as lagrimas na voz:

— Deixa-os ir sósinhos, Maria. Talvez tenham que dizer e não devemos importunal-os.

Realmente Jorge e Rosa, ao lado um do outro, avançaram um pouco, e a caminho da modesta igreja, travaram o seguinte dialogo:

— Diga-me Rosinha: — tem-se lembrado muito de mim?

— Muito, senhor Jorge.

— E com saudade?

— Com saudade e com desejos de o ver.

— Esperava-me hoje?

— Oh! com muita vontade.

— E ainda gosta muito de mim?

— Muito! muito!

— E diga-me, porém, consulte primeiro o seu coração: — quer ser minha esposa?

— Snr. Jorge!...

— Responda. Se me disser que sim, pedil-a-hei hoje mesmo ao snr. padre Miguel.

— Tenho medo, snr. Jorge!

— Medo de quê?

— De Leonor, que tambem o ama.

— Qu'importa, se só Rosa será minha noiva?

— Oh! e não me engana?

— Juro-lhe que não.

— E quer-me, mesmo tão pobre e tão falta de educação como sou?

— Pois não vê que de todos os modos a quero!

— N'esse caso sou sua, snr. Jorge.

— Posso então pedil-a ao snr. padre Miguel?

— Póde, senhor.

— Oh! Deus hade abençoar-nos, creia.

Tinham chegado á porta do templo. Entraram, e apoz elles Maria e Leonor, que não haviam trocado uma unica palavra.

O officio da missa foi rapido, e as pessoas da aldeia que o assistiram, foram, mal saíram, commentando a presença de Jorge na igreja, de differentes modos e com variadissimas hypotheses.

As duas comadres, a snr.^a Anna e a snr.^a Eufemia, — já nossas conhecidas —, essas foram logo espalhar que com certeza ía em breve haver em Santo Estevam um casamento no presbyterio!

Volveram todos a casa; o *Tigre* acompanhava o rancho, meneando a cauda, em signal de que tambem quinhoava das alegrias d'aquelle dia.

Thereza já os esperava, prompta á primeira voz, para trazer á meza o almoço, em que, mais uma vez, se aperfeiçoára devéras.

Recomeçaram as interrogações d'um lado; as respostas do outro; aqui, uma discussão placida e serena; alli, uma narração interessante e bonita! E em todos e em tudo a reproducção dos bellos jubilos dos dias passados no presbyterio, com a presença de Jorge!

Seguiu-se o almoço, alegre, ruidoso, intimo, florido de ditos amigaveis, repleto da paz de que nasce sempre a felicidade, e no qual, diga-se em abono de verdade, Thereza se apurou o mais que poude, apresentando uns bifés e um café com leite, capazes de tentarem o mais farto.

Parecia que presidia áquella festa o anjo das venturas; havia alli uns perfumes de aceio e de franqueza e intimidade honesta, como poucas vezes se encontram.

E se não foram as occultas tristezas de Leonor, que o padre fitava, de quando em quando, com olhos piedosos e expressão de quem lhe comprehendia as intimas agonias; se não foram os receios e os alvoroços que quasi tomavam a respiração a Rosa, affoitamente se poderia dizer que a felicidade se aninhava em todos aquelles corações, aquecida ao sol bemdito das affeições puras e suaves.

Como complemento da suavidade que cercava a meza da franca refeição, sorria-se lá fóra a natureza inteira; as flôres tinham perfumes mais finos e vivos, as aves mais gorgeios, e os camponezes mais trovas mais inspiradas, e vozes mais melodiosas!

Eram os encantos da aldeia em toda a plenitude! era a vida serena, doce e abençoada dos que passam os dias louvando a Deus, trabalhando moderadamente, cuidando da alma primeiro do que do corpo, longe sempre das perniciosas e terríveis paixões, que tanto infernam a existencia a quem as alimenta e acarinha!

Tanto que o almoço foi terminado, Rosa, Maria e Leonor, foram para a varanda, voltada ao lado da igreja, sentando-se a custurarem, nos serviços a que cada uma andava entregue.

Thereza desceu á cosinha, seguida do felpudo *Tigre* a quem ia ministrar tambem a sua refeição, de mistura com duas festas.

Jorge e o padre Miguel tomaram para a sala da frente e pozeram-se á janella da saccada, aquelle sorvendo a sua classica pitada, este saboreando o cigarro do costume.

Via-se, e facilmente se conhecia que ambos tinham que dizer um ao outro, mas que nenhum desejava ser o primeiro a romper.

Afinal, Jorge decidiu-se tomando, para pretexto, uns rapasitos que andavam brincando, na rua, meio deserta.

— Pelo que vejo deu hoje novo sueto aos seus discipulos, não, meu amigo?

— É verdade. A sua presença, meu caro, importa sempre uma festa para o presbyterio, e nos dias de festa não têm aula os meus rapasinhos.

— A que ponto leva a sua amizade!

— Que obrigações me impõe a sua estima, diga antes!

— Obrigações, não; estima grandissima.

— Também é o que nos vale, meu amigo. Antes de o conhecermos, antes de termos a ventura de o receber em nossa casa, tínhamos, é verdade, as alegrias que a vida floresce sempre, quando modelada nos principios da virtude, da honra, da caridade e da religião, mas não gosavamos, é certo, os effluvios da affeição, que as suas relações tão fartamente nos deu a saborear. A aldeia, é, por si, sombria e triste, sobretudo, para quem não nasceu com genio amoldado á monotonicidade de um viver despido de commoções, mas opulento d'alegrias e de paz. Os camponeses são, em geral, bondosos, pacificos e humildes, mas talvez para encantarem pouquissimo com a sua convivencia intima. Têm pouca instrucção, e, por consequencia, falta d'elevados attractivos. Assim, meu caro, bem pôde avaliar, com que premio nos brindou o céo, dando-nos na sua pessoa e na sua bondade e estima umas alegrias que mais vieram encantar as nossas, constantes é verdade, mas modestas e sem variantes.

— Bondade, snr. padre Miguel...

— Bondade, não, snr. Jorge.

— Bondade sim e tão grande, tão apreciavel, tão digna, pelo menos para mim e para o meu coração, que vou pagal-a do melhor modo que posso. Confessei-lhe ha poucos dias em uma carta minha, que amava uma das pessoas do presbyterio, com um amor puro e santo. Disse a verdade e cá estou para a confirmar. Eu lhe vou dar uma prova da grande conta em que tenho a sua amisade, a sua estima, os seus sentimentos e dedicação, e espero que tambem me não recusará a que lhe vou pedir agora, meu amigo.

— Ora essa! Pois póde duvidar...

— Não sei, senhor, porque o caso é sério e melindroso talvez. Conhece-me é certo, mas conhece-me pouco, sobretudo, para me fazer o que vou pedir-lhe.

— É o contrario; conheço-o de sobra, e para prova d'isso, verá que não lhe recuso cousa alguma.

— Concede-me, então, a mão de Rosa, snr. padre Miguel?

— De Rosa! snr. Jorge.

— De Rosa, sim!

— De muito boa vontade, meu nobre amigo, e tanto mais, quanto estou certo que ella já lh'a concedeu tambem.

— Sem duvida; nem eu viria pedir-lh'a sem que ella me dêsse a sua authorisação.

— Deixe-me abraçal-o, meu amigo, deixe-me beijar-lhe as mãos, porque agora é que de todo avalio quanto vale, quanto tem de nobre, quanto tem de generoso, quanto tem de sublime. Quizera-o antes para a

minha Leonor, e não porque ella o merecesse mais, mas porque, emfim, era como filha minha, que desde pequenina a criei e eduquei. Deus manda o contrario, e Deus bem sabe o que manda. Veja como eu choro d'alegria, veja como eu o recebo, por assim dizer, na minha familia! Oh! possa o céo abençoal-o e fazel-o tão feliz como do coração lhe desejo! Parece-me que se morresse agora, morreria feliz, porque já não levaria o receio de que a minha Leonor, de que as minhas pupillas todas ficavam desamparadas! Deixe-me beijar-lhe as mãos, meu nobre e santo amigo.

— Então, senhor? invertem-se os papeis...

— Não invertem, não!

— Eu, que vou receber a felicidade, é que devo e tenho que agradecer.

Jorge e o padre estavam altamente commovidos. Era uma scena edificante e tocante, a que se estava passando alli! Dois homens choravam, abraçados um no outro, umas lagrimas de ventura e de reconhecimento; um, ao vêr que, em pleno viço da mocidade, o futuro lhe abria as portas dos rosaes esplendidos; o outro, porque tendo a vida presa, no mundo, á vida de tres pupillas, que sem o auxilio de Deus ficariam, por morte sua, abandonadas e pobres, já podia, agora, encarar sem medo a morte, porque Jorge ser-lhes-hia protector ainda mais generoso e não menos acariciador!

No momento em que os dois se desligavam, um do outro, entrou Leonor, sem duvida, por não esperar enconral-os assim.

Empallideceu extremamente, e ao vêr nos olhos do padrinho as perolas do pranto, que elle derramava, correu pressurosa, tomou-lhe as mãos, e perguntou avidamente:

— Chora! Que tem meu padrinho?

— Uma alegria que produz estas lagrimas, filha!

— Chora tambem, snr. Jorge? Que aconteceu?

— Nada de mau, Leonor. Choro tambem d'alegria...

— Diga-me, padrinho, diga-me porque choram?

— Eu choro, filha, porque já posso morrer agora mais tranquillo, porque haverá quem me substitua nos carinhos que te dispensava!

— Eu choro, Leonor, porque vou ter a ventura de mais estreitar os laços de affeição que me unem ás pessoas do presbyterio.

— Como?

— O snr. Jorge vae ser da nossa familia, Leonor!

— Rosa é minha noiva, minha bondosa amiga!

Leonor esteve para cahir, mas ampam-n'a os braços do velho, quando a viu exclamar debulhada em pranto:

— Ah! e eu que o amava tanto! Como sou desgraçada, meu Deus!

N'este momento um vulto surgiu á porta da sala dizendo:

— Dão licença?

Os tres volveram-se e Jorge exclamou admiradissimo:

— José Maria! Tu aqui!?

— É verdade, senhor! disse o feitor entrando. E perdão, snr. Jorge, perdão, snr. padre Miguel Duarte, por vir, talvez, interrompel-os, no momento em que estavam chorando alegrias...

— É o meu feitor, snr. padre Miguel, disse Jorge ao velho presbytero.

Leonor estava como espantada ao lado do seu padrinho. Jorge empallidecera, e sentia-se desagradavelmente impressionado com a vista de José Maria. Este estava de pé, afastado, quasi junto á porta, tendo um embrulho em uma das mãos e o chapéo na outra. O padre esperava opprimido.

— A que vens, homem! Falla! bradou Jorge.

— Protestar, senhor, contra o casamento que pretende realisar n'esta casa!

— Ah! murmurou Leonor, como que respirando.

— Snr. Jorge! snr. Jorge! exclamou Rosa, correndo a ajoelhar aos pés do mancebo, porque tudo ouvira, meio occulta á entrada da sala.

— Protestar! bradou o padre.

— Enlouqueceste! exclamou Jorge.

— Não, snr. Jorge! É impossivel o seu casamento, porque Leonor, porque a sua noiva é sua irmã!

— Ah! suspirou Rosa levantando-se.

— Ella!?! accudiu Jorge.

— Eu!?! exclamou Leonor!

— Sim, irmã do snr. Jorge, confirmou o feitor.

O padre como que comprehendendo tudo, dobrou os joelhos, levantou as mãos, e exclamou sorrindo com as lagrimas nos olhos:

— Obrigado, Senhor; Leonor hade ser feliz; perdeu um noivo, mas encontrou um irmão!

A apparição do feitor era uma roseira que, ao mesmo tempo, desabrochava rosas e afiava espinhos!

XV

Revelações

Houve um certo momento de silencio, momento de anciedade para uns, de commoções violentas para outros, e de espanto para todos. Os personagens d'aquella scena estavam suspensos dos labios do velho feitor. Era elle quem, n'aquelle instante, imperava alli.

Jorge, porém, não poude conter-se, e lançando-lhe um olhar fulminante, foi o primeiro que bradou:

— Podes retirar o teu protesto, porque não colhe nada! Enganaste-te! Leonor é um anjo, mas não é a minha noiva!

— Como, senhor? perguntou o feitor admirado.

— Como? replicou Jorge. Pois não a vês, aqui, ao meu lado a esposa que eu escolhi, e Leonor, alli, ao lado do snr. padre Miguel?

— Tem razão, senhor, enganei-me! exclamou José Maria, depondo o chapéo e o embrulho sobre uma meza e cahindo de joelhos. Perdão! perdoem-me todos, se vim perturbar-lhes as alegrias d'este dia! Perdoem-me, mas as minhas intenções eram boas, e eu cumpria um dever!

— Um dever! exclamou o padre brandamente.

— Um dever, senhor, é verdade! Mas enganei-me, porque julguei que no presbyterio de Santo Estevam só havia um anjo, e que por consequencia, só elle poderia ser escolhido pelo snr. Jorge.

— E quando mesmo Leonor fosse a minha escolhida, perguntou Jorge, que motivos tinhas tu, para te vires oppôr ao meu casamento, revestido d'uma authoridade que ninguem te concedeu?

— Os motivos, senhor, disse o feitor, levantando-se, eram, como já disse, a impossibilidade de se ligarem irmão com irmã.

— Oh! então sempre é verdade eu ser irmã do snr. Jorge? perguntou Leonor.

— É minha senhora, respondeu José Maria.

— Affirma-o? perguntou o presbytero.

— Affirmo-o, senhor, e provo-o!

— E com que provas? interveio Jorge.

— Com muitas!

— Oh! minha Leonor! exclama o padre. Abraça teu irmão e cobre-o de beijos, porque é digno d'isso, filha!

— Jorge! exclamou Leonor, abraçando-o, mas um pouco contrariada.

— Minha Leonor! respondeu aquelle.

— Então sabe da procedencia da minha querida pupilla? perguntou o velho parochó ao feitor, que partilhava commovido das commoções de Leonor e de seu amo.

— Como ninguem. E se me permitem vou dar provas do que affirmo.

— Falla, falla, acudiu Jorge.

— Terei d'avivar recordações penosas; terei d'invo-car nomes esquecidos e memorias tristes. Não o farei por mal... Desculpem-me...

N'este momento entraram Maria e Thereza. A curiosidade dominava todos os espiritos; a anciedade lia-se no semblante de cada um.

Que revelações iria fazer o feitor?

Que segredos iria elle desvendar?

Que mysterios decifraria o zeloso velho?

Vamos ouvir-o.

E elle principiou:

— Ha quasi dezeseite annos, que, por uma tenebrosa noite de Dezembro, um homem veio bater, seriam 10 horas, á porta d'esta casa. Trazia comsigo uma criança recém-nascida, e quando viu que lhe vinham abrir a porta, deixou a innocente sobre a pedra da soleira, e fugiu para que o não conhecessem. A criança abandonada n'essa noite, aqui, á porta do presbyterio, era Leonor; o desconhecido que a conduzia, era eu.

Nenhum dos ouvintes se movia. O feitor proseguiu:

— Vinha a criancinha commodamente deitada n'um açafate de vimes, forrado por dentro e por fóra, para

impedir que o frio lhe penetrasse, e acompanhava-a uma carta, que deve estar em poder do snr. padre Miguel, bem como uma pequena cruz de brilhantes, se é que, essa criança, não continuou a conservar-a no pescoço, aonde a trazia, então, presa por uma estreita fita de seda verde.

— É verdade, senhor; a cruz e a carta estão ainda em meu poder.

— E nunca me disse nada, meu padrinho! accudiu Leonor.

— Ainda não era tarde, filha. Para que havia de aguçar-te a curiosidade se eu não podia satisfazer-t'a?

— Seu pae, snr. Jorge, vivia n'essa epocha, ora em Vizeu, aonde sua santa mãe tinha expirado um mez antes, succumbindo aos desgostos e maus tratos que elle lhe dera, ora no *Casal dos Carvalhos*, para onde, de Vizeu, tinha levado uma desgraçada senhora, de nome Leonor, e oriunda d'uma familia decente e remediada, e que morreu tambem, pouco depois de ter dado a vida á engeitadinha do presbyterio. Essa desditosa senhora, crivada de desgostos, como sua mãe, snr. Jorge, talvez em paga do mal que voluntaria ou involuntariamente lhe causou, desamparada por seu pae nos ultimos poucos dias que viveu ainda, chamou-me no momento fatal em que estava para exhalar o derradeiro suspiro, depois d'um parto laboriosissimo, a que só assistiu Josepha, já então creada do *Casal*, pediu-me papel e tinta, sentou-se, á custa de grandes esforços, no leito, aonde soffria — Deus sabe que profundas dôres — e escreveu a carta que

depois acompanhou Leonor. Nem sei como teve forças para concluir. Quando terminou estava como que exausta. Entregou-me a folha de papel, fez-me aproximar do leito, e pediu-me que guardasse, bem guardado um pequeno cofre, que estava ao lado, sobre uma meza do aposento, e que viesse depositar á porta do presbyterio de Santo Estevam, a filhinha a que acabava de dar vida, e que lhe mettesse no meio das roupinhas d'ella a carta terminada n'aquelle momento. Eu e Josepha tentamos oppôr-nos a tal deliberação, porque para nós desejavamos a mimosa criança; ella porém insistiu e nós cedemos. Tal era a confiança que a desventurosa senhora depositava no presbytero de Santo Estevam... Deu-se isto, seriam 8 horas da noite, e que noite aquella, meu Deus! Antes de partir para aqui, apresentei-lhe a innocentinha, que ia ser exposta, que ia ser engeitada e despresada, e foi sobre ella que a infeliz chorou as ultimas lagrimas! Lembra-me isto, como se fosse hoje!... Beijou-a, beijou-a muito, cobriu-a de muito pranto, e desprendendo do pescoço uma pequena cruz de brilhantes, que lá trazia, atou-a ao pescoço da innocentinha e disse-me cançada, quasi que já sem poder fallar-me: — Vá, José Maria, vá entregal-a ao snr. cura de Santo Estevam, que ha de olhar para ella; quando voltar já me não encontra viva, por certo. Guarde o cofre que lhe confiei, e d'aqui a vinte annos, se viver como espero que viva, vá restituil-o á minha filha, e diga-lhe que é tudo quanto tinha para deixar-lhe... Conte-lhe então a minha desgraçada historia e ensine-lhe a perdoar a quem

me matou, como eu lhe perdôo agora... Vá, José Maria... — E não pode continuar porque a voz quasi de todo se lhe prendeu na garganta! Era bem digna de melhor sorte! Confiei de Josepha o cofre, beije, chorando, as mãos áquella martyr e parti! O ultimo olhar que me lançou era um olhar em que se lia um grande agradecimento! Metti pelos atalhos e venci o caminho a pé, n'uma noite terrivel, em menos de tres horas, porque ás 10 estava aqui. Deixei a criança senhor — Deus sabe com que magoa — e regresssei tão rapido como viera. Quando cheguei ao *Casal dos Carvalhos* a infortunada senhora estava morta!...

O feitor e os circumstantes tinham os olhos marejados de lagrimas; Leonor soluçava; o velho como que descançou e continuou:

— O snr. Jorge, que poucos annos tinha n'esse tempo, estava de luto por sua mãe, e vivia em Coimbra, n'um collegio, para onde, á força, o tinha mandado o snr. Jeronymo d'Albuquerque, seu pae, só para o furtar ás caricias da esposa, que elle matava com mais esse desgosto. A infortunada senhora foi sepultada no dia immediato. Seu pae nem uma lagrima chorou em Vizeu, como depois soube... Já tinha então quem a substituísse. Ficou entre mim e Josepha o terrivel segredo, e durante quasi dezesete annos nenhum de nós dois o revelou nunca. Pouco tempo depois, seu pae ia, n'uma noite, do *Casal dos Carvalhos* para Vizeu, quando ao atravessar um atalho, n'um logar sombrio, escuro e deserto, foi atacado por uns poucos de malfeitores mas-

carados, que o estenderam, logo, ás primeiras pancadas, com que lhe esmigalharam a cabeça. Oh! causava horror vê-lo, como eu o vi! O snr. Jeronymo tinha muitos inimigos, e não era porque fosse mau, era sómente porque não podia fugir ao seu desditoso destino. As authoridades trataram de vêr se descobriam os assassinos, mas nunca o conseguiram. Correu que uns parentes da desgraçada senhora tinham assalariado uns criminosos para commetterem a morte, mas nunca se colheram provas para se processarem. O caso, muito fallado nos primeiros dias, foi passando, passando, até que, afinal, esqueceu, como acontece a tudo. O senhor continuou a viver em Coimbra, aonde completou a sua educação, graças á tutela d'um bondoso homem de Vizeu, até que, poucos annos ha, de lá veio a tomar conta do que lhe pertencia, retirando-se para o *Casal dos Carvalhos*. Ha poucos dias achei-me collocado n'uma terrivel posição, quando, ao noticiar-me a resolução que havia tomado de se casar, me deu parte que tinha escolhido para noiva uma pupilla do snr. padre Miguel. Não conhecia a existencia de outras orphãs, aqui, além de Leonor, e por isso fiquei convicto de que tencionava ligar-se a ella. Vi a impossibilidade d'esse enlace, como é claro, e com modos brandos o tentava desviar, porque ainda não haviam decorrido os vinte annos da minha promessa, quando me annunciou que vinha hoje pedir a mão da sua noiva ao snr. padre Miguel. Como poderia eu faltar a vir dar estes esclarecimentos, quando tinha, para mim, sem duvida, que era a sua irmã que o snr. Jorge vinha pedir?

— De modo nenhum, senhor, fez o que devia, acudiu o presbytero.

— Devo, por tanto estar desculpado. Ao menos, restitui-lhe uma irmã perdida.

— Irmã que eu estimarei muitissimo, acudiu Jorge.

— E eu tambem, disse Rosa.

— Não perdi tudo, interveio Leonor, chorando, mas antes o queria meu noivo!

— E aonde está o cofre de minha irmã? perguntou Jorge.

— Aqui; trouxe-o commigo.

— E a chave?

— É esta.

— Aqui tem, Leonor, disse Jorge entregando tudo a sua irmã.

— Está como o recebi das mãos de sua mãe, porque nem sequer o abri, disse José Maria.

— Temos a certeza d'isso, acudiu o presbytero.

Leonor pegou no cofre, collocou-o sobre uma meza, e abriu-o.

Sahiram de dentro uns perfumes suaves, languidos, se bem que meio desvanecidos.

A afilhada do presbytero como que teve receio de começar a desaninhar aquelles objectos, em cada um dos quaes desabrochavam recordações mais ou menos dolorosas, cada um dos quaes representava, talvez, uma epocha, uma data, um momento passado! Aquillo eram as cinzas d'um monumento em ruinas, d'um edificio des-

feito, que a mente podia reconstruir tal como foi, tal como existiu!

A formosa menina animou-se, no entretanto, e foi tirando os objectos que o cofre continha. Primeiro um lenço bordado, de cambraia fina com um *L* no meio, depois um broche de ouro com a miniatura de um homem realmente formoso. Jorge, apenas lhe lançou os olhos exclamou logo:

— Oh! esse retrato é o de meu pae! Conheço-o perfeitamente! Era uma criança, mas conheço-o como se o estivesse vendo em pessoa! Deus lhe perdoe! Era um desgraçado!

E tomou o retrato das mãos de Leonor, e cobriu-o de beijos e de lagrimas.

— O retrato de nosso pae! ajuntou Leonor.

E continuou a despejar o cofre, tirando e depondo sobre a meza, ao lado, umas pulseiras, uns anneis, uns brincos, duas cruces de ouro e alguns cordões. No fundo havia umas rosas sêccas, e por ultimo uma pequena caixa, como as que então se usavam para retratos. Leonor abriu-a e o padre Duarte que tinha, em silencio, e altamente commovido, olhado aquelles objectos todos com olhos de viva tristeza, exclamou de subito:

— Ah! ahí a tens, a tua santa mãe, minha filha! Esse retrato não mente! É o teu semblante, o teu olhar doce e meigo, a tua expressão de bondade, Leonor!

— Oh! minha querida mãe! balbuciou a formosa menina, com os olhos marejados de lagrimas.

—É ella, a infeliz senhõra! acudiu o feitor que se havia approximado.

—Oh! murmurou o padre, como tudo isto é triste, e, ao mesmo tempo consolador! Leonor encontrou um irmão vivo e a imagem de sua mãe, que Deus tem! O snr. Jorge tem agora uma irmã e o retrato de seu pae! Eu achei um substituto para o amparo e para a protecção que devia ás minhas pupillas; póde Deus levar-me agora que já vou feliz! Rosa encontrou um noivo digno do seu coração. O snr. José Maria alliviou-se d'um dever que por certo, lhe pesava muito! Parece-me que o céo foi por nós todos; sejamos tambem por quem no céo, talvez, por nós intercedesse. Vamos render graças a Deus, e orar pela memoria dos que Elle levou...

—Vamos lá! exclamou Jorge. E tu, José Maria, deixa-me agradecer-te! De hoje em diante não és o meu feitor, serás uma pessoa, muito querida, de minha familia, meu amigo!

—Obrigado, snr. Jorge, disse o velho, abraçando-o a chorar.

—E tu, Mariquinhas, não dizes nada, filha? perguntou o padre á orphã que o olhava com expressão de candura.

—Que quer que eu lhe diga, meu protector? Rosa, minha irmã, vae deixar-nos para ser feliz e fazer a felicidade do snr. Jorge. Eu e Leonor ficaremos a trabalhar para a sua.

—De certo, meu padrinho, acudiu Leonor.

— Não deixarei, pela minha parte, disse Rosa, de continuar a ser vossa irmã muito amiga, e protegida muito grata aos benefícios do senhor padre Miguel.

— Bem hajam, minhas filhas! Deus hade abençoar-vos a todas!

— Como sempre! acudiu Thereza do lado.

— Vamos render-Lhe graças para o merecermos, disse o padre.

— Vamos lá, ajuntou José Maria.

Sahiram.

Tomaram para a igreja de Santo Estevam.

Jorge ia adiante com a sua noiva querida; atraz o padre Miguel, com Leonor da direita e Maria da esquerda, e, por fim, José Maria e Thereza. O *Tigre* na vanguarda, olhando, de quando em quando, para traz.

Havia no olhar de cada um as irradiações da suprema ventura, casadas com um certo que de'vaga melancholia. Parece um paradoxo, mas não o é.

Era o futuro a sorrir, d'um lado, o passado a melancholisar por outro! Eram as esperanças e as saudosas recordações em intimo enlace!

Entraram ao templo, illuminado, então, pelo eterno cyrio do sol brilhante.

Ajoelharam, oraram, com religiosa unção, durante quasi um quarto de hora, e quando regressaram ao presbyterio, já de todo se haviam desvanecido as tenues sombras, que pouco antes, pairavam nos semblantes

d'aquelles entes, ligados pelos laços d'uma affeição sincera e inspirada pelo céo!

Como não foi alegre o jantar d'aquelle dia! Que de sorrisos e de jubilos não animavam o presbyterio de Santo Estevam! Que dias de suprema dita se não phantasiaram alli!

Leonor é que, por vezes, se não podia conformar com a ideia de não lhe aproveitar o amor que Jorge votava a Rosa, embora tivesse, n'elle, achado um irmão muito dedicado. Tinha, porém, momentos, em que, ao lembrar-se das desditas de sua mãe e da desgraça que lhe matou seu pae, julgava justo que o céo lhe tivesse deparado um irmão em Jorge. Eram as alternativas do seu character. N'isto só se traduzia a sua candura, o mimo da sua indole juntamente com o affecto, que silenciosamente criára pelo sympathico mancebo.

O que é certo é que se o padre Miguel Duarte da Silva, parochio da aldeia de Santo Estevam escrever um dia as suas memorias, ricas paginas, formosos capitulos deve traçar, quando o assumpto tocar nas commoções dulcissimas, do dia que estava passando! Deve ser um poema, em que os sentimentos gratos hão-de attingir a sublimidade celeste!

Aquellas conversações animadas; aquelle rir franco, leal e sincero; as revelações impregnadas de perfumes que melancholisam; aquelle estar vendo futuros horisontes, fartissimos de flôres e d'alegrias; aquelle mutuar affeições nobres, santas, elevadas; aquelle sentir o coração em encantados effluvios, a alma em candidos vôos;

aquelle vêr com os olhos da propria satisfação, a satisfação nos olhos de cada um; aquelle magico e suave delirar, em que o espirito de cada um se prende ao espirito dos outros, em que a vontade d'um é a vontade de todos, em que um coração se sente parte dos corações que alli pulsam jubilosamente, tudo, emfim, quanto se passou, e tinha de passar-se n'aquelle dia, deve inspirar deslumbrantes estrophes no sublime poema da vida do velho, do bondoso presbytero!

Quando, ao fim da tarde, Jorge e José Maria deixaram Santo Estevam, se uns ficavam com saudades e outros as levavam, nem ficavam nem iam, agora, as profundas tristezas do costume, porque, a uns e a outros, dominavam os esplendidos sonhos da esperança, as intimas doçuras do amor, e os doces effluvios da ventura!

O padre Miguel Duarte via realisado o seu desejo, porque Leonor, tendo um irmão dedicado não podia ser infeliz.

Jorge era ditoso, porque ia ter uma familia, e tinha já uma noiva que o idolatrava.

Maria partilhava da ventura, que, tão prodigamente, derramava as suas flôres sobre a cabeça de Rosa.

José Maria rejubilava-se com a dita de Jorge.

Thereza sentia com os sentimentos do bondoso presbytero.

Eram, por fim, ditosos todos!

Josepha, quando á noite, no *Casal dos Carvalhos* se

encontrou, só, com José Maria, perguntou logo, com a avidez de quem estava desesperada pela impaciencia:

— Então?

— Somos dois asnos! respondeu o feitor, laconicamente.

Josephha não replicou.

— Dois asnos, sim, repetiu o feitor. O snr. Jorge casa e casa muito bem. A noiva não é ella...

— Como?

— Porque é outra, está claro.

— Ora essa!

— Leonor lá está, mas com ella estavam mais duas orphãs, e d'essas duas é que o snr. Jorge escolheu uma!

— Percebo agora! E que tal é ella?

— Um anjo tambem! Toda aquella gente é boa!

— Emfim, estamos alliviados do peso que traziamos!

— Se nós eramos tão tolos, que nem tratavamos de indagar quem elle havia escolhido para esposa! O que te digo é que o snr. Jorge vae ser muito feliz!

— Ainda bem! Deus ouviu as minhas orações!

— E provavelmente as da martyr, que morreu em Vizeu!

XVII

CONCLUSÃO

I

Não ha, na humana linguagem, termos e expressões, que bem possam pintar ou descrever as grandes felicidades d'este mundo. A phrase é sempre dubia, incorrecta a pintura, nos casos em que só a dicção celeste se harmonisa com o assumpto e se póde elevar á altura d'elle. As divinas sublimidades são mais para se cantarem nas afinadas harpas dos anjos do empyrio, do que para serem reproduzidas pela escripta ou pela palavra, por quem, com quanto possa comprehendel-as e sentil-as, se vê realmente minguaado de recursos para o fazer. A felicidade, é, na terra, um luminoso reflexo do céo; de lá traz a sua essencia, as suas bellezas e os seus encantos. Desenhá-la é reproduzir os santos logares, e o que n'elles se gosa, e para isso é que não ha rigorosos pinceis, nem genios excepçionaes.

Nós também quasi que nada temos a additar aos dezeseis capitulos d'esta despretenciosa narrativa, porque as venturas refflorescidas depois dos ultimos successos, de mais, e com verdade, as hão largamente phantasiado a leitora e o leitor, que tiveram a generosidade de nos seguir.

Será superfluo tudo quanto possa dizer-se, depois do que ficou dito.

No entretanto, seja-nos grato, o assistirmos, até final, á realisação da completa felicidade de Jorge d'Albuquerque, de Rosa, a orphã do velho Pedro, e de todas as outras pessoas do presbyterio, com quem havemos travado agradaveis relações, e pelas quaes, sem duvida, tão do intimo nos havemos interessado.

O enlace de Rosa com Jorge foi determinado para d'alli a dois mezes.

A nova espalhou-se em Santo Estevam, com admiração de uns, com inveja de outros, sobretudo, da nossa conhecida comadre Anna, apesar de casada, e com espanto e surpresa de todos.

Rosa recebeu felicitações—algumas bem forçadas—de todas as amigas e conhecidas; o padre Miguel Duarte por todos foi saudado, com verdadeiro jubilo e sincero affecto.

Durante os dois mezes que tinham de mediar até á consumação do santo sacramento, se, por um lado, Rosa e Jorge faziam os seus preparativos, também, por outro, a aldeia se convocava e unia, para fazer, no dia re-

jubiloso, uma festa digna do acto, e sobretudo, do santo, do sabio, do justo parochio.

Jorge encomendou para o Porto um enxoval mimoso para presentear a sua noiva; o padre Miguel fez quanto podia, porque derramou nas mãos de sua orphã e pupilla, a bolsa das suas economias, durante os ultimos tempos.

O casamento devia effectuar-se em Santo Estevam, tendo por celebrante o velho presbytero.

Havia reboição no presbyterio, que andava sendo disposto para os contentamentos do grande dia; na modesta igreja lavavam-se os vidros das altas e estreitas janellas, para que melhor deixassem brincar o sol no pavimento, aonde echoariam as vozes d'aquella festa; mettiam-se vellas novas nos castiçoes de todos os altares, enfeitavam-se estes, de novos ramos de flores artificiaes, mimoso trabalho das mãos de fada de Leonor, e de novas toalhas, rendilhadas, bordadas, neve na alvura, primores ainda da prendada menina.

Havia no cuidado de cuidar de tudo aquillo, as sublimes excellencias do delongado prazer d'esta felicidade que põe a creatura em contacto com o céo, o espirito, nas alturas, com Deus, e o corpo ao abrigo das enfermidades que o prostram e gastam.

II

Alvoreceu esplendido o dia determinado para tão pomposa festa. Era um domingo. O padre Miguel Duarte, quando, ao romper d'alva, se levantou para esperar Jorge, que devia chegar acompanhado de José Maria, e abriu as portas do seu aposento, para, da varanda, espreiar a vista, e como que dilatar o espirito, inquieto, doudejante por tão alevantados vãos, como os que lhe fazia dar a felicidade, que o dominava, ficou mais que muito surpreso ao vêr o adro da egreja, enfeitado de phantasiolos arcos de murta e de flores, como arcos de triumpho, por onde deviam passar os noivos a sorrirem amores, á luz dos muitos olhares, que, em alas, e talvez cubiçosos, os iriam contemplar.

Era uma povoação inteira, manifestando, d'aquelle modo, ao seu parochio, como partilhava dos santos enfloramentos da sua alma.

— Bemdito seja Deus! exclamou elle. Até o meu rebanho me faz mercê de mais pompas!

Jorge chegou meia hora depois, e ao apeiar-se á porta do presbyterio, aonde já o esperavam Rosa, o padre, Maria e Leonor, uns quatro camponezes romperam em alentados *vivas*, e uns outros quatro que constituíam uma orchestra com um violão, uma flauta, uma rebeca e uns *ferrinhos*, executaram uma d'estas composições musicas do grande *maestro* chamado povo, impregnada

d'esses perfumes de singelleza e de poesia, que só as almas contemplativas, podem apreciar.

O programma da solemnidade era o seguinte: — Ás sete horas dirigir-se-hiam todos á egreja; o padre Miguel Duarte celebraria o casamento, com a assistencia dos habitantes da sua aldeia, procederia, em sêguida, ao officio da missa, findo o qual regressariam ao presbyterio, onde Thereza devia ter prompto um opiparo almoço.

Jorge para commemorar tão faustoso dia, pôz á disposição do padre Miguel a sua bolsa, para que d'ella distribuisse, aos mais pobres, aos enfermos e incapazes de trabalho por motivo justificado, a esmolla de quinhentos reis. Era realmente uma commemoração digna!

O programma executou-se pontualmente.

Rosa ia commovida, mas deslumbrante de encanto; havia na singelleza dos seus modos, na timidez do seu olhar, nos sorrisos que lançava ás suas amigas, durante a ida e a vinda, um quê de mago, d'angelico e de suave.

Leonor e Maria, iam como duas pombas, alteradas pelas commoções suaves d'aquelle dia, desejosas de igual felicidade á de Rosa, mas não invejosas, d'esta inveja que poderia achar indigna a ventura de sua irmã e da sua amiga.

O padre Duarte e José Maria iam avergados ao peso do indescriptivel jubilo, ao verem tantas alegrias, tantas demonstrações d'affecto, tantos perfumes de ventura, perfumes em que iam misturados todos os que desabrochavam as flores de sua alma, as rosas do seu dellyrio de satisfação.

Ao terminar a solemnidade, Jorge beijou a mão a Rosa e disse-lhe sorrindo:

— És minha, agora!...

— Obrigado, Jorge, pela felicidade que estou sentindo! respondeu ella.

O padre Miguel chorava na sacristia ao despir as vestes sacerdotaes; Maria e Leonor, depunham um beijo na fronte de Rosa.

Onde ha affectos que mais sublimemente se traduzam? Onde ha felicidade que mais resplenda?

III

Se, n'aquelle memoravel dia, o presbyterio era uma colmeia d'alegrias, o resto da povoação andava ebrio, em delongados e phantasiosos folgares, mais delyrantes, sem duvida, do que aquelles que animam todas as romarias da nossa fertil provincia da Beira.

Danças e descantes, tocatas e folguedos, tudo alli cabia, tudo se executava, tudo se punha em pratica. E de todos os festejos d'aquelle dia, o menor, não era, de certo, o das orações que os pobres e enfermos, contemplados por Jorge, mandavam ao céo, pedindo a Deus, para os dois noivos, largos annos de vida, fartos de benções celestes.

As occorrencias do presbyterio, os sorrisos, as alegrias, os intimos contentamentos, os santos effluvios, as gratas recordações, as torrentes de perguntas e respos-

tas, as mutuas afirmações d' affecto e d'estima, as deliciosas conversas, os doces devaneios, tudo, emfim, quanto se passava em cada hora, em cada momento, ao almoço, ao jantar, durante o dia, na sala, nos quartos, na varanda, não é para gravar-se n'uma pagina, senão para encher volumosos livros.

Era um bando d'aves gorgeiando amorosos modilhos! Era uma nesga do céu com todo o seu deslumbramento! Era uma coisa de tão altas excellencias, que os proprios que a logravam, chegavam, por momentos, a duvidar se estariam sonhando!

Ao declinar da tarde, porém, aquellas alegrias foram perdendo d'intensidade; as lyras d'aquelles corações, que mandavam ao céu os seus hymnos de gratidão, afrouxaram, a pouco e pouco. Foram-se esmorecendo, a par e passo, as irradiações vivas que cercavam cada rosto, como aureolas de ventura.

É que Jorge e Rosa iam partir, e os suaves pungimentos da saudade desdobravam sobre cada alma o seu véo de melancholias.

Os alvoroços e os enthusiasmos da matutina chegada iam-se trocando pelas contracções produzidas pelo aneio da partida.

Bem quizera o padre Miguel que os seus filhos, como elle os appellidava, lhe fizessem mercê de companhia durante alguns dias, mas o presbyterio era limitado para familia tão numerosa, a menos que se não déssem todos á mingoa de commodidades.

Soou a hora fatal; fizeram-se os ultimos aprestos, e

os derradeiros protestos d'estima. As lagrimas das despedidas, os soluços do apartamento, começaram a embargar a voz em todas as gargantas.

Que de abraços! que de apertos de mão! que beijos tão expressivos! que olhares tão nublados de tristeza! que palavras tão unguidas de sentimento! que adeuses tão sentidos!

Leonor chamou por ultimo Rosa ao seu aposento, e depois de a ter beijado com lagrimas nos olhos, mettelhe uma pequenina caixa na mão, dizendo-lhe:

— É o meu presente de noivado. Desculpa. Dou-te o que tinha, agora, de mais precioso n'este mundo. São as lagrimas de minha mãe!

— Obrigada, minha Leonor. Mas eu não queria que ficasses sem ellas!

— Fico com a imagem d'essa santa, Rosa.

No mesmo momento o padre abraçava Jorge, chorando, commovido, a dizer-lhe:

— Veja lá se a felicidade o faz agora esquecer de quem o ama muitissimo!

— Nunca, senhor!

— Leve este livro que é o maior thesouro que possui, e o brinde mais digno que posso offerecer lhe. É a *Imitação de Christo*, que eu sei que folheou no primeiro dia que entrou ao presbyterio. Ao menos, pôde avivar-lhe essa recordação!

— Agradecido, meu amigo. Heide lê-lo muitas vezes á minha Rosa, no doce remanso do nosso lar!

Pouco depois trocavam-se as scenas. Jorge beijava Leonor na frente e dizia-lhe com meiguice:

— Sou teu irmão e irmão que te quer muitissimo!

Rosa estreitava nos seus braços sua irmã Maria e soluçava, balbuciando:

— Meu marido deixa-me intacto, no coração, o logar que cá tinhas.

José Maria recebera as ordens de Jorge, agradecera ao padre Miguel a sua bondade e recolheu ao *Casal dos Carvalhos*, furtando-se áquella separação.

Thereza, quando Rosa e Jorge cavalgavam dois possantes cavallos para se dirigirem a Espinho, aonde iam tomar banhos e passar a lua venturosa, exclamou da porta da rua:

— Escreva sempre, snr. Jorge!

E Jorge e Rosa deixaram o presbyterio, olhando para traz, nas derradeiras despedidas, em quanto puderam avistal-o, e pouco depois deixavam Santo Estevam.

Contrastes d'este mundo e da existencia!

Quem diria, agora, de quantos sorrisos e alegrias se viu exornado o presbyterio, na manhã d'aquelle dia! As nuvens da melancholia empanaram o céo azul e limpido d'aquelles olhares!

Quando, mais tarde, Leonor e Maria foram dar ao padre Miguel as boas noites, no quarto, aonde passeiava, relembrando, talvez, todas as passagens d'este singello romance, abençoou-as, chamou-as a si, collocou uma de cada lado, e disse-lhes meigamente:

— Não chorem mais, minhas filhas! Rosa é feliz,

Era justo que ficassem para me ampararem nos ultimos annos.

— Será felicidade nossa, dar-lhe Deus muita vida, meu padrinho! murmurou Leonor.

IV

Ainda hoje vivem todos os personagens que têm um logar n'esta humilde narrativa.

O padre Miguel Duarte, Leonor e Maria, gosam, em Santo Estevam, as delicias d'uma vida, que a paz e a suavidade enfloram constantemente.

Jorge e Rosa vivem no *Casal dos Carvalhos*, um para o outro, um do outro, e ambos para tres formosas crianças, que alegam com os seus gritos, aquelle ninho solitario e silencioso de outros tempos.

Vêm todos os annos a Espinho, a uso de banhos de mar, e foi lá que o acaso nos fez mercê das suas apreciaveis relações, ha dois annos, e que elles, n'uma formosa noite de setembro, sentados na praia, ao som do eterno marulhar das vagas, e á luz tremeluzente das estrellas, nos deram os apontamentos, com que architectamos este pequenissimo monumento. Jorge quando terminou a narrativa, que aqui reproduzimos disse, cheio d'intimo jubilo:

— Se tivesse esmagado os impulsos do coração para vêr se encontrava dinheiro, em vez d'uma esposa como tenho, não era de certo tão ditoso como sou.

Rosa sorriu-se e pediu-me:

— Sei que escreve; se algum dia contar os nossos amores, dê ao seu livro o nome de *Cruz de Brilhantes*. E sabe porque lhe peço isto? Porque quero restituir a minha irmã Leonor a herança da martyr, que foi sua mãe.

FIM.



INDICE

	PAG.
Prologo.....	13
I—A vida no presbyterio.....	31
II—Um susto agradavel.....	43
III—A morte de Pedro.....	55
IV—A enchente no presbyterio.....	65
V—A partida de Jorge.....	75
VI—O desabrochar das flôres.....	89
VII—Alegrias, amor e expansões.....	101
VIII—No Casal dos Carvalhos.....	115
IX—Colloquios secretos.....	127
X—A carta de Jorge.....	139
XI—Conversa de comadres.....	151
XII—Surpresa do padre Miguel.....	165
XIII—A pomba feita leôa.....	179
XIV—A decisão de Jorge.....	191
XV—Flôres e espinhos.....	205
XVI—Revelações.....	219
XVII—Conclusão.....	233

ERRATAS MAIS IMPORTANTES

PAGINA	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
49	quando voltara Leonor!	quando voltara, Leonor?
116	local, na que assenta.	local, em que assenta.
116	pesca algum solitario	passa algum solitario.
117	das vozes d'um monte	das urzes d'um monte.
118	vezes o trouxe ao collo	vezes trouxe ao collo.
124	ô precipitado e fatal irmão	a precipitada e fatal união.
128	terminava ligar-se	determinava ligar-se.

(m. 1)

PREÇO... 500 REIS

APR 0 1909



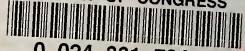
Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Nov. 2008

PreservationTechnologies

A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION

111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111

LIBRARY OF CONGRESS



0 024 331 784 8

